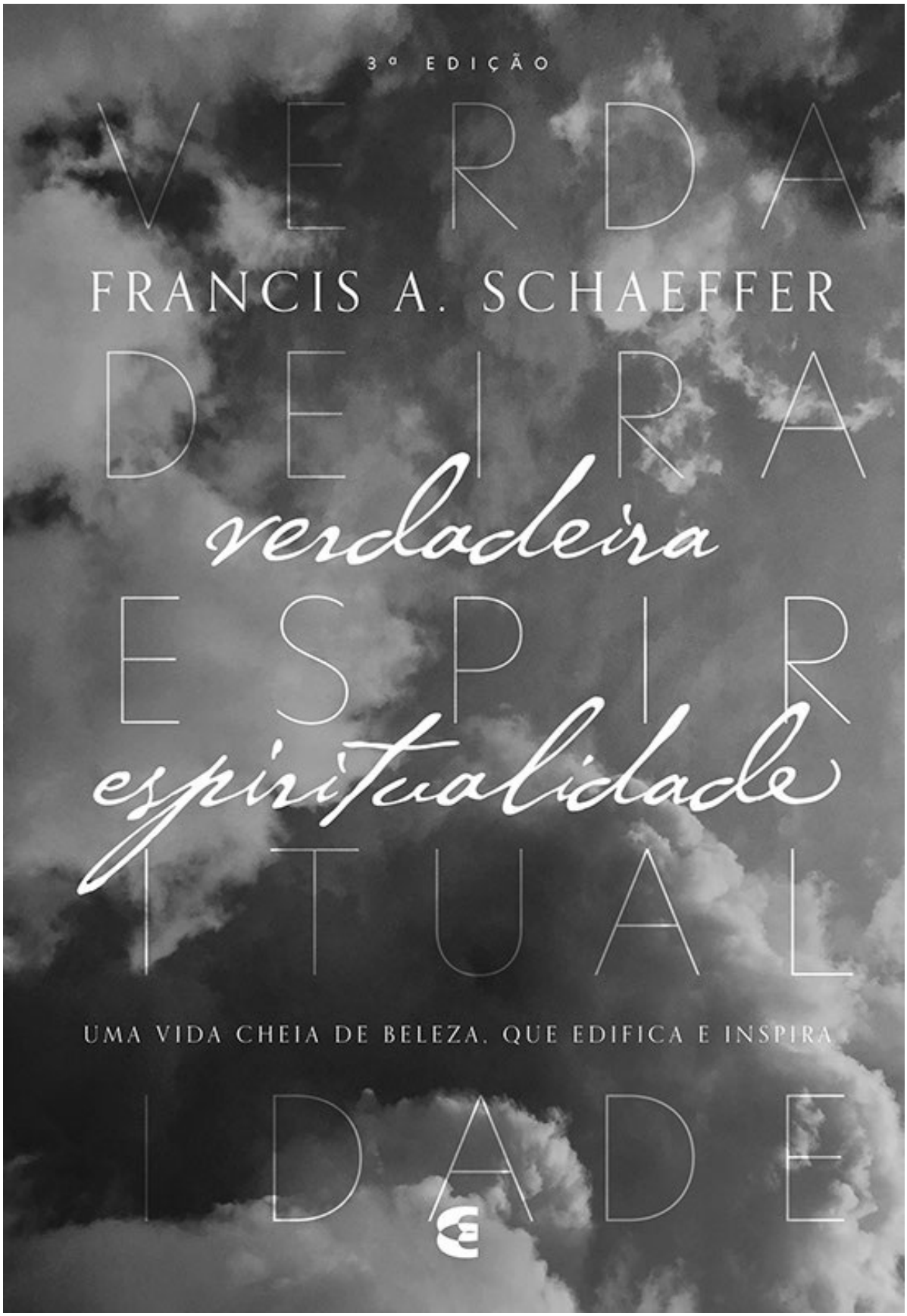

3ª EDIÇÃO
VERDADEIRA
FRANCIS A. SCHAEFFER
DEIRA
verdadeira
ESPIR
espiritualidade
ITUAL
UMA VIDA CHEIA DE BELEZA, QUE EDIFICA E INSPIRA
IDADE


3ª EDIÇÃO
VERDADEIRA
FRANCIS A. SCHAEFFER
DEIRA
verdadeira
ESPIR
espiritualidade
ITUAL
UMA VIDA CHEIA DE BELEZA, QUE EDIFICA E INSPIRA
IDADE


3ª EDIÇÃO
VERDADEIRA ESPIRITUALIDADE
FRANCIS A. SCHAEFFER
verdadeira espiritualidade
UMA VIDA CHEIA DE BELEZA, QUE EDIFICA E INSPIRA

Verdadeira espiritualidade 1999 © Editora Cultura Cristã. Publicado originalmente por Tyndale house Publishers com o título True spirituality, de Francis A. Schaeffer. Traduzido e publicado pela Editora Cultura Cristã com permissão de Tyndale House Publishers, Wheaton, Illinois 60187, USA. Todos os direitos são reservados.

1ª edição 1999

2ª edição 2008

3ª edição 2021

Conselho Editorial Cláudio Marra (Presidente) Christian Brially Tavares de Mede

S294v

Schaeffer, Francis A.

Verdadeira espiritualidade / Francis A. Schaeffer; tradução Hope Gordon Silva. –- São Paulo: Cultura Cristã, 2021.

Título original: True spirituality

Recurso eletrônico (ePub)

ISBN 978-65-5989-149-8

Tradução: Gospel centred preaching

1. Vida cristã. 2. Cosmovisão. I. Silva, Hope Gordon. II. Título.

cdu 248.15

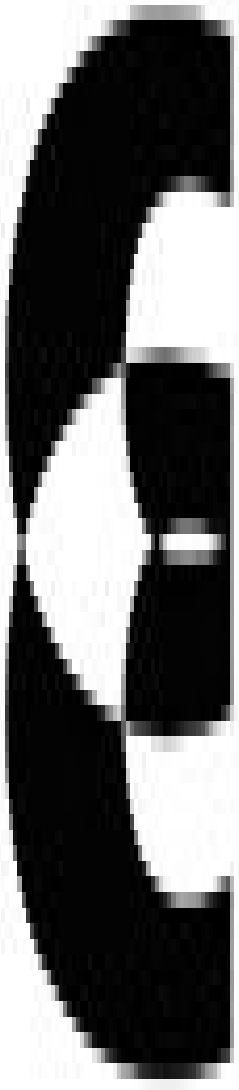
Sueli Costa - Bibliotecária - CRB-8/5213

(SC Assessoria Editorial, SP, Brasil)

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus "símbolos de fé", que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de

compreender a Escritura. São esses símbolos a Confissão de Fé de Westminster e seus catecismos, o Maior e o Breve. Como Editora oficial de uma denominação confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.


Respeite o direito autoral



EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP 01540-040 – São Paulo – SP

Fones 0800-0141963 / (11) 3207-7099

www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Clodoaldo Waldemar Furlan

Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

A meus bons amigos

EDITH

PRISCILLA / JOHN

ELIZABEE

BECKY

JANDY

SUSAN / RAN

MARGARET

KIRSTY

FIONA

DEBBY / UDO

NATASHA

SAMANTHA

FRANKY / GENIE

JESSICA

Abril de 1971

sumário

Prefácio

Primeira parte: Liberdade imediata das amarras do pecado

Capítulos 1-7

Considerações básicas sobre verdadeira espiritualidade

1. A Lei e a lei do amor

2. A centralidade da morte

3. Da morte à ressurreição

4. No poder do Espírito

Unidade bíblica e verdadeira espiritualidade

5. O universo sobrenatural

6. A salvação: passada, presente e futura

A prática da verdadeira espiritualidade momento por momento

7. A esposa frutífera

Segunda parte: Liberdade imediata dos resultados das amarras do pecado

Capítulos 8-13

O homem separado de si mesmo

8. Livre na consciência

9. Livre na vida dos pensamentos

10. Cura substancial dos problemas psicológicos

11. Cura substancial e total da pessoa

O homem separado de seu semelhante

12. Cura substancial nos relacionamentos pessoais

13. Cura substancial na igreja

prefácio

-

Este livro está sendo publicado depois de vários outros, mas, em certo sentido, deveria ter sido meu primeiro. Sem o material que aqui se encontra não haveria hoje o L'Abri. Em 1951 e 1952 enfrentei uma crise espiritual em minha vida. Eu tinha voltado do agnosticismo e me tornado cristão muitos anos antes. Em seguida havia sido pastor por dez anos nos Estados Unidos, e então, durante alguns anos, Edith, minha esposa, e eu trabalhamos na Europa. Durante esses anos, pesava-me a responsabilidade de representar a posição cristã histórica e a pureza da igreja visível. Aos poucos, no entanto, constatei um problema – o problema da realidade. Ele tinha duas partes: primeiro, tive a impressão de que, para muitos daqueles que sustentavam a posição ortodoxa, faltava a realidade nas coisas que a Bíblia claramente dizia que deveriam ser o resultado do cristianismo. Segundo, gradualmente crescia em mim que minha própria realidade era menor do que deveria ser nos primeiros tempos antes de me tornar cristão. Reconheci sinceramente que eu precisava voltar e repensar toda a minha posição.

Morávamos em Champèry na época; eu disse a Edith que, por bem da honestidade, precisava mesmo percorrer o caminho de volta a meu agnosticismo para repensar todo o assunto. Reconheço que foi um período difícil para ela e que ela orou muito por mim durante aqueles dias. Eu saía a caminhar nas montanhas quando o tempo estava bom, e quando chovia andava de um lado a outro do celeiro do velho chalé em que morávamos. Eu caminhava, orava e meditava naquilo que as Escrituras ensinavam, ao mesmo tempo em que revia minhas próprias razões para ser cristão.

Ao repensar esses meus motivos de ser cristão, vi novamente que havia razões totalmente suficientes para saber que o Deus infinito-pessoal existe, e que o cristianismo é verdade. Indo adiante, vi algo mais que fazia profunda diferença na minha vida. Examinei o que a Bíblia dizia com respeito à realidade como cristão. Gradualmente fui vendo que o problema era que, com todos os ensinamentos que eu havia recebido depois de me tornar cristão, tinha ouvido muito pouco sobre o que a Bíblia diz quanto ao sentido da obra concluída de Cristo para nossa vida presente. Aos poucos o sol raiou e a canção soou.

Interessante é que, embora eu não tivesse escrito poesia nenhuma durante muitos anos, naquela época de alegria e canto descobri que a poesia fluía de novo – a poesia da convicção, da afirmação da vida, da gratidão e do louvor. Admito que a poesia não tenha sido das melhores, mas expressou a música no meu coração que era maravilhosa para mim.

Esta foi, e é, a base verdadeira de L'Abri. Ensinar as respostas cristãs históricas e responder com honestidade às perguntas sinceras são duas coisas cruciais, mas foi dessas lutas que veio a realidade, sem a qual um trabalho incisivo como L'Abri jamais teria sido possível. Eu e nós todos só podemos sentir gratidão.

Esses princípios que elaborei em Champèry foram apresentados pela primeira vez como palestras em um acampamento bíblico realizado em um velho celeiro em Dakota, EUA. Foi em julho de 1953. Eles foram feitos em restos de papéis no porão da casa do pastor. O Senhor deu-nos algo muito especial a partir dessas mensagens, e ainda me encontro hoje com pessoas que, quando jovens, tiveram seus pensamentos e suas vidas ali transformadas. Depois que L'Abri começou em 1955, preguei essas mesmas mensagens em Huémoz. Mais tarde foram elaboradas em forma mais desenvolvida e completa na Pensilvânia, em outubro e novembro de 1963. Apresentei-as novamente em Huémoz no fim do inverno e começo da primavera de 1964. Essa foi sua forma final, e a forma na qual foram gravadas nas fitas de L'Abri. O Senhor vem usando as gravações de um modo que nos comove profundamente, não só com aqueles que tiveram problemas espirituais, como em casos de muitos que também tinham necessidades psicológicas. Oramos para que a forma escrita desses estudos seja tão útil quanto as fitas gravadas têm sido em várias partes do mundo.

Francis A. Schaeffer

Huémoz, Suíça

Maio de 1971

PRIMEIRA PARTE

LIBERDADE IMEDIATA DAS AMARRAS DO PECADO

Capítulos 1–7

1

Considerações básicas sobre verdadeira espiritualidade

A Lei e a lei do amor

A questão diante de nós é saber o que realmente é a vida cristã, a verdadeira espiritualidade, e como ela pode ser vivida no contexto do século 21.

O primeiro ponto que devemos considerar é que é impossível até mesmo começar a viver a vida cristã ou entender alguma coisa da verdadeira espiritualidade antes de alguém ser cristão. A única maneira de se tornar um cristão não é tentando viver uma espécie de vida cristã, nem esperar por algum tipo de experiência religiosa, mas sim pela aceitação de Cristo como Salvador. Por mais complicados, instruídos ou sofisticados que sejamos, ou por mais simples que possamos ser, todos nós precisamos chegar do mesmo modo, quando se trata de tornar-se cristão. Assim como fisicamente os reis da terra e os poderosos do mundo nascem exatamente da mesma maneira que nasce a pessoa mais simples, assim a pessoa mais intelectual precisa se tornar cristã, exatamente como a pessoa mais simples. Isso é verdade para todos os homens, em toda parte, por todo o espaço e tempo. Não há exceções. Jesus disse uma palavra totalmente exclusiva: “Ninguém vem ao Pai senão por mim”.

A razão para isso é que todos os homens estão separados de Deus por causa de sua verdadeira culpa moral. Deus existe, Deus tem personalidade, Deus é um Deus santo, e quando os homens pecam (e todos precisamos reconhecer que pecamos, não só inadvertidamente como também intencionalmente), eles têm culpa moral verdadeira diante do Deus que existe. Essa culpa não é só o conceito moderno de sentimentos de culpa, uma emoção humana de culpa psicológica. É uma verdadeira culpa moral diante do Deus santo, infinito e pessoal. Somente a obra substitutiva consumada de Cristo na cruz como Cordeiro de Deus – na

História, no espaço e no tempo – é suficiente para remover isso. Nossa culpa verdadeira, aquele céu insolente que se interpõe entre nós e Deus, só pode ser removida com base na obra consumada de Cristo sem acrescentar nada da nossa parte. Toda a ênfase da Bíblia é que na aceitação do evangelho não pode haver nenhuma nota humanística acrescentada em qualquer ponto no processo. A única base para a remoção de nossa culpa é o valor infinito da obra realizada por Cristo, a segunda pessoa da Trindade, na cruz, mais nada. Quando então nós chegamos crendo em Deus, a Bíblia diz que somos declarados justificados por ele; a culpa se vai, e nós somos devolvidos à comunhão com Deus – para a qual fomos inicialmente criados.

Assim como a única base para a remoção da nossa culpa é a obra concluída de Cristo sobre a cruz, na História, sem acréscimo nenhum, assim o único instrumento para se aceitar essa obra consumada de Cristo na cruz é a fé. Não é fé no sentido do século 21 ou o conceito kierkegaardiano de fé como um salto no escuro – não é uma solução com base de fé na fé. É acreditar nas promessas específicas de Deus; não mais voltando as costas para elas, não mais chamando Deus de mentiroso, mas levantando as mãos vazias da fé e aceitando essa obra realizada de Cristo conforme cumprida sobre a cruz, na História. A Bíblia diz que nesse momento passamos da morte à vida, do reino das trevas ao reino do Filho amado de Deus. Tornamo-nos, individualmente, filhos de Deus. Somos filhos de Deus a partir daquela hora. Repito: não há como começar a vida cristã a não ser pela porta do nascimento espiritual, assim como não há outra maneira de começar a vida física a não ser através da porta do nascimento físico.

Mas depois de dizer isso sobre o início da vida cristã, precisamos também reconhecer que, embora de início seja necessário o novo nascimento, ele é apenas o começo. Não devemos pensar que, por termos aceitado Cristo como Salvador e assim já sermos cristãos, só exista isso na vida cristã. De certo modo, o nascimento físico é a parte mais importante da nossa vida física, porque não estamos vivos no mundo externo enquanto não nascemos. Por outro lado, entretanto, esse é o menos importante de todos os aspectos de nossa vida, porque é somente o começo, e logo é do passado. Depois que nascemos, o importante é viver nossa vida em todos os seus relacionamentos, possibilidades e capacidades. Acontece exatamente o mesmo com o novo nascimento. Por um lado, o novo nascimento é a coisa mais importante de nossa vida espiritual, porque só somos cristãos depois que passamos por isso. Por outro lado, no entanto, depois que a pessoa se tornou cristã, esse ponto precisa ser minimizado, no sentido de não termos sempre a mente voltada para o nosso novo nascimento. O importante,

depois de ser nascido espiritualmente, é viver. Há o novo nascimento, e então há a vida cristã para ser vivida. Essa é a área da santificação, desde o tempo do novo nascimento, por toda a vida presente, até Jesus voltar ou até nossa morte.

Frequentemente, depois que uma pessoa nasce de novo, ela pergunta: “O que farei em seguida?”; dão-lhe uma lista de coisas, geralmente de natureza limitada, e tendendo sempre ao negativo. Muitas vezes lhe dão a ideia de que se ela se abstiver dessas coisas negativas (em qualquer lugar que essa série de coisas ocorra, pode ser em um país particular, localidade e época em que por acaso ela viva), ela será uma pessoa espiritual. Não é verdade. A verdadeira vida cristã, a verdadeira espiritualidade, não é mera questão de um negativo não-fazer de qualquer lista pequena de coisas. Mesmo que a lista tenha começado como excelente lista de coisas para se resguardar naquele exato contexto histórico, ainda precisamos enfatizar que a vida cristã, ou a verdadeira espiritualidade, é mais do que se abster mecanicamente de certa lista externa de tabus.

E por isso ser verdade, quase sempre surge outro grupo de cristãos para começar a trabalhar contra a tal lista de tabus; então existe também uma tendência, uma luta nos meios cristãos entre aqueles que estabelecem certa lista de tabus, e aqueles que, sentindo que há algo de errado nisso, dizem: “Acabem-se todos os tabus, acabem-se todas as listas”. Ambos os grupos podem estar certos e ambos errados, dependendo de como abordam o assunto.

Fiquei impressionado com isso, certa noite de sábado em L’Abri, quando estávamos em uma de nossas reuniões de discussão. Naquela noite em particular, todos os presentes eram cristãos, muitos deles vindos de grupos em países onde “listas” tinham sido muito importantes. Começaram a falar contra o uso de tabus, e a princípio, ao ouvi-los, eu concordei um pouco com eles, na direção em que estavam indo. Porém, à medida que ia escutando, e quando falaram contra os tabus em seus próprios países, entendi claramente que a vontade deles, realmente, era só poder fazer as coisas que os tabus proibiam. O que desejavam mesmo era uma vida cristã mais frouxa. Mas é preciso enxergar que para desistir de tais listas, ao sentir as limitações da mentalidade da “lista”, não podemos fazer isso meramente para poder viver uma vida mais relaxada. Precisa ser com motivação bem mais profunda. Portanto, acho que os dois lados dessa discussão poderão estar certos e os dois lados poderão estar errados. Não chegamos à verdadeira espiritualidade, ou à verdadeira vida cristã, somente observando uma lista, mas também não é meramente rejeitando a lista, dando de ombros, e vivendo uma vida mais frouxa.

Se considerarmos as coisas externas relacionadas à verdadeira espiritualidade, teremos à nossa frente, não uma pequena lista, porém o todo dos Dez Mandamentos mais as outras ordens de Deus. Em outras palavras, se vejo a lista como um biombo, e digo que essa pequena lista é banal, morta, barata, e se eu pegar a proteção e lançar fora, então não estarei defronte de uma coisa mais solta; estarei confrontando todos os Dez Mandamentos e tudo o que neles está incluído. Também terei pela frente o que pode ser chamado da lei do amor, o fato de que devo amar Deus e devo amar meus semelhantes.

No livro de Romanos, capítulo 14, versículo 15, lemos assim: “Se, por causa de comida, o teu irmão se entristece, já não andas segundo o amor fraternal. Por causa da tua comida não faças perecer aquele a favor de quem Cristo morreu”. Essa é a lei de Deus. Em um sentido muito real, não há nenhuma liberdade aqui. É uma declaração absoluta de que nós devemos fazer isso. É bem verdade que não podemos ser salvos por fazer isso; não conseguiremos fazê-lo em nossas próprias forças; e nenhum de nós o faz com perfeição nesta vida. No entanto, é um imperativo. É um mandamento absoluto de Deus. O mesmo acontece em 1Coríntios 8.12 e 13: “Deste modo, pecando contra os irmãos, golpeando-lhes a consciência fraca, é contra Cristo que pecais. E, por isso, se a comida serve de escândalo a meu irmão, nunca mais comerei carne, para que não venha a escandalizá-lo”. Logo, quando eu examino uma lista banal e digo que é superficial demais, e a deixo de lado, preciso entender o que estou fazendo. Agora não me deparo com um conceito libertino, mas sou confrontado com o todo dos Dez Mandamentos e com a lei do amor. Assim, mesmo que estejamos tratando apenas de mandamentos exteriores, nós não teremos nos mudado para uma vida mais solta, mas ao contrário, teremos nos mudado para algo bem mais profundo e central. Para dizer a verdade, quando chegarmos ao fim da nossa luta honesta diante de Deus, muitas vezes descobriremos que já estaremos observando pelo menos alguns dos tabus dessas listas. Mas tendo nos aprofundado, descobrimos que os estaremos observando por um motivo completamente diferente. Curiosamente, com frequência, perceberemos de forma circular, passando por nossa liberdade, pelo estudo do ensino mais profundo, e descobrindo que realmente queremos manter essas coisas. Só que agora não pela mesma razão – a da pressão social. Não é mais só questão de obedecer a uma lista aceita a fim de que os cristãos tenham boa opinião de nós.

Contudo, finalmente, a vida cristã e a verdadeira espiritualidade deverão ser vistas não como externas, e sim internas. O clímax dos Dez Mandamentos é o décimo mandamento em Êxodo 20.17: “Não cobiçarás a casa do teu próximo.

Não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma que pertença ao teu próximo". O mandamento para não cobiçar é uma coisa totalmente interior. Cobiçar nunca é coisa exterior, pela própria natureza do caso. É fator intrigante observar ser esse o último mandamento que Deus nos dá nos Dez Mandamentos, e portanto o eixo do assunto todo. O resultado de tudo isso é que chegamos a uma situação interior e não a uma mera situação exterior. Na verdade quebramos esse último mandamento, de não cobiçar, antes de quebrarmos qualquer um dos outros. Toda vez que quebramos um dos outros mandados de Deus, significa que já violamos esse mandamento de Deus, cobiçando. Além disso, significa que sempre que quebramos um dos outros, quebramos esse último mandamento também. Então, quando desobedecemos a qualquer dos outros Dez Mandamentos, desobedecemos dois: aquele mandamento, e mais esse de não cobiçar. É o eixo da roda.

Em Romanos 7.7-9, Paulo afirma claramente que esse foi o mandamento que lhe fez sentir que era pecador:

Que diremos [...]? É a lei pecado? De modo nenhum! Mas eu não teria conhecido o pecado, senão por intermédio da lei; pois não teria eu conhecido a cobiça, se a lei não dissesse: 'Não cobiçarás'. Mas o pecado, tomando ocasião pelo mandamento, despertou em mim toda sorte de concupiscência; porque, sem lei, está morto o pecado. Outrora, sem a lei, eu vivia; mas, sobrevindo o preceito, reviveu o pecado, e eu morri.

Ora, ele não quis dizer que era perfeito antes; isso fica evidente pelo que Paulo vem dizendo: "Eu não sabia que eu era pecador; achei que tudo sairia certo, porque eu estava observando essas coisas externas e estava indo bem em comparação com outras pessoas". Ele poderia se comparar com a forma externalizada dos mandamentos que os judeus tinham em sua tradição. Mas quando abriu os Dez Mandamentos e leu que o último mandamento era para não cobiçar, enxergou que era pecador. Quando foi isso? Ele não nos conta, mas pessoalmente sinto que Deus estava operando interiormente nele, e fazendo com que ele sentisse essa falta mesmo antes da experiência na estrada de Damasco – já via que era pecador e estava preocupado à luz do décimo mandamento – e

então Cristo lhe falou.

Cobiçar é o lado negativo dos mandamentos positivos: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento [...] e amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mt 22.37,39).

O amor é interior, não exterior. Poderão existir manifestações exteriores, mas o amor em si sempre será um fator interior. Cobiçar é sempre interior; a manifestação exterior é um resultado. Precisamos ver que amar a Deus de todo o coração, mente e alma é não cobiçar contra Deus; e amar o homem, amar nosso próximo como nós mesmos, é não cobiçar contra o homem. Quando eu não amo o Senhor como devo, estou cobiçando contra o Senhor. E quando não amo meu próximo conforme devo, estou cobiçando contra ele.

“Não cobiçarás” é o mandamento interior que mostra ao homem que se julga moralmente reto, que ele realmente precisa de um Salvador. Tal homem “moral” mediano, que tem se comparado com outras pessoas e com uma lista bastante fácil de regras (mesmo se elas lhe causam alguma dor e dificuldade), pode sentir, como Paulo, que tudo está indo bem. Mas de repente, quando confrontado com o mandamento interior para não cobiçar, ele é forçado a cair de joelhos. Acontece exatamente o mesmo conosco como cristãos. Temos aqui um conceito bem central, se quisermos ter qualquer entendimento ou qualquer prática real da verdadeira vida cristã ou verdadeira espiritualidade. Posso pegar listas fabricadas pelos homens e parecer que as guardo, mas para fazer isso, meu coração não precisa ser subjugado. Entretanto, ao chegar ao aspecto interior dos Dez Mandamentos, quando me deparo com o aspecto interior da lei do amor, se estou ouvindo pelo menos um sinal fraco do direcionamento do Espírito Santo, não poderei mais me orgulhar. Serei forçado a cair de joelhos. Nesta vida nunca poderei dizer: “Estou realizado; acabou; olhem só para mim – eu sou santo”. Quando falamos da vida cristã ou da verdadeira espiritualidade, quando falamos sobre ficar livre das algemas do pecado, devemos lutar contra os problemas interiores de não cobiçar contra Deus e os homens, de amar Deus e os homens, e não meramente de algum conjunto de coisas exteriores.

Aqui imediatamente vem à tona uma pergunta. Será que isso quer dizer que qualquer desejo seja cobiça e, por isso, seja pecado? A Bíblia esclarece que não, não é assim – nem todo desejo é pecado. Então surge outra pergunta: quando é que o desejo apropriado se torna pecado? Acho que podemos responder de maneira simples: o desejo se torna pecado quando deixa de incluir o amor para

com Deus e os homens. Além disso, creio que há duas provas práticas para apontar quando estamos cobiçando contra Deus ou os homens: primeiro, deverei amar Deus o bastante para estar satisfeito; segundo, deverei amar os homens o suficiente para não cobiçar, não ter inveja.

Examinemos esses dois testes. Em primeiro lugar, com respeito a Deus: eu devo amar a Deus o suficiente para estar satisfeito, porque do contrário até nossos desejos naturais e corretos nos levam à revolta contra Deus. Deus nos fez com desejos corretos, mas se não houver um contentamento correto da minha parte, até aí estou em revolta contra Deus, e é claro que a revolta é todo o problema central do pecado. Quando me falta a devida satisfação, ou é porque esqueci que Deus é Deus, ou então parei de me submeter a ele. Estamos falando sobre um teste prático para julgar se estamos cobiçando contra Deus. Uma disposição calma e um coração que esteja agradecendo em qualquer circunstância é o teste real da extensão até a qual chega nosso amor para com Deus naquele momento. Gostaria de compartilhar umas palavras fortes da Bíblia para nos lembrarmos de que esse é o próprio padrão de Deus para os cristãos: “Mas a impudicícia e toda sorte de impurezas ou cobiça nem sequer se nomeiem entre vós, como convém a santos; nem conversação torpe, nem palavras vãs ou chocarrices, coisas essas inconvenientes; antes, pelo contrário, ações de graças” (Ef 5.3-4).

As “ações de graças”, portanto, estão em contraste com toda a lista negra que vem acima. Efésios 5.20 é ainda mais incisivo: “Dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo”. Até onde vão “todas as coisas” que devemos agradecer? Essas mesmas “todas as coisas” são mencionadas no livro de Romanos (8.28): “Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito”. E não é uma espécie de mágica – o Deus infinito e pessoal promete que fará com que tudo funcione junto para o bem do cristão.

Aqui aprendo que, se sou cristão verdadeiro, “todas as coisas” cooperam para o meu bem. Não serão todas as coisas com exceção do sofrimento; não serão todas as coisas exceto a batalha. Nós colocamos as palavras “todas as coisas” de Romanos 8.28 rodeadas de todas as coisas. Prestamos honra a Deus e ao trabalho acabado de Cristo quando lançamos esse círculo em volta do todo; “todas as coisas cooperam juntas para o bem no caso daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito”. Mas até onde lançamos a expressão “todas as coisas” sobre todas as coisas, ela leva consigo também o “todas as coisas” de Efésios 5.20: “Dando sempre graças por tudo [todas as coisas] a nosso

Deus e Pai [...].” Não podemos separar esses dois versículos. O “todas as coisas” de Efésios 5.20 é tão amplo como o “todas as coisas” de Romanos 8.28. Precisa ser dar graças por todas as coisas – esse é o padrão de Deus.

Filipenses também trata disso. Em Filipenses 4.6 lemos assim: “Não andeis ansiosos de coisa alguma; em tudo, porém, sejam conhecidas, diante de Deus, as vossas petições, pela oração e pela súplica, com ações de graças”.

“Não andeis ansiosos de coisa alguma” aqui significa: não seja vencido pela ansiedade em coisa alguma, pela preocupação em coisa alguma, mas por meio da oração e súplica com ações de graças, deixe que seus pedidos sejam conhecidos por Deus. Naturalmente, essa é uma afirmação com respeito à oração em contraste com a preocupação, mas, ao mesmo tempo, traz consigo a ordem direta de se agradecer a Deus enquanto se ora por “todas as coisas”. Ou poderemos ver Colossenses 2.7: “Nele radicados e edificados e confirmados na fé, tal como fostes instruídos, crescendo em ações de graças”. Veremos que isso está ligado ao versículo seis: “Como recebestes Cristo Jesus, o Senhor, assim andai nele”. O que quer dizer andar em Cristo? É estar “radicado” [ter raiz nele], “edificado nele, e estabelecido na fé” (e muitos de nós acham que isso seja pela fé; sendo que a fé é o instrumento com o qual se faz isso) “crescendo” ou abundando nisso “em ações de graças”. A nota final enfoca a ação de dar graças.

Encontramos ainda em Colossenses 3.15: “Seja a paz de Cristo o árbitro em vosso coração, à qual, também, fostes chamados em um só corpo; e sede agradecidos”. E o versículo 17: “[...] tudo o que fizerdes, seja em palavra, seja em ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai”. E novamente em Colossenses 4.2: “Perseverai em oração, vigiando com ações de graças”.

Essas palavras sobre dar graças, em certo sentido, são palavras difíceis. São lindas, mas não nos dão espaço para nos movermos – “todas as coisas” são todas as coisas.

Lemos em 1Tessalonicenses 5.18: “Em tudo, dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco”. E isso se liga ao versículo 19, que vem a seguir: “Não apagueis o Espírito”. Com certeza um ponto fica claro. Deus nos diz: em todas as coisas dai graças.

Acho que podemos ver tudo isso em sua própria perspectiva se nos voltarmos a

Romanos 1.21: “Porquanto, tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; antes, se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato”. Esse é o ponto central: eles não lhe deram graças. Em lugar de dar graças, eles “se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato”. Professando-se sábios, tornaram-se tolos. O início da rebelião dos homens contra Deus foi, e é, a falta de um coração agradecido. Não tinham os corações apropriados, agradecidos – vendo a si próprios como criaturas diante do Criador, sendo dobrados, não só nos joelhos, mas em seus corações rebeldes. A rebelião é a recusa proposital de ser criatura diante do Criador, a ponto de ser agradecido. O amor precisa trazer consigo um “muito obrigado” que não seja superficial ou “oficial”, mas um “muito obrigado” dito na mente e com a voz ao Senhor. Como veremos adiante, isso não deve ser confundido com deixar de se opor àquilo que é cruel no mundo como se encontra hoje, antes, significa ter um coração agradecido para com o Deus que existe.

Duas coisas são compreendidas de imediato aqui, se estamos dispostos a ver isso dentro da estrutura cristã e não no contexto não cristão. A primeira é que, como cristãos, dizemos que vivemos em um universo pessoal, no sentido que foi criado por um Deus pessoal. Agora que aceitamos Cristo como nosso Salvador, Deus, o Pai, é nosso Pai. Quando dizemos que vivemos em um universo pessoal, e que Deus o Pai é nosso Pai, para a amplitude disso nós temos menos que uma atitude crédula, nós estamos negando o que dizemos crer. Dizemos que como cristãos já aceitamos por opção própria a posição de criaturas diante do Criador, mas quando mostramos falta de confiança estamos mostrando na prática que naquele momento não foi realmente isso que escolhemos.

O segundo ponto a entender, a fim de compreender um coração satisfeito, dentro da estrutura cristã, em lugar do contexto não cristão, ilustra-se no dilema de Camus em A praga. Como cristãos, dizemos que vivemos em um universo sobrenatural e que existe uma batalha, desde a queda do homem, e que essa batalha acontece tanto no mundo visível como no invisível. É isso que afirmamos que cremos; insistimos nisso contra os naturalistas, e contra os antissobrenaturalistas. Se realmente cremos nisso, primeiro, podemos estar contentes e ainda lutar contra o mal, e segundo, certamente é do direito de Deus nos colocar, como cristãos, onde quer que julgue ser melhor para a batalha.

Em uma compreensão cristã do contentamento, devemos ver essa satisfação em relação a essas coisas. Resumindo, existe um Deus pessoal. Ele é meu Pai desde

que aceitei Cristo como meu Salvador. Então, certamente, quando me falta fé, nego o que digo que creio. Ao mesmo tempo, digo que há uma batalha no universo, e que Deus é Deus. Então, se me falta confiança, o que eu realmente estou fazendo é negando na prática que ele tem direito, como meu Deus, de usar-me onde quiser na batalha espiritual que existe no mundo visível e invisível. A confiança e o contentamento precisam estar dentro da estrutura cristã, mas dentro da estrutura certa o contentamento é de profunda importância.

Se o contentamento e as ações de graças desaparecem, não estamos amando a Deus como deveríamos, e o desejo apropriado tornou-se cobiça contra Deus. Essa área interior é o primeiro ponto de perda da espiritualidade verdadeira. A exterior é sempre apenas resultado disso.

O segundo teste para se saber quando o desejo apropriado se torna cobiça é que devemos amar as pessoas o suficiente para não invejar. Não se trata só da inveja do dinheiro, é a inveja de todas as coisas. Poderá, por exemplo, ser a inveja dos dons espirituais de outra pessoa. Há um teste simples. Os desejos naturais se tornaram em cobiça contra um semelhante, nosso próximo, quando temos a mentalidade de que o infortúnio dele nos daria uma satisfação secreta. Se uma pessoa tem algo, e o perde, será que temos um prazer interno? Será que sentimos uma satisfação secreta com a perda dele? Não responda depressa demais dizendo que isso nunca aconteceu, porque você se fará mentiroso. Todos nós devemos admitir que, mesmo quando avançamos na vida cristã, mesmo naquelas áreas em que ansiamos para que a igreja de Jesus Cristo seja mais viva na nossa geração, muitas vezes temos essa terrível satisfação secreta diante da perda de outros homens, mesmo da perda de irmãos nossos em Cristo. Ora, se essa mentalidade está sobre mim de alguma forma, então meus desejos naturais tornaram-se em cobiça. Estou cobiçando no meu interior e não estou amando as pessoas como deveria.

A cobiça interior – a falta de amor para com as pessoas – logo tende a transbordar para o mundo exterior. Não é possível contê-la somente no mundo interior. Isso ocorre em graus diferentes. Quando tenho um sentimento errado porque outras pessoas possuem o que eu não tenho, e quando deixo crescer esse sentimento, rapidamente isso me faz não gostar daquela pessoa. Certamente todos já sentimos isso. À medida que o Espírito Santo nos faz cada vez mais honestos conosco mesmos, devemos reconhecer que muitas vezes criamos uma aversão para com alguém porque tivemos um desejo errado para com alguma coisa dele. E mais, se eu me sentisse feliz com a possibilidade dele perder algo, o

passo seguinte, no mundo exterior, seria sutilmente, ou então mais abertamente, provocar essa perda quer seja mentindo sobre ele, roubando dele ou por qualquer outro método.

Em 1Coríntios 10.23-24 sou avisado de que meu desejo deveria ser, em amor, buscar o bem da outra pessoa e não só o meu próprio bem: “Todas as coisas são lícitas, mas nem todas convêm; todas são lícitas, mas nem todas edificam. Ninguém busque o seu próprio interesse e sim o de outrem”. E o mesmo consta em 1Coríntios 13.4-5: “O amor é paciente, é benigno; o amor não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece, não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses [...].”

Quando lemos essas passagens e entendemos que fracassar nessas áreas é realmente cobiçar, faltar com o amor, cada um de nós precisa se ajoelhar como Paulo fez quando viu o mandamento para não cobiçar; isso destrói qualquer conceito superficial da vida cristã.

Essas são as áreas da verdadeira espiritualidade. São as áreas da verdadeira vida cristã. Não são basicamente exteriores; são interiores; são profundas; penetram nas áreas de nossa vida que gostamos de ocultar de nós mesmos. A área interior é o primeiro ponto de perda da verdadeira vida cristã, da verdadeira espiritualidade; o ato pecaminoso exterior é o resultado. Se pelo menos pudermos nos apropriar do seguinte – que o interior é o básico, e o exterior é sempre apenas resultado – já será um ponto de partida tremendo.

Contudo, a verdadeira espiritualidade, a vida cristã, está sempre um passo além disso. Até aqui avançamos do conceito de uma pequena e limitada lista de coisas para o todo dos Dez Mandamentos e toda a lei do amor. E então fomos do exterior para o interior. Mas em ambos os casos tratamos, em grande parte, do que é negativo. Porém, a verdadeira espiritualidade, a vida cristã, é muito mais intensa do que um profundo conceito de negação adequada. A espiritualidade e a vida cristã verdadeira, afinal, são positivas. Já tocamos nesse ponto: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento”, e “amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mt 22.37,39). Mas vamos agora salientar especialmente que essa verdadeira espiritualidade, essa verdadeira vida cristã, não é sempre, simplesmente, a negação adequada nas partes mais profundas do nosso ser. Existe uma negativa bíblica e depois uma afirmativa.

No prosseguir desse estudo, trataremos mais amplamente dos textos seguintes, mas vamos observá-los rapidamente nesta etapa. Romanos 6.4a é uma negativa bíblica (os tempos verbais que leio são os tempos como estão no grego e não do modo como foram traduzidos na versão King James): “Fomos [...] sepultados com ele na morte pelo batismo”. Isso é negativo. Fomos sepultados com ele pelo batismo na morte. Encontramos o mesmo conceito na primeira parte do versículo seis: “Sabendo isto: que foi crucificado com ele o nosso velho homem”. Quando aceitei Cristo como Salvador, quando Deus, como Juiz, declarou-me justificado, essas coisas se tornaram legalmente verdadeiras. Minha chamada à vida cristã é para vê-las realizadas na prática em minha vida. Em Gálatas 2.19b encontramos a mesma coisa com ênfase negativa: “[Fui] crucificado com Cristo”.

Essas negativas nunca deverão ser omitidas, nem na justificação nem na vida cristã, ou nós não seremos capazes de entender as positivas seguintes. Em Gálatas 6.14 temos esta palavra: “[...] longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu, para o mundo”. Essa é uma negativa muito forte. E não foi escrita para ser apenas uma proposição teórica; deverá ser praticada (como teremos ocasião de ver adiante) pela graça de Deus. Há espaço, portanto, para uma negativa bíblica verdadeira. Mas vamos adiante, para notar que a vida cristã, a verdadeira espiritualidade, não para com essa negativa. Existe a afirmação positiva.

Assim, em Gálatas 2.19-20 novamente: “Estou crucificado com Cristo [...]”. Então vem uma quebra no versículo. Na minha própria Bíblia, marquei-a com duas pequenas linhas, para que essa quebra aparecesse bem para mim, mesmo em uma leitura rápida: “Estou crucificado com Cristo (pausa); logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim”. Então, embora haja uma negativa, ela flui para a parte positiva, e parar na negativa é perder todo o sentido. A vida cristã verdadeira não é uma vida externa nem uma vida de ideias, de negativas básicas; não é detestar a vida, como costumamos fazer quando estamos ficando desanimados ou com outros problemas psicológicos. A negativa cristã não é uma negativa niilista; existe uma negativa bíblica verdadeira; mas a vida cristã não para com uma negativa. Há vida verdadeira no presente bem como no futuro.

No livro de Romanos sentimos a mesma força (6.4): “Fomos [...] sepultados com ele na morte pelo batismo; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida”. É

assim que deveria ser lido: “para que [...] também nós possamos mesmo andar em novidade de vida”. É isso; uma verdade positiva. Há a possibilidade de andar em novidade de vida agora, na vida presente, entre o novo nascimento e nossa morte ou a segunda vinda de Jesus. Em Romanos 6.6 também: “Sabendo isto: que foi crucificado com ele o nosso velho homem, para que o corpo do pecado seja destruído, e [daqui por diante] não sirvamos o pecado como escravos”. Morremos, então, com Cristo, mas ressurgimos com Cristo. Eis a ênfase. A morte de Cristo é um fato histórico do passado e nós seremos ressuscitados dos mortos na história futura; mas haverá uma mostra positiva na história presente, agora, antes da nossa ressurreição futura. Como ilustração, lemos a negativa em Gálatas 5.15: “Se vós, porém, vos mordeis e devorais uns aos outros, vede que não sejais mutuamente destruídos”. Ele está falando de pessoas crentes. É uma negativa. Mas existe o ponto positivo (v. 14): “[...] toda a lei se cumpre em um só preceito, a saber: Amarás o teu próximo como a ti mesmo”. E há o positivo nos versículos 22 e 23 do mesmo capítulo: “[...] o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Contra estas coisas não há lei”. Então o contexto nos leva do lado negativo ao positivo em nossas considerações da vida cristã.

Resumindo este capítulo, que constitui uma introdução a tudo o que segue, temos portanto:

A verdadeira vida cristã, a verdadeira espiritualidade, não significa apenas que nascemos de novo. Precisa começar lá, mas é muito mais do que isso. Não quer dizer só que vamos estar no céu. Significa isso, mas muito mais do que isso. A verdadeira vida cristã, a verdadeira espiritualidade na vida presente quer dizer mais do que ser justificado e saber que irei para o céu.

Não é só um desejo de me livrar de tabus para viver uma vida mais fácil e mais solta. Nosso desejo precisa ser o de uma vida mais profunda. Quando começo a pensar nisso, a Bíblia apresenta-me o todo dos Dez Mandamentos e o todo da lei do amor.

A verdadeira espiritualidade, a verdadeira vida cristã, não é só externa, mas é interna – consiste em não cobiçar contra Deus e contra os homens.

É também mais do que isso: é positiva; é realidade positiva interior, e então

positiva nos resultados exteriores. O importante no íntimo é ser positivo e não apenas negativo; a partir do ímpeto da realidade interior positiva, deverá haver uma manifestação positiva externa. Não é somente porque estamos mortos para certas coisas, mas por estar amando a Deus, estar vivos com ele e estar em comunhão com ele, neste exato momento da história. E estaremos amando as pessoas por estarmos vivos para os homens, como homem, e por estar em comunicação com nossos semelhantes em um nível verdadeiramente pessoal, neste exato momento da história.

Quando falo da vida cristã, ou da liberdade das algemas do pecado, ou da verdadeira espiritualidade, os quatro pontos listados acima são aquilo que a Bíblia diz que nós devemos pretender, e menos do que isso é agir levianamente com Deus – é fazer pouco daquele que criou o mundo; é não levar a sério aquele que morreu na cruz. É isso que precisamos ter em mente ao começar um estudo desta natureza; do contrário não adianta falar sobre ter a experiência de ser livre das garras do pecado ou sobre ter a experiência da realidade da vida cristã, da verdadeira espiritualidade. Se isso não estiver em nossa mente, pelo menos, compreendido um pouco e desejado um pouco, deveríamos então parar por aqui. Tudo o mais é menosprezar o Senhor Deus e, por ser menosprezo para com Deus, é pecado.

2

a centralidade da morte

Iniciamos agora o primeiro de três capítulos estreitamente ligados entre si nos quais serão discutidas as considerações básicas da vida cristã, ou da verdadeira espiritualidade. Já nos referimos a um aspecto negativo e outro positivo da vida cristã. Retornaremos agora às considerações negativas. Essas considerações negativas podem ser resumidas nas palavras de quatro textos bíblicos:

Romanos 6.4a: “Fomos [...] sepultados com ele na morte pelo batismo”.

Romanos 6.6a: “Sabendo isto: que foi crucificado com ele o nosso velho homem”.

Gálatas 2.19b: “Estou crucificado com Cristo”.

Gálatas 6.14: “[...] longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu, para o mundo”.

Nessas afirmações descobrimos que, como cristãos, aos olhos de Deus já morremos com Cristo quando nós o aceitamos como Salvador; mas é muito mais que isso. Está evidente a exigência de que, na prática, devemos morrer diariamente. Esse é o aspecto negativo que mencionamos no capítulo 1 e que agora passaremos a discutir.

Como dissemos lá, a Bíblia nos dá uma negativa, de fato, muito definida — uma que não pode se tornar uma abstração, mas que marca as coisas difíceis da vida normal. Já vimos que a Palavra de Deus é clara ao dizer que em todas as coisas, inclusive naquelas que são difíceis, devemos estar contentes e dizer “muito obrigado” a Deus. É uma verdadeira negativa, a negativa de se dizer “não” a qualquer domínio das coisas e do eu.

Vemos também que a Bíblia nos diz que devemos amar as pessoas, não só de forma romântica ou no sentido idealizado, mas o bastante para não invejá-las. Seria falso deixar de apontar que a palavra “amar” nem teria sentido, seria puramente romântica, puramente utópica no mau sentido, a não ser que ela também compreendesse um aspecto negativo muito forte. Se temos essa atitude correta, significa que estaremos dizendo “não” em certas áreas muito definidas para certas coisas, e estaremos dizendo “não” a nós mesmos.

Precisamos repetir que isso não é algo que se aceite romanticamente, para suscitar algum tipo de emoção dentro de nós. É uma palavra negativa muito forte. Deveremos estar dispostos a dizer “não” a nós mesmos, estar dispostos a dizer “não” a certas coisas, a fim de que o mandamento de amar a Deus e os homens possa ter o seu sentido verdadeiro. Até em coisas que me são lícitas, coisas que não quebram os Dez Mandamentos, eu não devo buscar meus próprios interesses, e sim o bem de outra pessoa. Ora, toda pessoa que esteja acompanhando meu raciocínio deve estar dizendo, a essa altura, que parece uma posição difícil, essa que a Escritura nos apresenta. Do ponto de vista geralmente adotado pela humanidade, e aceitando honestamente essas coisas na Bíblia, com certeza nossa resposta será de duas, uma. Ou vamos romantizar, e manter que essas afirmações foram escritas para que nos sintamos bem, e que algum dia, no reinado futuro de Cristo, ou no céu eterno, elas vão ser significativas na prática. Ou então, se não falarmos isso, e enfrentarmos as palavras na Bíblia em seu sentido real, com certeza vamos sentir que estamos diante de um cenário difícil. Não é confortável ouvir esse tipo de versículo, essa investida negativa da Palavra de Deus sobre a vida cristã, a não ser que a romantizemos. Com certeza sempre foi assim, desde a queda do homem. Mas com certeza tem aplicação, especialmente à mentalidade-das-coisas e à mentalidade-do-sucesso do século 21. Estamos cercados por um mundo que a nada nega, a nada diz “não”. Quando essa mentalidade é a que nos rodeia, em que tudo é julgado pela sua grandeza e sucesso, deve ser difícil ouvir de repente que na vida cristã haverá esse forte aspecto negativo de dizer “não” às coisas e “não” ao eu e isso pode parecer difícil. E se não sentirmos que seja difícil, não estamos realmente deixando que esse aspecto nos fale.

Em nossa cultura, frequentemente nos dizem que não devemos dizer “não” aos nossos filhos. Em nossa sociedade, muitas vezes, equaciona-se a repressão com a maldade. É uma sociedade que em nada se refreia, a não ser talvez para ganhar mais em outra área. Evita-se o conceito de um verdadeiro não tanto quanto possível. Nós, que somos um pouco mais velhos, podemos achar que podemos

dizer isso à geração mais nova. Grande parte da geração mais nova certamente é assim: não sabem dizer “não” a si próprios ou a qualquer outra coisa. Mas isso só é verdade em parte, porque os mais velhos também são assim. A atual geração madura produziu esse ambiente, o ambiente dos objetos e do sucesso. Produzimos uma mentalidade de abundância em que tudo será julgado na base de se saber se conduz à abundância. Tudo mais deve se render a isso. Os absolutos de qualquer espécie, os princípios éticos, tudo precisa se render à prosperidade e à paz pessoal egoísta.

É claro que esse ambiente – de não dizer “não” – combina bem com a nossa disposição natural individual, visto que, desde a queda do homem, nosso desejo é não nos negar nada. Realmente fazemos todo o possível, quer no sentido filosófico ou no sentido prático, para nos colocar no centro do universo. É onde por natureza queremos viver. E essa disposição natural se ajusta bem ao ambiente que nos cerca no século 21.

Foi esse o ponto crucial da queda. Quando Satanás disse a Eva: “É certo que não morrereis [...] sereis como Deus”, ela quis ser igual a Deus (Gn 3.4-5). Ela não quis dizer “não” à fruta que era agradável aos olhos, mesmo após Deus já lhe ter dito que dissesse “não” e ter avisado das consequências – e disso decorreu tudo o mais. Ela se colocou no centro do universo; quis ser igual a Deus.

Ao iniciar a vida cristã devo enfrentar o fato com honestidade. Devo perceber que mesmo para o cristão há um eco semelhante, a mesma sintonia dentro dele, em que tudo é sobre ele, em que as coisas e o sucesso são evidentes. Consequentemente, é ilusão não reconhecer que sinto como se estivesse me debatendo contra um muro forte quando considero essa negativa; significa que estou enganando a mim mesmo, que não estou sendo honesto. Se me coloco na perspectiva normal do homem decaído – e especialmente na perspectiva do século 20 – é realmente muito difícil. Mas se eu mudo minha perspectiva todo o quadro muda, e é isso que quero tentar introduzir neste segundo capítulo – mudar nossa perspectiva.

Com isso em mente, vamos considerar Lucas 9.20-23,27-31,35.

[...] quem dizeis que eu sou? Então falou Pedro e disse: És o Cristo de Deus. Ele, porém, advertindo-os, mandou que a ninguém declarassem tal coisa, dizendo: É

necessário que o Filho do homem sofra muitas coisas, seja rejeitado pelos anciãos, pelos principais sacerdotes e pelos escribas, seja morto, e, no terceiro dia, ressuscite. Dizia a todos: Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, dia a dia tome a sua cruz e siga-me [...] Verdadeiramente, vos digo: alguns há dos que aqui se encontram que, de maneira nenhuma, passarão pela morte até que vejam o reino de Deus. Cerca de oito dias depois de proferidas estas palavras, tomando consigo a Pedro, João e Tiago, subiu ao monte com o propósito de orar. E aconteceu que, enquanto ele orava, a aparência do seu rosto se transfigurou e suas vestes resplandeceram de brancura. Eis que dois varões falavam com ele: Moisés e Elias, os quais apareceram em glória e falavam da sua partida, que ele estava para cumprir em Jerusalém. [...] veio uma nuvem [e] os envolveu. [...] E dela veio uma voz, dizendo: Este é o meu Filho, o meu eleito; a ele ouvi.

Dizia a todos: Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue (ou renuncie a si mesmo). (v. 23)

É a mesma coisa que lemos em Coríntios – não buscando nossas próprias coisas, mesmo quando temos direito a elas.

“Os quais apareceram em glória e falavam da sua morte” – e essa palavra, falavam, no grego, tem o sentido de continuar a falar; não é apenas uma fala breve. Aqui está compreendido um falar contínuo sobre a morte de Cristo que iria acontecer.

O versículo 35 registra outra perspectiva. “Este é o meu Filho, o meu eleito; a ele ouvi!” Temos no Monte da Transfiguração uma visão antecipada de Cristo em sua glória. Temos aqui uma visão antecipada da parte do Reino de Deus na qual estamos depois que aceitamos Cristo como nosso Salvador. Mas somos impelidos para além até a ressurreição, não só de Cristo, mas também a nossa ressurreição futura; somos impulsionados ao reino de Cristo e à eternidade.

É uma perspectiva diferente. É uma perspectiva que é a antítese daquela que o mundo tem, aquela que normalmente nos rodeia. Quando começamos a contemplar essas palavras nesse cenário – a perspectiva é totalmente outra – e a perspectiva do Reino de Deus em vez de a do mundo caído e de nossa própria

natureza caída – é bem diferente. Somos pressionados por um mundo que não quer dizer “não” ao eu – não só por uma razão menor, mas por falta de princípio, porque os homens estão decididos a ser o centro do universo. Quando saímos um pouco dessa perspectiva muito sombria deles e entramos na perspectiva do Reino de Deus, então essas negativas que são colocadas sobre nós assumem um aspecto inteiramente diferente.

Observe que eles continuaram a falar da morte de Cristo que aconteceria. Foi o assunto da conversa. A Bíblia não nos diz quanto tempo falaram, mas não foi uma frase só, e sim uma conversa prolongada; ficaram falando de sua morte que estaria chegando. Lembre que quando João Batista apresentou Jesus Cristo, ele disse: “Eis o Cordeiro de Deus”. Quando apresentou Jesus Cristo, dirigiu a atenção para a morte de Cristo. Aqui, no Monte da Transfiguração, nesse ambiente do Reino de Deus, a conversa estava envolta com uma extensa fala sobre a morte vindoura de Cristo.

Eis a maravilha das maravilhas, a maravilha dos séculos. Aqui está a verdadeira perspectiva, na qual a conversa se centra em um único tópico: a Pessoa, que é Deus, iria morrer. É aquele de quem se fala no versículo 35: “Este é o meu Filho, o meu eleito; a ele ouvi”; “sua partida, que ele estava para cumprir em Jerusalém” (v. 31). Aqui Deus, como homem verdadeiro após a encarnação, vem como Cordeiro de Deus para tirar o pecado do mundo. Não é falso o verso poético que diz: “Cristo, o poderoso Criador, morreu”.

Meditemos na situação, ao considerar a questão da verdadeira perspectiva. Observemos que isso constitui o cerne da mensagem cristã. Seu centro não é a vida de Cristo, nem seus milagres, e sim, a sua morte. Toda a teologia liberal de hoje, vendo o problema do homem como metafísico, colocaria a solução no conceito de uma encarnação. Não que acreditassem em uma encarnação verdadeira, mas no conceito da encarnação. Mas a resposta bíblica não está situada aí. O nascimento [de Cristo] é o ponto necessário para se abrir o caminho à resposta, mas a resposta é a morte do Senhor Jesus Cristo. Em Êxodo 12, na Páscoa (que prevê a vinda de Jesus) o Cordeiro Pascal morre. Em Gênesis 3.15, em que a primeira promessa da vinda do Messias é dada, já somos avisados de que o Messias, quando vier, será ferido. Ele esmagará Satanás, mas ele será ferido no processo. Em Gênesis 3.21, como é vestido o homem depois de ter pecado? Com peles, que exigem o derramamento de sangue. Em Gênesis 22 lemos sobre o grande evento que mostra a compreensão de Abraão com respeito ao Messias que viria. Seu filho tem de ser colocado sobre o altar, como sacrifício

– e então um cordeiro é fornecido, dando assim dupla imagem de substituição. Em Isaías 53, essa grande profecia pronunciada setecentos anos antes da vinda de Jesus, qual é o ponto central do assunto? São palavras assim: “traspassado”, “moído”, “como cordeiro foi levado ao matadouro”, “cortado da terra dos viventes”, “derramou a sua alma na morte”. Essas palavras atravessam os séculos na profecia, e chegamos a João Batista que fala: “Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”. É o assunto de milhares de anos de profecia. O centro da mensagem cristã é a morte redentora de Jesus Cristo.

O próprio Jesus Cristo centra sua fala no mesmo ponto, quando, em João 3, diz a Nicodemos: “E do modo por que Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do homem seja levantado”. Se compararmos isso com a afirmação em João 12.32-33, será vista a referência específica à morte de Cristo que está próxima.

E em Romanos 3.23-26:

[...] todos pecaram e carecem da glória de Deus; sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus; a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar a sua justiça por ter Deus, na sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos; tendo em vista a manifestação da sua justiça no tempo presente, para ele mesmo ser justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus.

Em Hebreus 7.27:

[Ele] que não tem necessidade, como os sumos sacerdotes, de oferecer todos os dias sacrifícios, primeiro, por seus próprios pecados, depois, pelos do povo; porque fez isto uma vez por todas, quando a si mesmo se ofereceu.

Onde quer que se olhe na Escritura, é assim. No último livro da Bíblia, o

Apocalipse, temos o ponto de exclamação a tudo isso no capítulo 5, versículo 9, em que se fala do livro da redenção: “E entoavam novo cântico, dizendo: Digno és de tomar o livro e de abrir-lhe os selos, porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação”.

Se você se voltar à teologia da igreja primitiva (e nunca cometa o erro de pensar que a igreja primitiva não tinha uma teologia), a morte substitutiva de Cristo é igualmente central.

O que é central na mensagem cristã das boas novas, o Evangelho para o mundo? Uma coisa somente, a morte redentora do Senhor Jesus Cristo.

Desde a queda e desde a primeira promessa, dada menos de vinte e quatro horas depois da queda, até o final, essa é a mensagem.

Então não nos deve surpreender que Elias e Moisés, reunidos com Jesus sobre o Monte da Transfiguração, tenham tido este assunto como tópico principal de sua conversa. “Eis que dois varões falavam com ele, Moisés e Elias, os quais apareceram em glória e falavam (e continuavam a falar) da sua partida, que ele estava para cumprir em Jerusalém.” É claro que falavam sobre isso, porque tinham interesse próprio nisso. Era-lhes importante, não apenas como proposição teológica, mas porque a salvação de Moisés e Elias repousava sobre esse ponto único – a morte que Jesus estava para sofrer na cruz do Calvário. Os discípulos que estavam lá naquele dia tinham também parte nisso, porque se Jesus não tivesse morrido na cruz, eles também não teriam tido salvação. Permita-nos dizer a cada um que lê estas palavras: temos parte nisso, porque nenhuma salvação nos é possível a não ser que Jesus tenha morrido na cruz do Calvário.

Ora, a morte do Senhor Jesus é absolutamente singular. Ela é substitutiva. Não há morte como a morte de Jesus. Não há morte paralela à de Jesus – isso deve permanecer como absoluto em nosso pensamento. Sua morte substitutiva na cruz, dentro do espaço e do tempo da História, teve valor infinito por causa de quem ele é como Deus. Portanto nada precisa ser acrescentado ao valor substitutivo de sua morte, nem pode coisa alguma ser acrescentada. Morreu uma vez por todas.

Tendo dito isso tão vigorosamente quanto possível, acrescentamos que mesmo assim, em Lucas 9, versículos 22-24, encontramos Cristo colocando uma ordem cronológica. No versículo 22: “É necessário que o Filho do homem sofra muitas

coisas, seja rejeitado pelos anciãos, pelos principais sacerdotes e pelos escribas; seja morto e, no terceiro dia, ressuscite". A ordem está em três passos: rejeitado, morto, ressuscitado. Fala-se aqui em sua morte única e substitutiva que se aproxima, contudo essa ordem – rejeitado, morto, ressuscitado – é imediatamente relatada pelo próprio Jesus Cristo, nos versículos 23 e 24, para nós, os cristãos. "Dizia a todos: Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue" (se renuncie), "e dia a dia tome a sua cruz e siga-me. Pois quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; quem perder a vida por minha causa, esse a salvará". Aqui Jesus pega essa ordem, que foi tão necessária para a nossa redenção na morte única e substitutiva do Senhor Jesus Cristo, e a aplica à vida cristã. A ordem – rejeitado, morto, ressuscitado – é também a ordem da vida cristã de verdadeira espiritualidade: não existe outra.

Se esquecermos a absoluta singularidade da morte de Cristo estaremos em heresia. Logo que colocamos de lado ou minimizamos, logo que diminuímos de qualquer forma, como fazem os liberais de todos os tipos em sua teologia, o caráter único e substitutivo da morte de Cristo, nosso ensino não é mais cristão. Por outro lado, lembremo-nos da outra face do assunto. Se esquecermos a relação dessa ordem para nós como cristãos, então teremos uma ortodoxia estéril, e não teremos vida cristã verdadeira. A vida cristã irá murchar e morrer; a espiritualidade, em todo e qualquer sentido bíblico verdadeiro, se acabará.

Jesus fala aqui sobre nossa morte por opção na vida presente. Ele a aplica a uma situação específica para que fique mais concreta. No versículo 26: "[...] qualquer que de mim e das minhas palavras se envergonhar, dele se envergonhará o Filho do homem, quando vier na sua glória e na do Pai e dos santos anjos". A Bíblia não está falando de um sentimento romântico, uma idealização ou abstração. Jesus transmite esse conceito de enfrentar a rejeição e ser morto, apresentando-o em uma situação bem prática: enfrentar um mundo estranho e hostil – um mundo em revolta contra seu Criador e nosso Senhor. Quando olhamos o Novo Testamento como um todo, descobrimos que esse mandamento de Cristo não se limita a uma situação; é o que deve caracterizar toda a mentalidade e ótica da vida do cristão. O que nos é apresentado aqui é a questão da mentalidade do cristão na vida inteira, e a ordem permanece: rejeitado, morto, ressuscitado. Assim como a rejeição e morte de Cristo são os primeiros passos na ordem da redenção, assim também nossa rejeição e morte para com as coisas e o eu são os primeiros passos na ordem da verdadeira e crescente espiritualidade. Assim como não pode haver um passo seguinte na ordem da redenção de Cristo antes do passo da morte ser dado, assim também, para o cristão, não pode haver

avanço posterior até que esses dois primeiros passos sejam dados – não apenas em teoria, mas pelo menos em alguma prática parcial. Rejeitado, morto.

Quão central foi a morte de Cristo para a nossa redenção! Contemplemos Moisés e Elias de pé ali no Monte da Transfiguração com Cristo, todos conversando sobre isso, discutindo longamente o assunto de sua morte tão próxima. Ficaram falando sobre isso. Igualmente, pode-se dizer como é central e fundamental a nossa morte individual e contínua, por opção como cristãos.

A morte foi central para a obra de Cristo e, portanto, provocou a conversa; os profetas falaram dela no Antigo Testamento, Moisés, Elias e Cristo conversaram sobre ela no Novo. Na vida cristã ela é igualmente central; então será que ela não deverá provocar nossa meditação, consideração, conversação e oração contínua? Agora devo perguntar, mansamente: Quanto é que pensamos sobre a morte por opção? Quanta oração isso provoca para nós e para aqueles que amamos? Não será verdade que nossos pensamentos, nossas orações, por nós mesmos e por aqueles que amamos, e nossa conversa visam quase que inteiramente a nos livrarmos do que é negativo a quase qualquer preço – em lugar de orarmos para que as negativas possam ser enfrentadas com a atitude apropriada? Quanta oração fazemos no sentido de que os filhos e as pessoas que amamos se disponham realmente a andar, pela graça de Deus, nos passos da rejeição e de ser mortos? Somos antes infiltrados pelo mundo com as suas atitudes do mundo, mais do que pelas atitudes da perspectiva do Reino de Deus. Não que devêssemos viver apenas no negativo, como veremos no decorrer dessa série de estudos; mas é importante que entendamos bem a ordem. Não devemos pensar que podemos saltar para o último passo sem passar pela realidade de ser rejeitado e morto, isso não somente naquele ponto da nossa vida em que nos tornamos cristãos, mas como situação contínua em nossas vidas.

Com essa nova perspectiva do Reino de Deus, olhemos agora os aspectos negativos dos Dez Mandamentos, em Êxodo 20 [o que não fazer].

No primeiro mandamento somos convocados a responder com uma negativa forte contra o querer estar no lugar de Deus. É a chave de tudo: querer estar no centro do universo. A ordem é, por opção, morrer para isso.

O restante dos mandamentos mostra a mesma coisa, conforme colocados em Êxodo, capítulo 20. Devemos, por opção, morrer para o tempo que Deus reservou para si mesmo, seu dia especial. Devemos recusar qualquer

reivindicação de autoridade que não seja propriamente nossa. Devemos, por opção, dizer “não” quanto a pessoalmente tirar uma vida humana. Deveremos rejeitar o conceito de nos apossar de quaisquer coisas sexuais que não sejam nossas por direito. E devemos dizer “não” a macular por acusação falsa a reputação de outra pessoa.

O último mandamento, “não cobiçarás”, mostra que essas negativas não se relacionam somente ao comportamento exterior, mas às atitudes interiores. Aqui está nossa morte, na verdade. Mas quando essa morte deve ser experimentada? Certamente não após uma demora tão longa que nosso corpo físico já tenha perdido seu desejo e seu entusiasmo pelas coisas. Devemos dizer “não”, por opção nossa – morrer para o eu – no momento em que estamos em meio a uma vida viva e em movimento, na qual podemos desejar as coisas e ter prazer nelas. Essa “morte” não é para ser afastada ou adiada, nem deverá ser relacionada apenas ao momento da morte física. Podemos, na realidade, dizer que seremos perfeitos quando Jesus vier, quando ele nos ressuscitar dos mortos, mas não é essa a questão em jogo aqui. Nesse ponto, no meio da vida, quando há batalha e luta, deverá haver uma negativa forte, por opção, e pela graça de Deus. Não é, por exemplo, uma questão de esperar até que não tenhamos mais desejos sexuais fortes, mas que, no meio do movimento da vida, rodeados por um mundo que se apossa de tudo, em rebelião primeiro contra Deus e depois contra seu próximo, devamos entender o que Jesus quer dizer quando fala sobre cada um negar e renunciar a si mesmo com respeito àquilo que não é seu de direito.

Haverá aqui alguma dor. De fato, há farpas na madeira da cruz do cristão enquanto estamos cercados nesta vida presente por uma atmosfera estranha ao Reino de Deus. Mas este é o caminho da cruz: “É necessário que o Filho do homem sofra muitas coisas, seja rejeitado pelos anciãos, pelos principais sacerdotes e pelos escribas; seja morto e, no terceiro dia, ressuscite” (Lc 9.22). Conseguimos ver como a ordem dos eventos tem sentido para nós como cristãos depois da justificação: rejeitados, mortos, ressuscitados. Aqui a referência é especificamente à rejeição pelos líderes religiosos do seu tempo – homens que tinham tomado o caminho do mundo em lugar do de Deus. Mas no fundo é a rejeição pelo próprio mundo, e essa rejeição deverá preceder a qualquer possibilidade de se conhecer qualquer coisa sobre a vida ressuscitada.

Vemos ainda que essa rejeição não é uma coisa definitiva. Cristo chamou seus seguidores para tomarem sua cruz diariamente. É verdade que aceitamos Cristo como Salvador uma vez por todas; somos justificados e nossa culpa se foi para

sempre. Mas depois disso há esse aspecto diário, de momento em momento. O existencialista tem razão quando põe sua ênfase na realidade da situação do momento-por-momento. Ele está errado em muitos pontos, mas nesse tem razão.

Em Lucas 14.27 Jesus diz algo semelhante: “[...] qualquer que não tomar a sua cruz e vier após mim não pode ser meu discípulo”. Não está dizendo que um homem não possa ser salvo sem isso, mas que você não será discípulo de Cristo, no sentido de segui-lo, se esse não for seu modo de vida: ser rejeitado e morto – diariamente! E ele coloca o mandamento não em um contexto abstrato, e sim em um contexto intensamente prático, relacionando-o, no versículo 26, ao pai, à mãe, ao cônjuge, aos filhos, aos irmãos e irmãs e à sua própria vida. Ele o coloca em meio às realidades da vida diária. É aí que precisamos morrer.

“[...] qual de vós, pretendendo construir uma torre, não se assenta primeiro para calcular a despesa e verificar se tem os meios para a concluir? Para não suceder que, tendo lançado os alicerces e não a podendo acabar, todos os que a virem zombem dele” (Lc 14.28-30). O próprio Jesus liga isso àquilo que vinha falando: “Considere o custo”, diz ele. E certamente, em nossa pregação ao homem perdido, precisamos dar ênfase ao fato de que o elemento de carregar sua cruz diariamente é parte de ser cristão. Estamos em um mundo estranho, edificado sobre a rebelião contra Deus, e, nesta vida, nem o próprio cristão está ainda totalmente livre de elementos dessa rebelião dentro de si.

Como já disse, Romanos capítulo 6 começa com muitas negativas fortes, e embora talvez queiramos correr para a segunda metade do versículo 4 (“Como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos [...] assim também andemos nós em novidade de vida”), realmente estamos em perigo se ignoramos o elemento de “morrer”. “Sepultados com ele na morte pelo batismo”, “para ele [o pecado] morremos”, “batizados na sua morte”: o caminho para a liberdade da segunda parte do versículo 4 passa por eles, nas suas imediações. A ordem é absoluta: rejeitado, morto, ressuscitado. É o mesmo no versículo 6 do mesmo capítulo. Precisamos caminhar pela primeira metade (“Sabendo isto: que foi crucificado com ele o nosso velho homem”) antes que possamos prosseguir para a segunda metade: “Para que o corpo do pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos”. Minha impressão é que a maioria dos crentes acaba lendo a primeira parte desses versículos mais depressa, a fim de chegar à parte “feliz”, que é a segunda parte; mas é um erro. Gostamos de escapulir, mas não se chega ao outro lado de uma porta sem passar por ela, e não se chega à segunda parte desses versículos sem que se passe pela primeira parte.

Em primeiro lugar, essa é uma verdade absoluta e de uma vez por todas, na justificação; mas, posteriormente, é verdade a cada momento na prática da vida cristã. Não devemos nos confundir aqui. No momento em que aceitamos Jesus Cristo como nosso Salvador; fomos justificados e nossa culpa sumiu de uma vez por todas; isso é absoluto. Mas se desejarmos conhecer algo da realidade na vida cristã, algo da verdadeira espiritualidade, deveremos “dia a dia tomar a nossa cruz”. O princípio de dizer “não” ao eu acha-se no cerne de minha atitude para com o mundo enquanto este mantiver sua posição alienada de rebelião contra o Criador. Se usei de minha capacidade intelectual para me fazer respeitável ao mundo, embora ele esteja contra quem o criou, então falhei. Isso é igualmente verdade se uso minha ignorância para o mesmo fim. Deverei enfrentar a cruz de Cristo em todas as partes da vida e com meu ser inteiro. A cruz de Cristo deverá ser realidade para mim não só uma única vez na minha conversão, mas por toda a minha vida como cristão. A verdadeira espiritualidade não para com o que é negativo, mas sem a negativa – no entendimento e na prática – não estamos prontos a prosseguir.

3

da morte à ressurreição

Se este livro fosse transformado em música, este poderia ser o momento para as trombetas. Estávamos considerando a importância de se dar o devido peso às negativas da vida cristã, ao “rejeitado, morto”. Mas agora nos voltamos ao positivo, sem o qual os outros dois termos nunca poderão representar uma espiritualidade verdadeira e equilibrada: é o “ressuscitado”. “Fomos [...] sepultados com ele na morte pelo batismo; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida” (Rm 6.4). “Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim” (Gl 2.19). Depois da morte para o eu, depois da rejeição do eu, há e continua a haver uma ressurreição.

A transfiguração de Cristo expressa tudo isso vivamente. Foi uma prefiguração da ressurreição de Cristo, uma ocasião de glória. “E aconteceu que, enquanto ele orava, a aparência do seu rosto se transfigurou e suas vestes resplandeceram de brancura” (Lc 9.29), ou, como o registra Mateus: “Seu rosto resplandecia como o sol, e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz”.

Deixe-me frisar: essas coisas aconteceram na História. Isso é importante, especialmente hoje, quando as coisas religiosas estão sendo constantemente empurradas para qualquer outro setor não histórico. Mas aqui, no relato da transfiguração, nós temos a ênfase no tempo e espaço. Lucas, por exemplo, registra que: “No dia seguinte, ao descerem eles do monte, veio ao encontro de Jesus grande multidão” (9.37). Cristo e os discípulos em dado momento subiram ao monte, e em outro momento desceram. Enquanto subiam a encosta eles não entraram em outro cenário filosófico ou religioso não espacial. Ainda estavam conectados no espaço com o sopé do monte, e lá embaixo, na planície, as atividades normais da vida aconteciam.

A mesma coisa acontecia quanto à esfera do tempo. Se estivessem usando relógios, estes não teriam parado quando subiram ao monte, e reiniciados quando desceram de novo. O tempo ainda estava passando, e quando voltaram o tempo tinha passado – era “o dia seguinte”. A história se compõe de tempo e espaço: eles são como os fios e a trama de um tecido. E aqui no Monte da Transfiguração a real história ocorria, enraizada no espaço e no tempo normal. A glorificação de Jesus não se deu no “outro” mundo ou no “andar superior” da filosofia, e sim nas realidades duras do espaço e tempo; a transfiguração demonstra a realidade dura das palavras que o próprio Jesus falou enquanto desciam do monte: “É necessário que o Filho do homem sofra muitas coisas, seja rejeitado pelos anciãos, pelos principais sacerdotes e pelos escribas; seja morto e, no terceiro dia, ressuscite”. Aí está: rejeitado, morto, ressuscitado na História.

Quando chegamos à ressurreição real de Jesus Cristo, após sua crucificação, encontramos a mesma ênfase. Ele perguntou aos discípulos, com quem se encontrou na estrada de Emaús: “Porventura, não convinha que o Cristo padecesse e entrasse na sua glória?” (Lc 24.26). Fez a pergunta em certo dia do calendário, em certa hora do dia, em certa estrada do mapa, radicando o evento no espaço e no tempo da História. E fez isso com todos os aparecimentos da ressurreição. Ele se pôs no meio deles, na sua vida normal de cada dia. Em seu temor procuraram afastá-lo para outra esfera – “Eles, porém, surpresos e atemorizados, acreditavam estar vendo um espírito” – mas Jesus não permitiu isso. “Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; apalpai-me e verificai, porque um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho” (Lc 24.39). E então tomou um pedaço de peixe assado e um favo de mel, “E ele comeu na presença deles”, e mostrou-lhes os ferimentos, as marcas de sua morte.

Era o mesmo corpo, ressurreto e glorificado; não em algum lugar longínquo, mas ali no espaço, no tempo, na História.

Em João 20 está presente o mesmo tipo de ênfase; não é uma repetição incidental, e sim o centro de tudo.

Ao cair da tarde daquele dia, o primeiro dia da semana, trancadas as portas da casa onde estavam os discípulos com medo dos judeus, veio Jesus, pôs-se no meio e disse-lhes: Paz seja convosco! (Jo 20.19)

O corpo de Cristo está mudado, ele pode de repente entrar por portas trancadas; mas isso não faz diferença alguma naquilo do qual estamos falando. Enquanto seja verdade que ele pode passar pela porta trancada, ainda é o mesmo corpo.

[...] Tomé, um dos doze, chamado Dídimo, não estava com eles quando veio Jesus. Disseram-lhe, então, os outros discípulos: Vimos o Senhor. Mas ele respondeu: Se eu não vir nas suas mãos o sinal dos cravos, e ali não puser o meu dedo, e não puser a minha mão no seu lado, de modo algum acreditarei. Passados oito dias [isto é, uma semana inteira] estavam outra vez ali reunidos os seus discípulos, e Tomé, com eles. Estando as portas trancadas, veio Jesus, pôs-se no meio e disse-lhes: Paz seja convosco! E logo disse a Tomé: Põe aqui o teu dedo e vê as minhas mãos; chega também a tua mão e põe-na no meu lado; não sejas incrédulo, mas crente. Respondeu-lhe Tomé. Senhor meu e Deus meu! (Jo 20.24-28)

Notemos que é o mesmo corpo. As portas trancadas não o impedem de entrar; ele pode aparecer no meio, mas isso não faz diferença alguma. É um corpo que pode ser tocado e apalpado. Em João 21.9 a ênfase é no comer: “Ao saltarem em terra, viram ali umas brasas e, em cima, peixes; e havia também pão”.

Aqui temos o corpo de Jesus Cristo em um mundo de espaço e tempo exterior. A realidade da ressurreição não é algo que possamos empurrar para uma dimensão estranha. Ela tem sentido em nossa dimensão normal.

A estes também, depois de ter padecido, se apresentou vivo, com muitas provas incontestáveis, aparecendo-lhes durante quarenta dias e falando das coisas concernentes ao reino de Deus. (At 1.3)

Durante quarenta dias – não por pouco tempo – mas por quarenta dias foram dadas provas infalíveis.

Também não nos afastemos do grande ato da ascensão: “Ditas estas palavras, foi Jesus elevado às alturas, à vista deles, e uma nuvem o encobriu dos seus olhos” (At 1.9). Esta é a coisa que, acima de todas, o homem moderno não pode aceitar. O teólogo neo-ortodoxo poderá falar em uma ressurreição física uma vez ou outra, mas nunca falará de uma ascensão física. Quando se chega a material como o livro de John Robinson, Honest to God,* esse é o ponto em que a batalha é armada. E é o ponto exato em que deve ser armada, porque aqui está um corpo ressuscitado que pode comer, que pode subir ao céu e desaparecer na nuvem. Lembremo-nos de que a essa altura Cristo esteve aparecendo e desaparecendo por quarenta dias. O sobrenatural não está, dessa forma, em uma só direção; ele está aqui – ou melhor, ele esteve aqui – e depois apareceu de novo. Agora algo mais nos é dado que é real; novamente há ênfase na história, de que o corpo ressurreto de Jesus Cristo ascendeu para dentro das nuvens. Foi em certa hora do dia, em certo dia do calendário. Houve um momento quando seus pés deixaram o Monte das Oliveiras. Não vamos desconsiderar esse ponto. As pessoas que acham que podem desconsiderar a ascensão física de Jesus e ainda manter o cristianismo não podem ser coerentes no restante de sua posição.

Contudo, a dimensão espaço-tempo não termina aí. Mais adiante, no livro de Atos (9.3-9), temos Cristo encontrando-se com Paulo: “Seguindo ele estrada fora [ele, Saulo – mais tarde Paulo], ao aproximar-se de Damasco, subitamente uma luz do céu brilhou ao seu redor, e, caindo por terra [...]”. Note aqui a ligação com o que já vimos nas frases descritivas com relação ao Monte da Transfiguração: “Uma luz do céu brilhou ao seu redor, e, caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues? Ele perguntou: Quem és tu, Senhor? E a resposta foi: Eu sou Jesus, a quem tu persegues; mas levanta-te e entra na cidade, onde te dirão o que te convém fazer. Os seus companheiros de viagem pararam emudecidos, ouvindo a voz, não vendo, contudo, ninguém. Então, se levantou Saulo da terra e, abrindo os olhos, nada podia ver. E, guiando-o pela mão, levaram-no para Damasco”.

Ele tinha sido cegado pela luz da glória. Onde? No caminho para Damasco. Então, sem dúvida, a situação-espaço está fixada. E o tempo pôde ser dito. Era certa hora do dia quando isso ocorreu.

A mesma coisa se repete em Atos 22.6. “[...] aconteceu que, indo de caminho e já perto de Damasco, quase ao meio-dia, [há o elemento-espaço, a estrada para Damasco; há o elemento-tempo, perto do meio-dia] repentinamente, grande luz do céu brilhou ao redor de mim”. E o versículo 11: “Tendo ficado cego por causa

do fulgor daquela luz [por isso ficou cego: não foi só algo místico, mas a pura glória da luz que o cegou por um tempo], guiado pela mão dos que estavam comigo, cheguei a Damasco".

No capítulo 26 a história é contada de novo, com um acréscimo muito significativo: "Ao meio-dia, ó rei, indo eu caminho fora, vi uma luz no céu, mais resplandecente que o sol" (v. 13). Aqui está o primeiro acréscimo: era meio-dia, e assim mesmo, no horário mais claro do sol do Oriente Próximo, eis uma luz mais brilhante, a luz do Cristo glorificado, "que brilhou ao redor de mim e dos que iam comigo". "[...] caindo todos nós por terra, ouvi uma voz que me falava em língua hebraica [...]" (v. 14).

Aqui está uma das coisas mais significativas da Palavra de Deus no meio da discussão do século 21. Aqui está uma declaração de que temos espaço, tempo, história e comunicação racional. Essa comunicação racional não vem intermediada por alguma experiência mística de Paulo, mas dentro do espaço e do tempo, o Cristo glorificado, o Cristo ressurreto, falou-lhe em língua hebraica. Ao meio-dia, na estrada para Damasco, Jesus apareceu – o Cristo glorificado na História – falando em uma língua normal, usando palavras normais, gramática normal, para um homem chamado Saulo. Com isso, há uma negação completa da projeção religiosa, do século 21, dessas coisas para "outro" mundo. Aqui estamos na esfera do espaço, do tempo, da História, da comunicação normal e da linguagem normal.

Mas há mais; não para aqui. Mais tarde, muitos anos depois, houve outro homem, chamado João. Estava na ilha de Patmos. O primeiro capítulo do livro de Apocalipse nos conta que ele vê Jesus novamente. Com esse "novamente", quero dizer, depois que Paulo o viu. Não estou dizendo que este seja o único outro aparecimento – Estêvão também o viu, por exemplo – mas aqui estão dois passos nítidos algum tempo depois da ascensão. Depois da ascensão, o Cristo glorificado foi visto no espaço e no tempo na estrada de Damasco, por Saulo. Depois da ascensão, o Cristo glorificado foi visto na ilha de Patmos – mais uma vez, uma identificação espacial. A ilha de Patmos ainda está lá. Na verdade, não houve somente a identificação espacial: há o tempo, também. Era o dia do Senhor.

Voltei-me para ver quem falava comigo e, voltado, vi sete candeeiros de ouro e,

no meio dos candeeiros, um semelhante a filho de homem, com vestes talares e cingido, à altura do peito, com uma cinta de ouro. A sua cabeça e cabelos eram brancos como alva lã, como neve; os olhos, como chama de fogo. (Ap 1.12-14)

João está descrevendo aqui o que ele realmente viu. E não é estranho ou incongruente, não mais do que foi quando, depois da sua ressurreição, foi falado em termos normais o fato de Cristo estar comendo.

Os pés, semelhantes ao bronze polido, como que refinado numa fornalha; a voz, como voz de muitas águas. Tinha na mão direita sete estrelas, e da boca saía-lhe uma afiada espada de dois gumes. O seu rosto brilhava como o sol na sua força. Quando o vi, caí a seus pés como morto. Porém ele pôs sobre mim a mão direita, dizendo: Não temas; eu sou o primeiro e o último e aquele que vive; estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos e tenho as chaves da morte e do inferno. (Ap 1.15-18)

Ninguém nos conta em que língua ele falou. Mas foi fala humana, da mesma natureza daquela que Saulo ouviu na estrada de Damasco. Mais do que isso, nesse capítulo há uma demarcação cuidadosamente traçada entre o que é descrição real e o que é para ser entendido como figuras de linguagem.

Ainda não é tudo. A Bíblia nos conta da vinda futura de Jesus à terra, e descreve essa vinda visível em termos que têm a ver com o espaço e o tempo e a História. Isso ainda é futuro para nós, mas assim mesmo é espaço e tempo dado.

Vi o céu aberto, e eis um cavalo branco. O seu cavaleiro se chama Fiel e Verdadeiro e julga e peleja com justiça. Os seus olhos são chama de fogo; na sua cabeça, há muitos diademas; tem um nome escrito que ninguém conhece, senão ele mesmo. Está vestido com um manto tinto de sangue, e o seu nome se chama o Verbo de Deus; e seguiam-no os exércitos que há no céu, montando cavalos brancos, com vestiduras de linho finíssimo, branco e puro. Sai da sua boca uma espada afiada, para com ela ferir as nações; e ele mesmo as regerá com cetro de

ferro e, pessoalmente, pisa o lagar do vinho do furor da ira do Deus Todo-poderoso. Tem no seu manto e na sua coxa um nome inscrito:

Rei dos reis e Senhor dos senhores.

(Ap 19.11-16)

Outra vez há uma espacialidade aqui, porque nos é contado o lugar: Armagedom, isto é, a montanha do Megido (Ap 16.16). O lugar para o qual ele virá depois e onde tocará a terra é mencionado no Antigo Testamento: é o Monte das Oliveiras (Zc 14.4). Em cada ponto é o mesmo. A glória e a maravilha de Cristo não são impelidas para outro mundo que não seja o nosso. Em cada caso, existe, curiosamente, uma identificação espacial e uma temporal. Há uma morte real, histórica, de Jesus Cristo. Há uma ressurreição real, histórica. E há uma glorificação real, histórica, que é significativa em relação ao espaço, tempo e História: nosso próprio espaço, tempo e História.

A Bíblia diz que o dia virá quando tanto os salvos como os não salvos verão o Cristo glorificado. Eles o verão. Todo homem o verá, não como ideia religiosa, e sim glorificado, em uma situação real no espaço e no tempo. Mas essas passagens não só dizem que ele será assim, mas que ele está assim agora. A glorificação do Senhor Jesus Cristo não é impelida somente para aquele momento no futuro quando ele será visto em glória por todos os homens. Não é impelida para aquele momento no qual ele virá em glória e, como nos é dito, todo joelho se dobrará. Ele está glorificado agora. A ascensão não foi um desaparecimento no nada, para o mundo de meras ideias religiosas. Entre sua ascensão no Monte das Oliveiras, e seu aparecimento na estrada de Damasco, ele não cessou de existir. E novamente não houve um grande vazio no qual ele desapareceu desde quando apareceu na estrada de Damasco até João o ver na ilha de Patmos. É Jesus como ele é hoje. Então, ele está glorificado neste exato momento.

Ao contemplar essas coisas, vários pontos devem ser salientados imediatamente. Primeiro, ao considerar Jesus falando na língua hebraica, na estrada de Damasco, e aparecendo para João e falando com ele na ilha de Patmos, vemos logo a prova clara de uma ressurreição histórica de Jesus Cristo. Mas há muito mais que isso. Essa ressurreição física é a prova da obra concluída de Jesus Cristo na cruz, a

prova de que a obra está realmente realizada, que nada precisa ser acrescentado à obra substitutiva gloriosa para nossa justificação.

Mas nem isso esgota o assunto. A Palavra de Deus nos diz, por meio do apóstolo Paulo, que na ressurreição de Cristo nós vemos a promessa, os primeiros frutos, de nossa própria ressurreição física que acontecerá. Aquilo que vemos que ele é após sua ressurreição, Paulo insiste, nós seremos. Quando eu considero a ressurreição de Jesus Cristo, não apenas no mundo das ideias ou ideais religiosos, mas no mundo do espaço, do tempo e da realidade, tenho a promessa das mãos do próprio Deus de que eu serei ressuscitado da morte também. Este corpo é uma parte tão grande de mim mesmo, na personalidade total – o homem total – e não ficará para trás na salvação que veio a existir por meio de Jesus Cristo. Sua morte na cruz é de tal natureza que o homem inteiro será redimido. Em um dia específico, o corpo do cristão será ressuscitado da morte, como o corpo ressurreto de Cristo, glorificado.

E há mais do que isso ainda. A realidade, a qualidade espaço-temporal da ressurreição física de Jesus Cristo, também significa algo para nós hoje: “Que diremos pois? Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante?” Paulo não está falando em algum dia longínquo; está falando sobre os remidos nas circunstâncias do presente.

De modo nenhum! Como viveremos ainda no pecado, nós os que para ele morremos? Ou, porventura, ignorais que todos nós que fomos batizados em Cristo Jesus fomos batizados na sua morte? Fomos, pois, sepultados com ele na morte pelo batismo, para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida. Porque, se fomos unidos com ele na semelhança da sua morte, certamente o seremos também na semelhança da sua ressurreição, sabendo isto: que foi crucificado com ele o nosso velho homem, para que o corpo do pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos; porquanto quem morreu está justificado do pecado. Ora, se já morremos com Cristo, cremos que também com ele viveremos, sabedores de que, havendo Cristo ressuscitado dentre os mortos, já não morre; a morte já não tem domínio sobre ele. Pois, quanto a ter morrido, de uma vez para sempre morreu para o pecado; mas, quanto a viver, vive para Deus. Assim também vós considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus. Não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal, de

maneira que obedeçais às suas paixões. (Rm 6.1-12)

Aqui vamos observar cuidadosamente alguns pontos.

Primeiro, Cristo morreu na História. É o fato que já vínhamos frisando. Ele morreu no espaço, tempo, História. Se você tivesse estado lá naquele dia, poderia ter passado sua mão na madeira áspera da cruz de Jesus Cristo – poderia ter entrado uma farpa dela na sua mão.

Segundo, Cristo ressurgiu na História, e já demos forte ênfase a esse ponto também. Cristo ressuscitou e foi glorificado, na História.

É o exato oposto da teologia liberal, que fala do kerigma, que nós fazemos de Jesus o Cristo quando nós o pregamos. Nada pode estar mais longe da verdade. É a negação total da maravilha do ensino da Bíblia. Nós não fazemos de Jesus o Cristo quando o pregamos. Jesus é o Cristo, quer o preguemos ou não. Os homens poderão não conhecer a maravilha do evangelho se não o pregarmos. Mas o fato de nós não o pregarmos, de falharmos nisso, não muda o fato da Pessoa ou da glória do Senhor Jesus Cristo. Hoje mesmo ele está ressuscitado, ele está glorificado. Se ninguém pregasse Jesus Cristo hoje, e ninguém pensasse nem uma vez na palavra "Deus", não faria diferença nenhuma quanto ao fato de que Jesus é o Cristo. Ele ressurgiu na História, ele está glorificado agora. E essa palavra de sua ressurreição, de sua glória atual, tem sentido agora no presente, no nosso mundo espaço-temporal.

Terceiro, nós morremos com Cristo quando o aceitamos como Salvador. Se eu aceitei Cristo como Salvador, isso é agora uma coisa do passado na História. A salvação individual do cristão está enraizada em dois pontos históricos espaço-temporais. O primeiro é a obra consumada de Jesus sobre a cruz do Calvário, e o segundo é o ponto no tempo em que, pela graça de Deus, o indivíduo aceitou Jesus Cristo como Salvador. Eis aí os dois pontos espaço-temporais sobre os quais repousa nossa salvação. E se já aceitei Jesus como meu Salvador no passado, então Paulo pode falar a respeito de mim: "Justificados, pois, [no passado] mediante a fé, temos [no presente] paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo" (Rm 5.1). É claramente essa a força da afirmação expressa aqui, mesmo pelos tempos verbais do texto grego.

Romanos 6.2 faz referência direta a isso: "De modo nenhum! Como viveremos

ainda no pecado, nós os que para ele morremos?”

O verbo morremos está no tempo aoristo do grego. Quando aceitamos Cristo como nosso Salvador, à vista de Deus nós já morremos com Cristo. “Fomos, pois, sepultados com ele na morte pelo batismo” (Rm 6.4a). Isso se refere à hora em que aceitamos Jesus como nosso Salvador. “Sabendo isto: que foi crucificado com ele o nosso velho homem” (6.6a). Então aqui nós temos o terceiro ponto histórico. Cristo morreu na História; Cristo ressuscitou na História; nós morremos com Cristo quando o aceitamos como Salvador. Isso também é coisa histórica. É algo que aconteceu (passado do verbo) em um ponto da História.

O quarto ponto é que seremos ressuscitados por ele assim como ele foi ressuscitado. E esse será um ponto na História futura. O relógio continua andando. E quando o cristão é ressuscitado da morte, a grande trombeta soa, a palavra é pronunciada e todo cristão se levanta da sepultura à ordem de Jesus Cristo; o relógio na parede não vai parar; o ponteiro continuará girando. O relógio já está quase para bater três horas enquanto escrevo isso. É concebível que Jesus venha antes das três horas e cinco minutos. Se esse for o caso, o relógio na parede não vai parar de andar. Às três e dez, o relógio ainda estará andando. Esse é o quadro bíblico. A ressurreição futura, com esse corpo presente, e nossa mudança futura vão se realizar em um piscar de olhos: na História, no espaço e tempo, na História verdadeira.

“[...] se fomos unidos com ele na semelhança da sua morte, certamente, o seremos também na semelhança da sua ressurreição”. (Rm 6.5)

Isso se refere mesmo à ressurreição dele, mas a ideia enfatizada é a ressurreição. No grego, o sua/dele foi omitido; a ênfase está na ressurreição. “Seremos (futuro) na semelhança de ressurreição.”

“[...] se já morremos com Cristo, cremos que também com ele viveremos.” (Rm 6.8)

É o tempo futuro. Já morremos com Cristo quando o aceitamos como Salvador na História. Seremos ressuscitados fisicamente ou transformados em um abrir e fechar de olhos em um momento da História.

Mas isso não é tudo. Há mais aqui, um quinto ponto. Essas grandes verdades devem ser trazidas à área da vida cristã presente, e à verdadeira espiritualidade. A Bíblia diz que na vida presente nós devemos viver, na prática, pela fé como se

estivéssemos mortos agora. “[...] quanto a [ele] ter morrido, de uma vez para sempre morreu para o pecado; mas, quanto a viver, vive para Deus. Assim também vós [é um ato de fé] considerai-vos mortos para o pecado” (Rm 6.10-11a).

Como Jesus morreu na História, e uma vez por todas estava morto para o pecado, assim agora somos chamados em fé para nos considerarmos mortos, na prática, neste momento presente da História; não em algum mundo longínquo de ideias religiosas, mas na realidade, neste momento no tempo. Pela fé devemos viver agora como se já tivéssemos morrido.

Mas nem isso basta. Se bastasse, incluiria só as duas palavras, rejeitado e morto. Como vimos, as palavras são rejeitado, morto, e ressuscitado: ressuscitado não como ideia de um ressurgimento físico futuro, ainda que esta seja real e futura para todo cristão, mas como coisa presente. Então o sexto ponto é que devemos viver pela fé agora, na História presente, como se já estivéssemos sido levantados da morte. Esta é a mensagem da vida cristã. É a consideração básica que estamos discutindo. “Fomos, pois, sepultados com ele na morte pelo batismo; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida” (Rm 6.4).

Paulo não fala aqui do milênio futuro nem da eternidade; aquilo é coisa completamente diferente. Isso é agora: “Andemos nós em novidade de vida”. “Sabendo isto: que foi crucificado com ele o nosso velho homem, para que o corpo do pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos” (Rm 6.6). Como? Pela fé: “[...] considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus” (Rm 6.11).

Quando? Exatamente agora! Essa é a consideração básica da vida cristã. Primeiro, Cristo morreu na História. Segundo, Cristo ressurgiu na História. Terceiro, morremos com Cristo na História quando o aceitamos como nosso Salvador. Quarto, seremos ressuscitados na História, quando ele voltar. Quinto, devemos viver pela fé agora como se estivéssemos mortos, como se já tivéssemos morrido. E sexto, devemos viver agora pela fé como se já fôssemos ressuscitados dos mortos.

Ora, o que isso quer dizer na prática, para que não seja somente palavras passando por nossa cabeça? Antes de tudo, por certo, significa o seguinte: que em nosso pensamento e em nossa vida devemos viver como se já tivéssemos

morrido, subido ao céu, e voltado como ressurretos.

Lembre-se de que pelo menos um homem já foi lá e voltou. Paulo fala de um homem assim em 2Coríntios 12.2-4. Eu acho que foi o próprio Paulo, mas quer tenha sido Paulo ou outro, certamente existiu esse homem.

Conheço um homem em Cristo que, há catorze anos, foi arrebatado até ao terceiro céu (se no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe) e sei que o tal homem (se no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe) foi arrebatado ao paraíso e ouviu palavras inefáveis, as quais não é lícito ao homem referir.

Paulo está dizendo que esse homem subiu ao céu; foi arrebatado ao terceiro céu. O terceiro céu é expressão usada aqui no sentido da presença de Deus. Não significa necessariamente muito longe, e sim na presença de Deus. O importante é que esse homem foi arrebatado ao céu, e depois ele voltou.

Pode imaginar esse homem quando voltou do céu? Antes só conhecera o céu como uma verdade proporcional, como um fato bruto. Agora tinha estado lá, olhado para ele, e então voltado. Será que alguma coisa lhe pareceu igual depois disso? É como se tivesse morrido. É como se tivesse sido ressuscitado dos mortos. Assim como o Monte da Transfiguração nos dá um ponto de vista diferente quando estamos na ótica do Reino de Deus, como terá sido diferente todo o ponto de vista desse homem durante toda a sua vida! A pressão constante para que nos conformemos ao mundo à nossa volta, à pressão social e toda outra espécie de pressão dos nossos dias – certamente teria sido quebrada. De que maneira poderia ele se conformar com isso, que é tão danificado, tão estragado, tão envolto em revolta contra Deus, tão repugnante? Como conseguiria, em comparação com o que tinha visto? O que valeriam os aplausos do mundo quando alguém tinha estado na presença de Deus? O que aparentariam as riquezas do mundo quando vistas ao lado dos tesouros do céu? O homem anseia pelo poder. Mas o que representa o poder terreno depois que se viu a realidade do céu e o poder de Deus? Todas as coisas pareceriam tão diferentes. Certamente tudo isso está compreendido dentro da afirmação de que agora devemos viver pela fé, como se já tivéssemos morrido; e já tivéssemos sido ressuscitados dos mortos.

Mas Romanos 6 não deixa isso assim, como se estivéssemos apenas projetando o que imaginamos. Há mais do que isso: “[...] quanto a ter morrido, de uma vez para sempre morreu para o pecado; mas, quanto a viver, vive para Deus” (Rm 6.10), Jesus Cristo vive realmente na presença do Pai. É ali que nós somos chamados a viver. É para estarmos mortos nesta vida presente! Morto tanto para o bem como para o mal, a fim de estarmos vivos para a presença de Deus. Sim, mesmo para o bem. Devemos ser mortos – não inconscientes, nem trancados em alguma escuridão, mas vivos para com Deus em comunhão com ele, em comunicação com ele. Nossa chamada à fé nesta vida presente é para que vivamos como mortos a tudo, para estarmos vivos e alertas a Deus.

É o que significa agora amar suficientemente a Deus no presente para estar contente, satisfeito, conforme eu já escrevi; amá-lo suficientemente neste mundo presente para dizer “muito obrigado” em todos os altos e baixos da vida. Quando estou morto tanto para o bem como para o mal, tenho a face voltada para Deus. E é o lugar em que devo estar, pela fé, no momento presente da História, e eu vou estar. Quando estou nesse lugar, o que sou? Sou então a criatura na presença do Criador, reconhecendo que ele é meu Criador, e que eu sou apenas uma criatura, nada mais. É como se já estivesse na sepultura, e já estivesse diante da face de Deus.

Mas outra nota mais deve soar. Não podemos parar aqui! Quando pela fé estou morto a tudo, e estou face a face com Deus, então estou pronto pela fé a voltar a este mundo presente, como se já tivesse sido ressuscitado dos mortos. É como se eu antecipasse aquele dia quando voltarei. Estarei dentro do número daqueles que aceitaram Jesus como Salvador, quando os céus se abrirem e nós voltarmos, seguindo a Jesus Cristo em nossos corpos ressurretos e glorificados. Por isso agora estou pronto a voltar como se fosse do túmulo, como se a ressurreição já tivesse acontecido, e pisar de volta neste mundo histórico presente, espacial e temporal. “Assim também vós considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus” (Rm 6.11). “Nem ofereçais [aqui está a fé] cada um os membros do seu corpo [isto é, no mundo presente] ao pecado, como instrumentos da iniquidade [armas, ferramentas do mal] mas oferecei-vos a Deus, como ressurretos [agora, já] dentre os mortos, e os vossos membros, a Deus, como instrumentos de justiça [armas do bem]” (Rm 6.13). Portanto, com tudo isso por base, qual é a vocação cristã? É ser chamado de momento em momento a estar morto para todas as coisas, a fim de estar vivo para Deus neste momento.

Reparemos, no entanto, que a ação não é puramente passiva. Parece-me que muitas vezes os cristãos deixam de entender o sentido aqui, quando relacionam isso meramente a algum tipo de passividade. Mas isso não passaria de um misticismo não bíblico, não muito melhor do que o conceito estoico pagão de Marco Aurélio. Seria apenas resignação, cuja palavra francesa é accepter. É como a fera do campo que não tem opção. Mas não é assim nas Escrituras. Ainda sou um homem, feito à imagem de Deus. “Oferecei [...] os vossos membros”, ordena Paulo (Rm 6.13) – entregai. Não é um estado de passividade. Você não pode gerar o fruto, como veremos adiante, porém, você não é uma estátua de pedra. Deus trata com você no círculo no qual ele o fez, homem à sua própria imagem.

Não sabeis que daquele a quem vos ofereceis como servos para obediência [mas é você quem se oferece] desse mesmo a quem obedeceis sois servos, seja do pecado para a morte ou da obediência para a justiça? Mas graças a Deus porque, outrora, escravos do pecado, contudo, viestes a obedecer de coração à forma de doutrina a que fostes entregues; e, uma vez libertados do pecado, fostes feitos servos da justiça. Falo como homem, por causa da fraqueza da vossa carne. Assim como oferecestes os vossos membros para a escravidão da impureza e da maldade para a maldade, assim oferecei, agora, os vossos membros para servirem a justiça, para a santificação. (Rm 6.16-19)

Sinta a força da voz ativa no meio da passividade. “Oferecei-vos”: toda pessoa precisa ser criatura. Ela nada poderá ser senão criatura, nesta vida ou na vida além. Mesmo no inferno, os homens serão ainda criaturas, porque é isso que nós somos. Somente um é autossuficiente em si, Deus. Mas agora como cristãos somos apresentados à realidade maior: nossa vocação é para sermos criaturas dessa maneira nobre, tremenda, gloriosa, não porque precisamos ser, mas por opção.

Marco Aurélio, o pagão, só conhecia a resignação. Isso não é mais do que ser criatura porque você precisa ser criatura. Carl Gustav Jung conheceu um ceder, uma mera submissão às coisas que rolam sobre nós vindas do inconsciente coletivo da nossa raça; ou do que vem de fora. Mas isso é mera resignação, enquanto que o ensino bíblico, pelo contrário, não é mera resignação. Eu sou

criatura, é verdade, mas sou chamado a ser a criatura glorificada. Preciso ser a criatura, mas não tenho de ser como o torrão de argila no campo, o repolho que apodrece no campo quando a neve derrete. Sou chamado a ser criatura por opção, com base na obra concluída de Cristo, pela fé: a criatura glorificada.

Agora, sim, estou pronto para a guerra. Agora poderá haver espiritualidade de natureza bíblica. Agora poderá haver vida cristã. Rejeitado, morto, ressuscitado: agora estou pronto para ser usado. E não só preparado para ser usado neste mundo presente espacial e temporal, mas disposto a gostar disso, como criatura: pronto a gozar disso à luz de sua qualidade de criação de Deus e da minha própria finitude; pronto a gozá-lo, ainda que vendo-o como ficou depois da queda. A justificação acontece uma vez por todas. Em um momento é declarado o fim de minha culpa para sempre. Mas essa relação com o mundo não é de uma vez por todas. É algo que acontece de momento em momento ser morto a tudo o mais e vivo para Deus momento-por-momento; o pisar de volta no mundo presente pela fé como se ressuscitado dos mortos momento-por-momento. Eis a experiência positiva verdadeira, depois da negativa apropriada.

Nota

* Publicado no Brasil com o título Um Deus diferente (N. do E.).

4

no poder do Espírito

Neste capítulo voltamos nossa atenção novamente ao Monte da Transfiguração, e pensamos não só na ressurreição de Cristo, mas também na ressurreição do cristão. Naturalmente, os teólogos liberais nos diriam que a noção de uma ressurreição física é ideia posterior; mas eu não acho que essa opinião tenha fundamento. A ressurreição física aparece bem cedo na revelação de Deus da esperança ao homem.

“Assim o homem se deita e não se levanta; enquanto existirem os céus [há uma nota definitiva de, até então, aqui] não acordará, nem será despertado do seu sono. Que me encobrisses na sepultura [no sheol, no texto] e me ocultasses até que [até: outra vez essa palavra curiosa] a tua ira se fosse, e me pusesses um prazo e depois te lembrasses de mim! Morrendo o homem, porventura tornará a viver? Todos os dias da minha luta esperaria [a palavra curiosa novamente] até que eu fosse substituído” (Jó 14.12-14). A ideia central aqui está toda em até: até minha ordem de soltura acontecer.

Parece-me que Jó 14 é absoluto: que Jó, por volta do ano de 2000 a.C., ou mesmo antes, já compreendia a realidade de uma ressurreição física. Acho que o capítulo 19 ensina a mesma coisa, mas no hebraico não está tão claro como no capítulo 14.

Em Hebreus 11.17-19 temos que Abraão (em 2000 a.C.) entendia a verdade da ressurreição: “Pela fé, Abraão, quando posto à prova, ofereceu Isaque; estava mesmo para sacrificar o seu unigênito aquele que acolheu alegremente as promessas, a quem se tinha dito: Em Isaque será chamada a tua descendência; porque considerou que Deus era poderoso até para ressuscitá-lo dentre os mortos, de onde também, figuradamente, o recobrou”.

Assim Abraão, que viveu mais ou menos na mesma época de Jó, compreendeu o

fato da ressurreição. Portanto, não surpreende encontrá-la no livro de Jó. Assim não há razão de se pensar, como os liberais desejam que pensemos, que cada vez que encontramos uma ênfase na ressurreição, ela deva ser colocada mais tarde na história bíblica.

Em Daniel, que naturalmente é de época menos antiga, existe também a ênfase na ressurreição física: não de Cristo, mas do homem. “Muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para vergonha e horror eterno” (Dn 12.2). Aqui há ênfase na ressurreição dupla, dos perdidos bem como dos salvos: “Os que forem sábios, pois, resplandecerão como o fulgor do firmamento; e os que a muitos conduzirem à justiça, como as estrelas, sempre e eternamente” (12.3). Estas coisas certamente têm relação com a ressurreição. Mas o mais empolgante, creio eu, é o versículo 13, no qual Daniel em pessoa ouve de Deus: “Tu [...] segue o teu caminho até ao fim; pois descansarás e, ao fim dos dias, te levantarás para receber a tua herança”. O que o texto nos diz é que no fim dos dias, o próprio Daniel compartilhará dos eventos que ele acaba de ver em profecia. Por isso a ressurreição física do crente é ensinada claramente na Escritura, bem cedo, na história bíblica.

Quando chegamos a 1Coríntios 15, no Novo Testamento, não se questiona que Paulo esteja ensinando exatamente isso. Ele firma toda a sua posição sobre o fato:

[...] se é corrente pregar-se que Cristo ressuscitou dentre os mortos, como, pois, afirmam alguns dentre vós que não há ressurreição de mortos? E, se não há ressurreição de mortos, então, Cristo não ressuscitou. E se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e vã, a vossa fé; e somos tidos por falsas testemunhas de Deus, porque temos asseverado contra Deus que ele ressuscitou a Cristo, ao qual ele não ressuscitou, se é certo que os mortos não ressuscitam. (15.12-15)

O argumento é muito simples. Se os cristãos mortos não são ressuscitados, então Cristo não foi ressuscitado; e se Cristo não está ressurreto, tudo cai por terra:

[...] se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou. E, se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permaneceis nos vossos pecados. E ainda mais: os que dormiram em Cristo pereceram. Se a nossa esperança em Cristo se limita apenas a esta vida, somos os mais infelizes de todos os homens. Mas, de fato, Cristo ressuscitou dentre os mortos, sendo ele as primícias dos que dormem. Visto que a morte veio por um homem, também por um homem veio a ressurreição dos mortos. Porque, assim como, em Adão, todos morrem, assim também todos serão vivificados em Cristo. Cada um, porém, por sua própria ordem: Cristo, as primícias, depois, os que são de Cristo, na sua vinda. E, então, virá o fim, quando ele entregar o reino ao Deus e Pai, quando houver destruído todo principado, bem como toda potestade e poder. Porque convém que ele reine até que haja posto todos os inimigos debaixo dos pés. O último inimigo a ser destruído é a morte. (15.16-26)

Agora, ao nos voltarmos ao Monte da Transfiguração, quero crer que temos uma previsão clara disso. Não desejo ser dogmático, mas me parece que temos aqui representado, ou pelo menos ilustrado – dependendo da convicção do leitor – aquilo que vai acontecer no Dia da Ressurreição. Temos aqui Moisés, representando os mortos do Antigo Testamento; e temos os apóstolos, que representam os mortos do Novo Testamento. Mas temos também Elias, um dos dois homens do Antigo Testamento, é claro, de quem se fala como sendo os “trasladados”. E as Cartas Paulinas esclarecem bem que quando Jesus Cristo vier buscar seu povo, haverá os trasladados.

Eis que vos digo um mistério; nem todos dormiremos, mas transformados seremos todos, num momento, num abrir e fechar d’olhos, ao ressoar da última trombeta. A trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados. Porque é necessário que este corpo corruptível se revista da incorruptibilidade, e que o corpo mortal se revista da imortalidade. E, quando este corpo corruptível se revestir de incorruptibilidade, e o que é mortal se revestir de imortalidade, então, se cumprirá a palavra que está escrita: Tragada foi a morte pela vitória. Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão? O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei. Graças a Deus, que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo. Portanto, meus amados irmãos, sede firmes, inabaláveis e sempre abundantes na

obra do Senhor, sabendo que, no Senhor, o vosso trabalho não é vão. (1Co 15.51-58)

Então aqui temos o traslado bem como a ressurreição. Esta é uma situação histórica; não é a terra imaginária da mera psicologia religiosa ou filosofia religiosa. Em algum momento – e haverá crentes na terra até o último momento – Cristo virá e os mortos serão ressuscitados. Mas os cristãos que então estiverem vivos serão transformados em um abrir e fechar de olhos: no espaço e no tempo. É interessante como o versículo 58 coloca a ressurreição e depois o traslado juntos em relação à nossa vida presente, pedindo uma resposta na situação presente. Com base nessas coisas, na presente vida sede firmes, etc.

Na Primeira Carta aos Tessalonicenses temos exatamente a mesma coisa: a mesma nota de traslado bem como ressurreição.

Não queremos [...] irmãos, que sejais ignorantes com respeito aos que dormem, para não vos entristecerdes como os demais, que não têm esperança. Pois, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também Deus, mediante Jesus, trará, em sua companhia, os que dormem. Ora, ainda vos declaramos, por palavra do Senhor, isto: nós, os vivos, os que ficarmos até à vinda do Senhor, de modo algum precederemos os que dormem. Porquanto o Senhor mesmo, dada a sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descerá dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois, nós [os cristãos daquele tempo], os vivos [naquele momento histórico], os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e, assim, estaremos para sempre com o Senhor. Consolai-vos, pois, uns aos outros com estas palavras. (1Ts 4.13-18)

Entretanto, isso nos traz outras perguntas: é muito bom que eu vou ser ressuscitado dos mortos, mas o que acontece entre a morte do cristão e sua ressurreição? Vou estar fora de contato com a história? Vou estar fora de contato com a sequência? O cristão, entre sua morte e sua ressurreição, não estará em parte nenhuma? Será que ele só desaparece em um vazio?

A resposta é não, e a Bíblia é muito clara. Em Lucas 23.43, por exemplo, quando Jesus está falando ao ladrão moribundo na cruz, ele lhe promete que “hoje”, naquele dia, no âmbito daquela sequência, antes do pôr do sol (porque seria este o fim do dia judaico), antes da noite chegar, “você estará comigo no paraíso”. Em vez de estar em parte alguma, em “outro” lugar filosófico, ele estará com Cristo no paraíso.

Paulo parece que diz o mesmo, conclusivamente, em 2Coríntios 5.4-8:

[...] na verdade, os que estamos neste tabernáculo [isto é, os que estamos neste corpo, vivos] gememos angustiados, não por querermos ser despidos, mas revestidos, para que o mortal seja absorvido pela vida. Ora, foi o próprio Deus quem nos preparou para isto, outorgando-nos o penhor do Espírito. Temos, portanto, sempre bom ânimo, sabendo que, enquanto no corpo, estamos ausentes do Senhor; visto que andamos por fé e não pelo que vemos. Entretanto, estamos em plena confiança, preferindo deixar o corpo e habitar com o Senhor.

A Bíblia apresenta somente dois estados para o cristão; estar aqui no corpo; ou, tendo morrido, estar com o Senhor. É exatamente a mesma coisa que Jesus apresentou na cruz. O cristão não é apresentado, na hora da morte, como se estivesse sem contato com uma sequência ou estando em nenhum lugar, entre sua ressurreição e sua segunda vinda, assim como Jesus não é apresentado dessa forma.

Naturalmente, há um número grande de mortos que se ajuntam em nosso pensamento a esta altura. Não é só uma questão teológica; é bem prática. Pensamos nas multidões dos mortos do Antigo Testamento que eram crentes, e nas multidões dos mortos do Novo Testamento que eram crentes. Pensamos em nossos entes queridos incluídos aqui. Onde estão? E temos de pensar em nós mesmos, também. Poderemos morrer antes que Jesus volte, embora cada um de nós deva ter a esperança de estar aqui quando Jesus voltar. E se morrermos, onde estaremos uma hora após a morte e até Jesus voltar?

O ponto de vista do mundo é, claro, imediatamente colocar a vida após a morte como inexistente ou em área obscura: um lugar envolto, de lençóis brancos e formas vagas, algo que entra por baixo da porta e através do buraco da fechadura

como uma névoa cinzenta. A nova teologia liberal abordaria a vida após a morte ou para negá-la, ou então para torná-la uma qualidade tão incerta que não teria sentido para nós. Mas isso não é verdade no caso da Bíblia. No Monte da Transfiguração, vemos Elias, que foi trasladado, mas mesmo assim tem um corpo. Não há por que pensar que seja diferente. Ele está mantendo uma conversa com Moisés e Cristo. Mas aí está Moisés também – Moisés, que morreu e foi sepultado. E que ainda assim pode compartilhar da conversa e ser visto. Ele pode ser reconhecido e ali pode haver comunicação.

O mesmo tipo de situação temos com Samuel e Saul. Não há motivo para crer que aquilo não tenha sido o espírito de Samuel; e, no entanto, há comunicação, há reconhecimento.*

Ainda mais forte do que isso, no entanto, está a palavra do próprio Jesus quando ele já havia sido ressuscitado dos mortos. Quando Jesus foi levantado dos mortos, seus discípulos acharam que ele era um espírito. Não eram naturalistas; eram sobrenaturalistas. Não teriam ficado realmente surpresos ao ver um espírito. O que não estavam preparados era para a ressurreição física. Então Jesus lhes diz bem severamente – com amor, mas severamente: “Um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho” (Lc 24.39). E então, em contraste, segue a pergunta em Lucas: “Tendes aqui alguma coisa que comer?” O que ele dizia era realmente: Deem-me alguma coisa para comer e eu lhes mostrarei que não sou exatamente um espírito. Não disse: Como vocês podem ser tão tolos assim, a ponto de pensar que pudessem conversar comigo se eu fosse um espírito? Ele não disse isso. Ele imediatamente abriu a porta para o fato de que não deviam ficar surpresos por poderem vê-lo. Não eram tão ignorantes que pensassem poder conversar com ele se ele fosse somente um espírito. A prova não estava em vê-lo, nem em conversar com ele. A prova, com respeito à ressurreição física, estava em comer a comida diante deles.

Então Moisés, que estava morto, estava ali de pé sobre o monte. Estamos diante de uma longa corrente contínua de indivíduos remidos e conscientes de que já morreram. Não temos motivo algum para sentir que não possam ser reconhecidos. Ou que sejam espíritos solitários, privados de se comunicar com Cristo, ou uns com os outros. O cristão é convidado, quando aguarda uma possível morte, a não temer, mas a reconhecer que, no momento da morte, se ele já aceitou Cristo como Salvador, ele poderá passar para esse momento “hoje”, seja qual for seu hoje. Não precisamos ter medo de morrer. Sem dúvida, a coisa principal para nós é que os cristãos mortos estão com Cristo. Não há razão para

pensar que estejam sem comunicação com Cristo logo que morrem. Estar ausente do corpo é estar presente com o Senhor: não meramente consciente, mas com o Senhor.

Agora, no entanto, quero enfatizar algo mais, até mesmo para lhe dar maior destaque. Do ponto de vista bíblico essa verdade não é dada somente como esperança psicológica. Os mortos realmente estão lá nesse estado consciente e real com Cristo. Estão lá, sim. Isso faz parte do universo total. É tão do universo total como você é, ao estar sentado aqui lendo isso. Mais uma vez, não em "outro" mundo filosófico, mas na realidade, verdadeiramente estão lá. O tempo é importante. O ladrão não estava lá até ter chegado lá.

A sequência é significativa. A sequência é significativa para o ladrão na cruz, à medida que o tempo vai avançando para aquele momento alegre quando o relógio bate, e ele volta com Jesus Cristo. O tempo prossegue. Para o ladrão na cruz, embora ainda não tenha seu corpo, há uma sequência.

Mas o ponto que quero estabelecer nesta altura do nosso estudo da espiritualidade é o fato de que há duas linhas equivalentes de realidade que nos são apresentadas no universo. Nós estamos no mundo visível e há também os cristãos que já morreram, que estão com Cristo agora. Não estamos falando de um ponto de vista primitivo, uma espécie de conceito do universo em três pavimentos. É a visão bíblica da verdade: há duas correntezas, dois fios, uma realidade espaço-temporal – uma no mundo visível, e uma no invisível.

Com essas duas linhas diante de nós, duas linhas iguais de realidade, gostaria de voltar à conclusão do nosso capítulo anterior. Quando Deus nos diz para vivermos como se tivéssemos morrido, ido ao céu, visto a verdade lá, e voltado a este mundo, ele não está meramente nos pedindo para agir de acordo com alguma motivação psicológica, mas de acordo com aquilo que existe realmente. Essa é a segunda linha, o segundo fio da realidade, a linha do invisível, na qual nós, pessoalmente, compartilharemos entre o momento da nossa morte e da volta, com corpos ressurretos, ao mundo visível na segunda vinda. Portanto eu devo viver agora pela fé, arraigado nas coisas que já foram, assim como a morte e ressurreição de Cristo; que é, tal como a segunda corrente da realidade no invisível agora; e no que será, como minha vindoura ressurreição do corpo e a volta com Cristo. E nada disso é pura passividade, como vimos. Deus tratará comigo no círculo em que ele me fez; isto é, à sua imagem – como homem, não como pau ou pedra. Existem formas não bíblicas de "espiritualidade" que frisam

quase que inteiramente algum tipo de “estar resignado”. A Bíblia rejeita isso. Você não é apenas uma fera do campo. Não é caso de apenas aceitar, porque tem de haver uma atividade na nossa passividade. Temos de ser criaturas porque isso é o que somos – criaturas. Mas, em Cristo, somos presenteados com uma oportunidade, um chamamento, para ser criaturas por escolha, para ser criaturas glorificadas. Por meio de uma passividade ativa, somos criaturas, não por necessidade, mas por opção, aqui, neste mundo atual, espaço-temporal e histórico. Quando chego neste ponto, não importa quantas vezes o tenha pregado ou ensinado, ainda fico extasiado.

Mas para ser prático devo perguntar: Como é possível viver assim? Qual a resposta para o como? Como vamos viver dessa forma, se devemos pensar nisso não somente como algum tipo de experiência religiosa abstrata, que combine atmosfera e momento, uma experiência existencial vaga, sem conteúdo nem significado? Se não é para pensar dessa maneira, preciso enfrentar a questão do como. O que começo por fazer? Começo me autoflagelando a fim de conseguir realizar isso? Começo buscando algum tipo de êxtase ou experiência exótica? A resposta a todas essas perguntas é não. Felizmente, não recebemos isso só como um tipo de ideia religiosa do século 20. Vivenciar isso é coisa intensamente prática.

[...] na verdade, os que estamos neste tabernáculo gememos angustiados, não por querermos ser despidos, mas revestidos, para que o mortal seja absorvido pela vida. Ora, foi o próprio Deus quem nos preparou para isto, outorgando-nos o penhor do Espírito. (2Co 5.4-5)

Em outras palavras, Deus une dois fatores da realidade aqui: o fator de estarmos com Cristo quando morremos, e o fator de que, no momento presente, com a mesma certeza, se já aceitamos Cristo como Salvador, somos habitados pelo Espírito Santo. É até curioso que Deus junte esses dois fatores. Ele não espera que pensemos neles separadamente. Quando eu morro, é certeza que estarei com o Senhor. Os mortos cristãos, incluindo meus queridos, estão lá com ele agora. Mas ao mesmo tempo, no momento atual, eu tenho o Espírito Santo.

Também a mesma coisa é apresentada, a meu ver, em Hebreus 12.22-24, em que

esses dois conceitos são unidos:

[...] tendes chegado ao monte Sião, [Quem chegou? Aqueles que aceitaram Cristo como Salvador e ainda estão vivos aqui nesta vida] e à cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial, e a incontáveis hostes de anjos, e à universal assembleia e igreja dos primogênitos arrolados nos céus, e a Deus, o juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados.

Aqui a palavra nos conta que agora estamos unidos com essas pessoas, e isso, naturalmente, nos leva à doutrina da união mística da igreja (os que agora vivem e os que já morreram), mas não estou aqui pensando nisso como uma "doutrina". Estou pensando na realidade: que Deus nos liga no tempo presente à realidade daqueles que já estão nessa outra situação. Eles estão lá, veem Cristo face a face, estão mortos, e nós temos a garantia do Espírito Santo.

Com isso em mente, vamos considerar Gálatas 2.19b-20, que já vimos algumas vezes neste estudo: "Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive; mas Cristo vive em mim; e esse viver que, agora, tenho na carne [isto é, antes de morrer] vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim".

O versículo cai dentro de três porções diferentes: "Estou crucificado com Cristo, [pausa] logo, já não sou eu quem vive; [pausa] mas Cristo vive em mim; e esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim".

Tomamos conhecimento aqui de que Cristo realmente vive em mim, se já aceitei Cristo como meu Salvador. Em outras palavras, temos as palavras de Jesus ao ladrão na cruz: "Hoje estarás comigo no paraíso". Cristo pode dizer "Hoje estarás comigo no paraíso" e significar isso mesmo. Morrer e estar com o Senhor não é somente uma ideia, mas é uma realidade. Mas, ao mesmo tempo, Cristo, o mesmo Cristo, dá a promessa com a mesma certeza de quando aceitei Cristo como meu Salvador, ele vive em mim. Uma promessa é tão real quanto à outra; elas têm realidade igual. Há duas correntes de realidade atuando no momento presente, ambas igualmente prometidas. Os cristãos mortos já estão com Cristo, e Cristo realmente vive no cristão. Cristo vive em mim. O Cristo que foi

crucificado, o Cristo cuja obra está consumada, o Cristo que agora está glorificado, prometeu (Jo 15) produzir fruto no cristão, assim como a seiva da vinha produz o fruto no ramo.

Eis aí o verdadeiro misticismo cristão. Esse misticismo cristão não é o mesmo que se vê no misticismo não cristão, mas quero insistir que nem por isso esse misticismo seja menor. Na verdade, acaba sendo um misticismo mais profundo, porque não se baseia meramente em experiência sem conteúdo, e sim na realidade espaço-temporal histórica – na verdade proposicional. No verdadeiro misticismo cristão, não se pede que se negue a razão, o intelecto. E não há nenhuma perda de personalidade, nenhuma perda do homem individual. No misticismo oriental – pelo qual o nosso mundo ocidental busca tão ansiosamente agora que perdeu o senso de história, de conteúdo, e a verdade dos fatos bíblicos – há sempre, por fim, uma perda da personalidade individual, o que é inevitável, pela sua própria estrutura. Lembremo-nos da história de Shiva, que é uma das manifestações do Tudo. Ele veio e amou uma mulher mortal. Quando Shiva abraçou-a, ela imediatamente desapareceu, e ele se tornou neutro. Isso é misticismo oriental. É fundamentado na perda de personalidade do indivíduo. Não acontece isso no misticismo cristão, que é comunhão com Cristo. É Cristo produzindo fruto por meio de mim, o cristão, sem perda de personalidade, também sem que eu seja usado como pau ou pedra.

Em muitos trechos da Bíblia, o relacionamento dos cristãos com Jesus Cristo é descrito em termos da noiva com o noivo. Quem é esse noivo – o meu noivo? É o Cristo que morreu, cuja obra está completa, que está ressurreto, que subiu ao céu, que está glorificado. É esse Cristo. Não é simplesmente uma ideia. É Cristo, o que foi visto após a ressurreição, o Cristo visto por Estêvão, por Paulo, o Cristo visto por João; é este Cristo que é o meu noivo.

“[...] considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus” (Rm 6.11).

No trecho que trata da santificação, a começar com Romanos 5, essas palavras “em Cristo Jesus” ou “por Cristo Jesus” atravessam todo o texto como um fio no qual serão postas todas as contas do colar.

Justificados [...] [no passado] mediante a fé, temos paz com Deus [no presente]

por meio de nosso Senhor Jesus Cristo. (Rm 5.1)

Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte? Graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor. (Rm 7.24-25)

Em todas estas coisas, porém, somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou. (Rm 8.37)

Cristo está com os que estão no paraíso agora. Mas Cristo promete, o mesmo Cristo, com o mesmo grau de realismo, para o cristão que ele, Cristo, produzirá fruto por meio de nós nesta vida de hoje. O poder do Cristo crucificado, ressuscitado e glorificado produzirá este fruto por nosso intermédio.

Para completar nosso estudo das considerações básicas sobre a vida cristã e a verdadeira espiritualidade, e antes de ir adiante, vamos terminar guardando três pontos.

Primeiro, as respostas do como: não é coisa que se realize simplesmente em nossa própria força. Nem é só agindo na prática sobre a realidade, por maravilhoso que seja, que aos olhos de Deus estamos em Cristo, judicialmente já mortos e ressuscitados. Não se pode menosprezar o fato. É uma verdade que precisa ser entendida. Judicialmente é real, porque Cristo morreu, e Cristo pagou o preço. Não estamos tentando fazer algo que não tenha realidade. Mas é mais do que agir sobre o fato tão maravilhoso que nos deve encher de adoração. É muito mais. O “como” é que o Cristo glorificado o fará por meio de nós. Existe o ingrediente ativo: ele será o realizador.

Segundo, existe o Espírito Santo por agente, assunto que ampliaremos mais à frente. “[...] a esperança não confunde, porque o amor de Deus é derramado em nosso coração pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado” (Rm 5.5).

O que se está dizendo aqui é que você não será envergonhado na experiência quando você começar a agir sobre a realidade, sobre o ensino, conforme apresentado aqui. Por quê? “Porque o amor de Deus é derramado em nosso

coração pelo Espírito Santo” que nos foi dado (Rm 5.5).

“Agora [...] libertados da lei, estamos mortos para aquilo a que estávamos sujeitos, de modo que servimos em novidade de espírito e não na caducidade da letra” (Rm 7.6).

O que faz a diferença? É o Espírito Santo; não é apenas “uma ideia nova”. Não deverá ser em nossa própria força. Há o Espírito Santo que nos foi dado para tornar possível esse “serviço”.

Romanos 1–8 é sobre o desenvolvimento da santificação do cristão; chega-se à força total da obra do Espírito Santo, o agente da Trindade toda, no final do trecho, no capítulo 8.

Em Romanos 8.13 isso é desenhado dentro do grande capítulo central da obra do Espírito Santo por meio do cristão e para o cristão: “[...] se viverdes segundo a carne, caminhais para a morte; mas, se, pelo Espírito, mortificardes os feitos do corpo, certamente, vivereis”. O Espírito Santo é apresentado aqui como o agente do poder e da pessoa do Cristo glorificado. Não há força suficiente em nós mesmos, mas colocados diante de nós estão o poder e a obra do Cristo glorificado pela ação do Espírito Santo. Certamente foi bem isso que Cristo propôs com as palavras: “Não vos deixarei órfãos, voltarei para vós outros” (Jo 14.18).

Embora não possamos analisá-lo longamente, 2Coríntios 13.13, que geralmente usamos como bênção, fala sobre o mesmo ponto: “A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus [o Pai], e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós”. A comunhão, ou a comunicação do Espírito Santo, refere-se ao Espírito como agente da Trindade, pelo qual Cristo pôde nos prometer em João 13 não só que Cristo não nos deixaria órfãos, como também que tanto ele como o Pai viriam a nós. O certo é que, ao olhar para o livro de Atos, vemos na igreja primitiva não um grupo de homens fortes trabalhando juntos, mas a operação do Espírito Santo trazendo-lhes o poder do Cristo crucificado e glorificado. Precisa ser assim para nós também.

Terceiro, isso não pode ser apenas passivo da nossa parte. Como já vimos, não será com base em nossas próprias obras, ou em nossa própria energia, assim como nossa justificação não pode se basear em nossas próprias obras e energia. No entanto, outra vez, como no caso da justificação, eu não sou um pau ou uma

pedra passiva.

A ilustração mais forte para mim é a resposta de Maria ao anjo (Lc 1.38). O anjo vem até Maria e diz: Maria, você dará à luz ao Messias prometido havia tanto tempo. Foi uma promessa única, não repetível. Há algo totalmente singular aqui: o nascimento da segunda Pessoa eterna da Trindade neste mundo. E qual é a resposta dela? O Espírito Santo, nos diz a Palavra, vai fazer com que seja concebida a criança no seu útero. Parece-me que ela poderia ter dado uma de três respostas. Ela era uma jovem judia, provavelmente de 17 ou 18 anos, que amava José. Não há motivo para pensarmos nele como sendo velho; conforme os artistas gostam de pintá-lo. Fazem isso porque era a mentalidade católica, como se José e Maria não tivessem tido filhos dos quais ambos foram pais, depois do nascimento de Cristo.

Aqui está ela, uma jovem judia de 17 ou 18 anos, enamorada de José, em uma situação histórica normal, com emoções normais, e de repente o anjo lhe diz que ela vai ter uma criança. Ela poderia ter rejeitado a ideia e dito: “Eu não quero a criança; quero sair disso; quero fugir. O que José vai dizer?” E sabemos o que José pensou depois. Humanamente não poderíamos culpá-la se tivesse se sentido assim. Mas ela não disse isso.

Segundo – e este é o nosso perigo a essa altura, quando estudamos a vida cristã – ela poderia ter dito: “Recebi as promessas, portanto agora vou exercer minha força, minha personalidade e minha energia, para conceber aquele que foi prometido. Tenho a promessa. Agora vou ter a criança sem um homem”. Mas com essa resposta ela nunca teria tido a criança. Ela não poderia conceber uma criança sem um homem, por vontade própria, não era mais provável para ela do que para outra jovem.

Mas houve a terceira opção. Que é bela, maravilhosa! Ela diz: “Aqui está a serva do Senhor; que se cumpra em mim conforme a tua palavra”.

Eis aí uma passividade ativa. Ela dispôs seu próprio corpo, por livre escolha, e o pôs nas mãos de Deus para fazer aquilo que ele disse que faria, e Jesus nasceu. Ela se entregou, de alma e corpo, a Deus. Em resposta à promessa, é claro; mas não para cumpri-la sozinha. É uma expressão linda, emocionante, pessoal, de um relacionamento entre uma pessoa finita e o Deus que ela ama. Ora, isso é absolutamente único e não deve ser confundido; só há um nascimento virgem. Contudo, é uma ilustração de sermos a noiva de Cristo. Estamos na mesma

situação pelo fato de ter recebido essas grandes e emocionantes promessas que estivemos considerando, e nem deveremos pensar em nós mesmos como totalmente passivos, como se não tivéssemos parte nisso, como se Deus tivesse parado de tratar conosco como pessoas; nem devemos pensar que sozinhos poderemos realizar alguma coisa. Se é para produzirmos esse fruto na vida cristã, ou melhor, se Cristo vai produzir esse fruto por meio de nós pela ação do Espírito Santo, precisa haver um ato de fé constante, de pensamento: com base em tuas promessas, estou aguardando que tu as cumpras, ó meu Jesus Cristo: produza teu fruto por meio de mim nesse pobre mundo.

É justamente isso que quero dizer com passividade ativa, e assim quero crer que não seja mais uma expressão morta; é uma expressão linda. Deve haver o som de trombetas e o retinir de címbalos; deve haver o salmo nos instrumentos de muitas cordas. Nós não estamos irremediavelmente presos. Não temos de nos fustigar, ou ficar deprimidos. “Que se cumpra em mim conforme a tua palavra.”

Então nós paramos diante de duas correntes de realidade: aqueles que já morreram e estão com Cristo agora; e nós, que temos a garantia do Espírito Santo agora, e então, conforme a realidade da obra concluída de Cristo temos acesso – não em teoria, mas na realidade – ao poder do Cristo crucificado, ressuscitado e glorificado pela ação do Espírito Santo.

A verdadeira espiritualidade não é alcançada com nossa energia própria. O “como” da espécie de vida da qual falamos, a verdadeira vida cristã, a verdadeira espiritualidade, é a de Romanos 6.11: “Assim também vós” [aí está a fé], e então o aspecto negativo: “considerai-vos mortos para o pecado”; mas depois o positivo: “mas vivos para Deus, em Cristo Jesus”. Este é o “como”, e não há outro. É o poder do Cristo crucificado, ressuscitado e glorificado, pela ação do Espírito Santo, por meio da fé.

Nota

* Para uma posição diferente, ver notas das Bíblias de Estudo de Genebra e Herança Reformada sobre 1Samuel 28 (N. do E.).

5

Unidade bíblica e verdadeira espiritualidade

o universo sobrenatural

Nossa geração é esmagadoramente naturalista. Há uma dedicação quase completa ao conceito da uniformidade de causas naturais em um sistema fechado. É sua característica distinta. Se não tivermos cuidado, mesmo dizendo que somos cristãos bíblicos e sobrenaturalistas, deixaremos que entre em nós o naturalismo da nossa geração. Talvez penetre em nosso modo de pensar sem que o reconheçamos, como neblina ou fumaça que se infiltra por uma janela apenas entreaberta. Logo que isso acontece, o cristão começa a perder o senso de realidade de sua vida cristã. Ao viajar de um lugar para outro, e falar em muitos países, fico impressionado com a frequência com que ouço, de cristãos, perguntas sobre a perda de realidade em sua vida cristã. Certamente, essa é uma das maiores e talvez a principal razão para a perda de realidade; que enquanto dizemos que cremos em uma coisa, permitimos que o espírito do naturalismo da época penetre em nosso modo de pensar, sem que seja reconhecido. Muito frequentemente a realidade se perde porque o "teto" está muito baixo sobre nossas cabeças. Está baixo de mais. E o "teto" que se fecha sobre nós está no modo de pensar naturalista.

Ora, a espiritualidade do cristão, sobre a qual escrevemos nos capítulos anteriores, não subsiste sozinha. Ela está relacionada com a unidade da visão da Bíblia sobre o universo. Isso quer dizer que precisamos entender – intelectualmente, com as janelas abertas – que o universo não é o que nossa geração diz que é, ao verem somente o universo naturalista. Isso se relaciona diretamente àquilo sobre o qual estivemos tratando nos primeiros capítulos. Por exemplo, dissemos que devemos amar Deus o suficiente para dizer "muito obrigado" mesmo pelas coisas difíceis. É preciso compreender imediatamente,

quando dizemos isso, que não há sentido nenhum nas palavras a não ser que vivamos em um universo pessoal em que haja um Deus pessoal que existe objetivamente.

Depois tocamos no mesmo ponto quando vimos que em uma perspectiva normal é muito difícil dizer “não” às coisas e a si, dentro da mentalidade das coisas e da mentalidade do eu, especialmente no século 21. Mas vimos que no Monte da Transfiguração somos colocados face a face diante de um universo sobrenatural. Aqui encontramos Moisés e Elias falando com Cristo enquanto ele está glorificado. E observamos que esse universo sobrenatural não é um universo distante. Muito pelo contrário: há uma continuidade perfeita, como na vida normal. Portanto (em Lc 9.37) no dia depois que essas coisas aconteceram, Jesus e os discípulos desceram do monte e entraram nas atividades normais da vida. O fato é que a sequência normal continuava enquanto estiveram no monte. Aqui temos um perfeito exemplo do relacionamento temporal e espacial. Enquanto subiram ao monte, não houve nenhum ponto em que eles passassem para outro espaço filosófico. E se tivessem tido relógios no pulso, os relógios não teriam parado a certa altura: teriam continuado seu movimento. E quando desceram, já era o dia seguinte e a sequência normal prosseguia. Nós encontramos aqui o mundo sobrenatural em relação à sequência normal e aos relacionamentos espaciais do mundo presente.

Também já consideramos a morte redentora de Cristo, que não tem sentido algum fora do relacionamento de um mundo sobrenatural. O único motivo de terem qualquer sentido as palavras “morte redentora” é porque há um Deus pessoal que existe e, mais ainda, que tem caráter. Ele não é moralmente neutro. Quando o homem peca contra o caráter dele, que é a própria lei do universo, o homem é culpado, e Deus irá julgar aquele homem com base em sua culpa moral verdadeira. Em tal cenário, as palavras: “a morte redentora de Cristo” têm sentido; caso contrário, não têm.

É preciso lembrar sobre o que é que estamos falando agora: o fato de que, conforme o exame que fizemos, a verdadeira vida cristã não pode ser desvinculada da unidade do ensino completo da Bíblia; não deverá ser abstraída da unidade da ênfase bíblica no mundo sobrenatural. Isso dá sentido à imagem bíblica dos cristãos em face desse mundo sobrenatural, como noiva, ligados a Cristo, o noivo, para que ele, o Cristo crucificado, ressurreto e glorificado, possa produzir fruto por meio deles. É uma doutrina que não mais surpreende.

Contudo, sinto que até as pessoas que receberam boa instrução sobre a salvação e muitos outros aspectos da vida ou doutrina cristã, muitas vezes, acham que a ideia de Cristo, como noivo, produzir frutos por meio dos cristãos, como noiva, seja uma doutrina um tanto exótica e surpreendente, ou, no mínimo, abstrata. Mas certamente não poderá ser uma doutrina surpreendente, a não ser que seja isolada do ensino da Bíblia quanto à total sobrenaturalidade do universo em que vivemos.

Essa é a mensagem da Bíblia, e quando a vemos assim, e estamos dentro desta estrutura, e não da naturalista (que chega a nós tão facilmente) o ensino de que Cristo, como noivo, produzirá fruto por meio de mim deixa de ser estranho. A Bíblia insiste que nós realmente vivemos em um universo sobrenatural. Mas se removemos a realidade objetiva do universo sobrenatural em qualquer área, a grande realidade de Cristo, o noivo, produzir fruto por meio de nós cai imediatamente por terra, e com isso o cristianismo fica sendo nada mais que um auxílio psicológico e sociológico, um mero instrumento. Logo que retiramos o sobrenaturalismo do universo, só nos sobra o Admirável Mundo Novo de Aldous Huxley, no qual a religião deverá ser simplesmente um instrumento sociológico para o futuro. No conceito do romântico humanismo evolucionário de Julian Huxley, a religião tem seu espaço, não porque haja nela alguma verdade, mas porque o homem como é agora, na sua estranha formação evolucionária, simplesmente precisa dela. Então ela lhe deve ser ministrada, porque ele precisa dela. Remova-se do universo o sobrenatural, no pensar e no agir, e nada restará senão a ideia do livro Honest to God que trata apenas do fato da antropologia, e nada tem a dizer às questões da realidade da comunicação com Deus. Estamos fechados só na antropologia, psicologia, e sociologia, e tudo que dizemos sobre a religião em geral – e especificamente sobre o cristianismo – cai por terra, exceto no que se relaciona a um mecanismo meramente psicológico. Toda a realidade do cristianismo repousa sobre a realidade da existência de um Deus pessoal, e a realidade da visão sobrenatural do universo total.

No entanto, quero passar para outro conceito positivo, que aparece em decorrência desse. O verdadeiro cristão que crê na Bíblia, é aquele que vive na prática dentro deste mundo sobrenatural. Não digo que ninguém possa ser salvo e ir para o céu a não ser que viva, na prática, neste mundo sobrenatural. Felizmente não é bem assim, ou nenhum de nós iria para o céu, porque nenhum de nós vive dessa maneira o tempo todo, com toda a coerência. O que estou dizendo é que o verdadeiro cristão que crê na Bíblia é aquele que age assim. Eu não sou um cristão bíblico, no sentido mais amplo, simplesmente por crer na

doutrina certa, e sim, à medida que vivo, na prática, neste mundo sobrenatural.

O que significa isso? Conforme a visão bíblica, a realidade consiste de duas partes: o mundo natural – o que vemos, normalmente, e a parte sobrenatural. Quando usamos a palavra “sobrenatural”, entretanto, é preciso cuidado. Na verdade, o sobrenatural não é mais incomum no universo, do ponto de vista bíblico, do que aquilo que normalmente chamamos de natural. A única razão de chamá-lo de parte sobrenatural é que geralmente não podemos enxergá-lo. Só isso. Do ponto de vista bíblico – a visão judaico-cristã – a realidade tem duas metades, como duas metades de uma laranja. Uma parte normalmente é visível, a outra é normalmente invisível.

Sugiro que isso possa ser ilustrado por duas cadeiras.* Os homens que se sentam nessas cadeiras olham o universo de dois modos diferentes. Todos estamos sentados em uma ou outra dessas cadeiras em cada momento de nossas vidas. O primeiro homem se senta na cadeira dele e está de frente com essa realidade total do universo, a parte visível e a parte normalmente invisível, e ele consistentemente vê a verdade contra esse pano de fundo. O cristão é um homem que já disse: “Eu me sento nessa cadeira”. O descrente, porém, é o homem que se senta na outra cadeira, intelectualmente. Ele vê apenas a parte natural do universo, e interpreta a verdade contra esse cenário. Vemos que é impossível que sejam verdadeiras as duas posições. Uma é verdadeira, a outra é falsa. Se existe na verdade somente a porção natural do universo, com uma uniformidade de causas naturais em um sistema fechado, então sentar-se na outra cadeira é se iludir. Mas se existem as duas metades da realidade, então, sentar-se na cadeira do naturalista é ser extremamente ingênuo e compreender de forma inteiramente errada o universo. Do ponto de vista cristão, ninguém já houve tão ingênuo, tão ignorante do universo, como o homem do século 20.

No entanto, para ser um cristão com fé bíblica, devemos entender que não basta só reconhecer que o universo tem essas duas metades. Viver como cristão significa viver nas duas metades da realidade: na parte sobrenatural e na natural. Poderia sugerir que é perfeitamente possível um cristão estar tão infiltrado pelo pensamento do século 20 que viva a maior parte de sua vida como se o sobrenatural não estivesse lá. Na verdade, poderia sugerir que todos nós façamos isso até certo ponto. O sobrenatural não toca o cristão somente no novo nascimento e depois na sua morte, ou na segunda vinda de Cristo, deixando o crente por conta própria dentro de um mundo naturalista durante todo o tempo intermediário. Nada estaria mais longe do ponto de vista bíblico. Ser um cristão

bíblico significa viver no sobrenatural agora, não só na teoria, mas também na prática. Se um homem se senta naquela cadeira e nega a existência da porção sobrenatural do mundo, nós dizemos que ele é um incrédulo. Que nome daremos a nós mesmos se nos sentarmos na outra cadeira, mas vivermos como se o sobrenatural não estivesse lá? Será que essa atitude não mereceria o nome de "sem-fé"? Um "sem-fé" é o crente que não vive à luz do sobrenatural agora. É o cristianismo que se tornou uma dialética, ou simplesmente uma boa filosofia. Para dizer a verdade, eu acredito fortemente que o cristianismo seja mesmo uma boa filosofia. Creio que é a melhor filosofia que já existiu. Mais do que isso, é a única filosofia que é coerente em si e que responde às perguntas. É uma boa filosofia precisamente porque trata dos problemas e dá respostas a eles. Contudo, não é apenas uma boa filosofia. A Bíblia não fala só em abstrações; não nos conta de uma ideia religiosa distante. Conta-nos sobre o homem como homem. Conta-nos sobre cada indivíduo, conforme cada homem é aquele indivíduo. E conta-nos como viver no universo real como é hoje. Remova esse fator, e ele (o cristianismo) será apenas uma dialética.

Como já disse, eu estou em uma ou outra das cadeiras em qualquer dado momento. Infelizmente, o cristão muitas vezes costuma vacilar entre os dois assentos. Em um momento está na cadeira da fé, e em outro momento está na cadeira do sem-fé. Uma vez que já aceitei Jesus Cristo como meu Salvador, estou salvo porque descanso nas mãos de Jesus Cristo e na base de sua obra completamente concluída. Mas Deus ainda trata comigo como pessoa; não sou uma máquina. Não sou uma figura de metal. É perfeitamente possível o cristão alternar entre uma cadeira e outra. Mas se estou procurando viver uma vida cristã enquanto sentado na cadeira do sem-fé, certas coisas são verdade. Primeiro, estou operando na carne. Não me importa em que atividade; não me importa o barulho que faça sobre evangelização para ganhar almas, ou sobre coisas exóticas, por exemplo. Ainda é na carne. Eu, a criatura, coloquei-me no centro do universo.

Segundo, se estou procurando viver uma vida cristã enquanto me sento na cadeira do sem-fé, estou apenas fazendo de conta, em vez de estar empenhado nisso, porque a batalha verdadeira não é contra a carne e o sangue, mas está nas regiões celestes, e eu não posso participar dessa batalha se estou na carne. Em tempo de guerra, enquanto os irmãos mais velhos estão fora, na batalha verdadeira, os garotinhos, em casa, brincam de soldado. Agem como soldados, sim, mas não têm nenhum contato, nem influência na batalha verdadeira que está sendo disputada. Quando tento viver uma vida cristã enquanto me sento na

cadeira do sem-fé, estou só brincando de guerra. Não estou em contato nenhum com a batalha real.

Terceiro, o Senhor não honrará nossas armas se estivermos sentados na cadeira do sem-fé, porque não lhe atribuirão nenhuma honra ou glória. O fato é que roubam dele a honra e a glória, mesmo aquelas que lhe são devidas por ele ser totalmente o Criador e o centro do universo. Paulo fala disso quando diz que: “Tudo o que não provém de fé é pecado” (Rm 14.23). Hudson Taylor disse: “O trabalho do Senhor feito à maneira do Senhor nunca deixará de ter a provisão do Senhor”. Ele estava pensando primeiramente na provisão material, mas certamente incluiria também a provisão completa. Eu diria isso com uma paráfrase: o trabalho do Senhor feito na energia humana não é mais trabalho do Senhor. Pode ser alguma coisa, mas não obra do Senhor.

A essa altura surgem duas perguntas. A primeira: Se a batalha real ocorre “nas regiões celestes”, então as “regiões celestes” estão longe? E a segunda: Nossa parte individual nela não se torna realmente pouco importante?

Primeiro, então, será que as regiões celestes, conforme a Escritura, não ficam em algum lugar distante? O sobrenatural não é remoto? A resposta é decididamente não. O Monte da Transfiguração esclarece muito bem o fato de que o mundo sobrenatural não fica longe, longe de nós. Não é preciso que se viaje em uma nave espacial, voando durante duas gerações, produzindo a segunda geração durante o voo, para que se alcance o mundo sobrenatural. O sobrenatural, nesse caso, estava no final da subida do monte. Ficou compreendida uma sequência, de modo que quando desceram era apenas o passo seguinte. Essa é a ênfase da Escritura, que o mundo sobrenatural não está longe, e sim, muito, muito perto.

Sobre Cristo na estrada de Emaús, Lucas escreveu: “[...] se lhes abriram os olhos, e o reconheceram; mas ele desapareceu da presença deles” (Lc 24.31).

Uma tradução mais exata seria: “Ele deixou de ser visto por eles”. Lucas não diz que Cristo não estava mais lá. Nesse lugar específico, eles simplesmente não o viram mais. João 20.19,26 tem a mesma ênfase. Essa visão não é fechada em um só momento histórico, depois da ressurreição de Jesus Cristo. É a estrutura da Bíblia. A estrutura sobrenatural da Escritura traz em si a ênfase que o sobrenatural não está longe, mas bem próximo, todo em volta de nós. O sobrenatural não é só ontem e amanhã; é hoje.

Isso se encontra igualmente no Antigo Testamento. “[...] Jacó seguiu o seu caminho, e anjos de Deus lhe saíram a encontrá-lo. Quando os viu, disse: Este é o acampamento de Deus. E chamou àquele lugar Maanaim” (Gn 32.1-2).

O nome hebraico “Maanaim” significa “duas hostes” ou “dois acampamentos”. E um acampamento é tão real como o outro. Nenhum é sombra e ficção, produto da mente de Jacó. Houve duas hostes, dois grupos; primeiro o dele, constituído de sua própria família, seus animais, e tudo o mais; e o segundo, de anjos, tão válidos e reais, e tão próximos dele quanto o primeiro.

Mas talvez o texto clássico nesse assunto seja 2Reis 6.16-17. Nele Eliseu está cercado por um inimigo e o jovem que está com ele se apavora. Mas Eliseu lhe diz: “Não temas, porque mais são os que estão conosco do que os que estão com eles”. Para o jovem, deveria ter soado como um consolo um tanto frio naquele momento. Mas, rapidamente, tornou-se consolo real, verdade mesmo: “Orou Eliseu e disse: Senhor, peço-te que lhe abras os olhos para que veja. O Senhor abriu os olhos do moço, e ele viu que o monte estava cheio de cavalos e carros de fogo, em redor de Eliseu”. Naquele momento, acabaram-se os problemas do moço! Quanto ao ponto que estamos considerando, entretanto, o significativo é que a oração não foi para que algo viesse. Já estava lá. A única diferença era que os olhos do rapaz tinham de ser abertos para que visse o que Eliseu já via. O sobrenatural não era algo remoto, pois já estava lá. Tudo o que o jovem precisava era que seus olhos fossem abertos para vê-lo.

Quando alguém se refere ao sobrenatural, imediatamente o homem naturalista mostra a decisão de livrar-se dele. Está decidido a argumentar que não está lá. É por isso que a teologia liberal – que é naturalista – tenta fabricar uma teologia que subsista quando nada resta senão a antropologia. É realmente onde a batalha da verdade está sendo disputada em todo o mundo. Mas se enxergamos isso, então recai sobre nossos ombros a necessidade, a alta vocação e o dever de viver à luz da existência das duas partes do universo, a parte visível e a invisível, na percepção de que as regiões celestes não estão distantes. Estão em volta de nós aqui.

Agora vamos à segunda pergunta. Se as batalhas reais são as sobrenaturais, nas “regiões celestes”, será que nossa parte nelas não é relativamente sem importância? Uma observação do apóstolo Paulo se relaciona a isso: “[...] a mim me parece que Deus nos pôs a nós, os apóstolos, em último lugar, como se fôssemos condenados à morte, porque nos tornamos espetáculo ao mundo, tanto

a anjos, como a homens” (1Co 4.9).

Aqui Paulo faz uma afirmação fantástica, quando considerada meramente do ponto de vista naturalista, ou para quem está sentado na cadeira que chamamos de “sem-fé”. A palavra grega que se traduz por “espetáculo” nada tem a ver com o uso atual dessa palavra. É a ideia do teatro; estamos em um palco sendo observados. Ele diz aqui que o universo sobrenatural não está longe, e que, embora a batalha real esteja nas regiões celestes, nossa parte não é, de forma nenhuma, insignificante porque está sendo observada pelo mundo invisível. É como um espelho unidirecional. Estamos sob observação.

Na realidade, este ensino não repousa só nesse versículo. Por exemplo, Paulo o menciona a Timóteo, que no sentido restrito nem é um apóstolo: “Conjuro-te, perante Deus, e Cristo Jesus, e os anjos eleitos [...]” (1Tm 5.21).

Timóteo está sozinho? Existe um momento em que Timóteo não esteja sendo observado? A resposta é não. Deus observa; mas, também, os anjos observam. E isso não acontece só com Timóteo, mas com todos nós. É claro que este é o sentido do Livro de Jó. Jó não entendia que estava sendo observado, mas estava. Mais do que isso, mesmo não o sabendo, Jó estava desempenhando um papel na batalha das regiões celestes, quando a série de desastres lhe sobreveio. Não estava só sendo observado, mas havia um relacionamento de causa e efeito do visível com o mundo invisível. Sabemos isso pelo ensino de Cristo, também, porque Cristo nos diz que quando um pecador se arrepende, os anjos dos céus se alegram. Isso é causa e efeito, na linguagem do século 21. Há uma causa na terra e no mundo invisível há um efeito. O mundo sobrenatural não está lá longe, e nossa parte não é sem importância, porque somos observados; e mais do que isso, há uma relação de causa e efeito com a batalha real nas regiões celestes, fundamentada em nossa vida cristã.

Quando conservamos em mente 1Coríntios 4.9, em que somos avisados de que estamos “no palco” diante dos homens e dos anjos, devemos também notar o que Paulo diz em 1Coríntios 2.4, que tem relação com isso: “A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder”.

Em demonstração diante de quem? À luz das observações de Paulo no capítulo 4, certamente não é só demonstração diante do mundo perdido, ou diante da igreja, mas demonstração diante dos anjos, também.

Esse versículo tem sido grosseiramente mal interpretado. Muitos têm achado que ensina que só deve existir a pregação simples do evangelho; e querem que se entenda que a pregação simples do evangelho signifique simplesmente recusar considerar as questões de nossa própria geração, e recusar lutar com elas. Destacam um contraste entre a pregação simples do evangelho e a tentativa de dar respostas intelectuais honestas, quando perguntas honestas são feitas. Mas nada poderia estar mais longe do sentido dessas palavras. Simplesmente não é o que essas palavras comunicam. O que Paulo diz aqui é que a pregação do evangelho a pessoas simples ou então às mais "complicadas" fracassa em ambos os casos se não incluir uma demonstração de vida cristã, se não incluir a obra do Espírito Santo. Não é questão de se apresentar a mensagem do evangelho da forma mais simples imaginável, e fazer uma completa dicotomia entre a fé e a vida intelectual. Paulo está dizendo que seja qual for a espécie de pessoa a quem você esteja pregando, e seja qual for a terminologia que você precise usar, e não interessa quanto tempo você tenha de usar as palavras, se você estiver falando ao camponês ou ao filósofo, em todos os casos deve haver demonstração do poder do Espírito do Cristo ressuscitado e glorificado operando por meio de nós.

Pouco a pouco, muitos cristãos desta geração vêm percebendo que a realidade está escapando. A realidade tende a ser encoberta com incrustações do pensamento naturalista. Suponho que essa seja uma da meia dúzia de perguntas que me são propostas com maior frequência por jovens vindos de meios evangélicos: Onde está a realidade? Para onde foi a realidade? Já a ouvi pronunciada em desespero sincero e aberto, por excelentes jovens cristãos de muitos países. À medida que o teto do que é naturalista vem descendo sobre nós, à medida que ele invade em injeções ou conotação, a realidade vai aos poucos escapulindo. Mas o fato de que Cristo como noivo produz fruto por meio de mim como noiva, pela ação do Espírito Santo que habita em mim pela fé, abre o caminho para eu começar, como cristão, a conhecer na vida presente a realidade do sobrenatural. É aí que o cristão deve viver. A doutrina é importante, mas não é um fim em si. Deverá haver uma realidade experimental, momento por momento. E em oposição à simples experiência existencial, ou às experiências religiosas orientais, a glória da realidade experimental do cristão é que podemos vivenciá-la com as portas e janelas intelectuais abertas. Não precisamos de uma sala escura; não precisamos estar sob a influência de uma droga alucinatória; não precisamos escutar certo tipo de música; podemos conhecer a realidade do sobrenatural aqui e agora.

Esse resultado experiencial, contudo, não é só uma experiência de simples

sobrenaturalismo, sem conteúdo, que não nos seja possível descrever e comunicar. É muito mais. É um relacionamento experiencial, de momento em momento, cada vez maior, com Cristo e com a Trindade toda. Estaremos em um relacionamento com a Trindade completa. As portas estão abertas agora: as portas intelectuais, e também as portas à realidade.

Portanto é este o como. É como viver uma vida de liberdade das amarras do pecado; não de perfeição, porque isso não foi prometido a nós nesta vida. Mas esse é o como para que se esteja livre das amarras do pecado na vida presente, e dos resultados dessas amarras, como veremos adiante. É assim que poderemos mostrar a realidade do sobrenatural a uma geração que perdeu o rumo. Essa é a vida cristã, e essa é a verdadeira espiritualidade. À luz da unidade do ensino da Bíblia com respeito à natureza sobrenatural do universo, o como é o poder do Cristo crucificado e ressurreto, por meio da ação interior do Espírito Santo, pela fé.

Nota

* Para um tratamento mais completo desse ponto, ver o capítulo final do meu livro Death in the City, publicado por Inter-Varsity Press [publicado no Brasil pela Editora Cultura Cristã, com o título Morte na cidade, 2018 (N. do R.)].

6

a salvação: passada,

presente e futura

A Bíblia diz que o homem caiu, em um ponto específico da História, e que, quando o homem caiu, tanto o homem como o mundo sobre o qual tinha domínio tornaram-se anormais. Ao se olhar a História subsequente, a impressão poderia ser que a criação de Deus de criaturas racionais e morais houvesse fracassado.

Mas então veio Cristo, morreu, ressurgiu – também na História – e a vitória necessária estava ganha. Quando Cristo voltar, a prova de sua vitória será completamente óbvia. Mas na terra hoje nem há paz universal para o indivíduo, nem para a humanidade. Realmente, o mundo do século 21 não é muito diferente daquele mundo da Assíria, Babilônia ou Roma.

Será que isso significa que entre a vitória na cruz e o dia de hoje, e daqui para frente até a segunda vinda do Senhor Jesus Cristo, Deus não teve a intenção que pudesse haver qualquer evidência da realidade da vitória da cruz?

Quando examinamos a Escritura, certamente descobrimos que isso seria exatamente o que ele não pretendeu.

Vós [...] sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus; [isto é, um povo separado para um propósito] a fim de proclamardes as virtudes [ou os louvores] daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz; vós, sim, que, antes, não éreis povo, mas, agora, sois povo de Deus. (1Pe 2.9-10)

Essa passagem diz que na vida presente os cristãos são chamados com um propósito, chamados para demonstrar os louvores de Deus. Em outras palavras, Deus não tinha a intenção que não houvesse evidência da realidade da vitória da cruz entre a ascensão e a segunda vinda de Jesus. Deus sempre planejou que os cristãos fossem a prova, a demonstração da vitória de Cristo na cruz.

A chamada do cristão é para que creia na doutrina certa, a doutrina verdadeira, a doutrina da Escritura. Mas não é só questão de pronunciar a doutrina certa, embora isso seja tão importante. Nem é questão de ser aquilo que possa ter explicação pelo talento natural, ou pelo caráter, ou pela energia. O cristão não é chamado para apresentar apenas mais uma mensagem do mesmo modo que todas as outras mensagens são apresentadas. Devemos entender que não é importante somente o que fazemos, e sim, como o fazemos. No primeiro capítulo de Atos, entre a ressurreição e a ascensão de Cristo, ele dá uma ordem não apenas para que que se pregue o evangelho, mas para que se aguarde o Espírito Santo e então que se pregue o evangelho. Pregar o evangelho sem o Espírito Santo é deixar de perceber o essencial da ordem de Jesus Cristo para nossa época. Na área de atividades cristãs ou serviço cristão, como nós o estamos fazendo é, pelo menos, tão importante quanto o que estamos fazendo. Tudo que não estiver demonstrando que Deus existe escapa à finalidade proposta para a vida do cristão agora, aqui na terra. Segundo a Bíblia, deveremos estar vivendo uma vida sobrenatural agora, nessa existência de hoje, de uma forma que nunca mais será possível de ser feita outra vez por toda a eternidade. Somos chamados para viver uma vida sobrenatural agora, pela fé. A eternidade será maravilhosa, mas há uma coisa que o céu não terá: é a chamada, a possibilidade, e o privilégio de se viver uma vida sobrenatural aqui e agora pela fé, antes de ver Jesus face a face.

Esta é a demonstração da intenção de Deus no mundo até que Cristo volte, e é o cristão que será a demonstração. Os cristãos são convocados a ser uma demonstração, no nosso ponto da História, de que o sobrenatural, o mundo normalmente invisível, existe; e, além disso, que Deus existe. Isso é o que eles devem fazer, individual e coletivamente, cada geração de cristãos à sua própria geração. Portanto somos escolhidos para ser a demonstração nessa virada de milênio. Obviamente não podemos ser uma demonstração para o passado; e só, parcialmente, por meio de nossos escritos e nossas obras poderemos deixar uma demonstração para o futuro, embora deva haver uma demonstração cumulativa, rolando como bola de neve pelos séculos. Mas antes de tudo cada cristão deverá ser uma demonstração no seu próprio ponto da História e para a sua própria

geração.

Espera-se que os crentes demonstrem o caráter de Deus, que é uma demonstração moral, mas não apenas uma demonstração de princípios morais; é uma demonstração do seu ser, da sua existência. Que vocação, que chamamento, que encargo importante, grandioso! Certamente toda pessoa que esteja sendo honesta e sincera, e não só romântica ou idealista no mau sentido, deve entender que quaisquer demonstrações seriam totalmente sem sentido se empreendidas por esforço próprio e confiança em si. Então, novamente, o ensino bíblico de Cristo como Noivo, produzindo seu fruto por meio de nós – o poder do Cristo crucificado e ressuscitado e o agenciamento do Espírito Santo pela fé – será visto como não sendo um ensino isolado. Não nos deve pegar de surpresa. Tem seu lugar na unidade do ensino bíblico sobre o chamamento do cristão neste mundo presente. Esta é a segunda das unidades bíblicas que temos considerado. A primeira foi a unidade do ensino bíblico com respeito à natureza sobrenatural do universo.

Uma terceira unidade, do ensino da Bíblia, está na unidade do que é a salvação. Quando, verdadeiramente, aceito Cristo como meu Salvador, a Bíblia diz que Deus, imediatamente, declara-me justificado. Deus, como Juiz, juridicamente declara que minha culpa se foi, com base na obra substitutiva de Cristo. Não que Deus faça vista grossa ao pecado. Ele é santo, e por ele ser santo, todo pecado resulta em culpa verdadeira. Mas quando aceito Cristo como meu Salvador, meu pecado já está punido, em Cristo: na História, no espaço e no tempo, sobre a cruz. E Deus me declara justificado quanto à culpa. É como se eu nunca tivesse pecado. Sobre a cruz Jesus tomou todo nosso castigo, o que quer dizer que não sobrou castigo para suportarmos, nem nesta vida, nem no além. Porque Cristo é divino, sua morte teve valor infinito – valor suficiente, em efeito substitutivo, para cobrir todo o pecado individual, e toda a culpa de todos aqueles que em qualquer tempo se cheguem a ele.

A justificação precisa ser entendida como sendo absolutamente irrevogável, pois Cristo tomou o castigo de todo o nosso pecado, não só do nosso pecado até o momento em que aceitamos Cristo como nosso Salvador. Não ficou nada para ainda ser debitado na nossa conta. Visto assim, que é a maneira bíblica de ver, não há graus de justificação. Não se pode ser mais ou menos justificado. Nesse sentido, não se pode ser mais ou menos cristão; ou se é cristão, ou não se é cristão. Assim como ou se é nascido ou não nascido, casado à vista de Deus ou não casado, assim ou se aceitou Cristo como Salvador e, por isso, já se é

justificado ou não. Não há meio caminho, não há graus. A culpa se foi totalmente do cristão, para sempre. Portanto, para o cristão, a justificação é passada.

Mas não devemos cometer um engano aqui. A salvação, como a palavra é usada na Escritura, é coisa mais ampla do que a justificação. Há um passado, um futuro, e com a mesma realidade, um presente. A obra infinita de Cristo sobre a cruz traz ao cristão mais do que justificação. No futuro, há a glorificação. Quando Cristo retornar, haverá a ressurreição do corpo e a eternidade. Mas há também um aspecto presente da salvação. A santificação é nosso relacionamento presente com o Senhor, o tempo verbal presente.

Na santificação há graus. Já dissemos que não há graus na justificação, porque a culpa se foi totalmente. Mas na questão de nosso relacionamento com nosso Senhor, no presente, há graus. Há graus entre cristãos diversos, e também precisamos reconhecer graus na nossa vida pessoal em tempos diferentes.

A vida cristã não é um plano inclinado ininterrupto. Por vezes está para cima, e por vezes – todos precisamos reconhecer, se não estamos nos iludindo – está para baixo. Embora não seja possível ser mais ou então menos justificado, é possível ser mais ou menos santificado. A justificação trata da culpa do pecado; a santificação trata do poder do pecado na vida do cristão, e nisso há graus.

A salvação não é só a justificação e depois um branco até a morte; Deus nunca pretendeu que fosse assim. A salvação é uma unidade, uma corrente que flui, da justificação através da santificação até a glorificação.

Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito. Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou. (Rm 8.28-30)

Fica bem claro, nos tempos verbais usados, que a salvação é para ser vista como uma corrente ininterrupta.

Há outros exemplos da mesma verdade:

Justificados [...] mediante a fé, [no passado] temos paz [no presente] com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo; por intermédio de quem obtivemos [e portanto temos agora, no presente] igualmente acesso, pela fé, a esta graça na qual estamos firmes; e gloriamo-nos na esperança da glória de Deus. E não somente isto, mas também nos gloriamos nas próprias tribulações, sabendo que a tribulação produz perseverança; e a perseverança, experiência; e a experiência, esperança. Ora, a esperança não confunde, porque o amor de Deus é derramado em nosso coração pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado. (Rm 5.1-5)

Ou poderemos olhar os versículos-chave da primeira metade do livro de Romanos: "[...] não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego, visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé" (Rm 1.16-17). Ora, a palavra "salvação" aqui não é justificação. A palavra "salvação" abrange o todo: justificação, santificação, e glorificação. "Visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé." Essa não é só a fé de uma vez por todas da justificação, mas a fé de fé em fé. "Como está escrito: O justo viverá por fé" não só será justificado pela fé: o justo irá viver por ela.

De certa forma, a santificação é a consideração mais importante para o cristão agora, porque é o ponto em que estamos. É a porção presente da salvação, e nesse sentido é a consideração mais importante para o cristão agora. A justificação é de uma vez por todas; a santificação é contínua, desde a nossa aceitação de Cristo até o ponto da nossa morte. Este estudo da vida cristã e da verdadeira espiritualidade envolve a parte presente de nossa salvação. Isto é, este estudo inteiro é realmente um estudo do ensino bíblico da santificação.

A salvação é uma unidade. Quando aceitei Cristo como meu Salvador, quando minha culpa se foi, voltei ao lugar para o qual fui originalmente criado. O homem tem uma finalidade. Nesta segunda parte do século 20, somos constantemente confrontados com a questão: "Qual é o fim principal do homem – se é que o homem tem fim principal?" E a essa questão o século 20 devolve

um grande silêncio. Mas a Bíblia diz que o homem tem a finalidade de amar a Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma, de todo o seu entendimento. E este amar não é para ser um amar vago ou religioso no sentido moderno, mas uma comunicação genuína com Deus: a pessoa finita, pensando, agindo e sentindo, estando em relacionamento com o infinito – não um simples infinito, mas um infinito que é um Deus pessoal; e por isso a comunicação é possível. Esse é o propósito do homem, embora perdido pela queda. E quando aceito Cristo como meu Salvador, a culpa, que me separou de Deus e do cumprimento de meu propósito, é apagada. Tomo então o lugar que o homem foi feito para ocupar quando criado. Não apenas em algum dia distante, no reinado milenar de Cristo, nem na eternidade, mas agora sou devolvido ao lugar para o qual já no início fui feito. Estou imediatamente em um novo e vivo relacionamento com cada uma das três pessoas da Trindade. Primeiro, Deus o Pai torna-se meu pai. Teologicamente, fala-se nisso como adoção. “[...] a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder [ou o direito] de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no seu nome” (Jo 1.12). Quando recebo Cristo, com base em sua obra consumada, eu me torno filho de Deus. Cristo, a segunda pessoa da Trindade, é de forma singular o Filho eterno de Deus. Mas a Bíblia declara, e deve ser grande alegria para nós, que quando aceitei Cristo como meu Salvador, imediatamente entrei em um novo relacionamento com o Pai, e tornei-me seu filho, no sentido da criatura no lugar apropriado para o qual ele foi feito no princípio.

Segundo, quando aceito Cristo como meu Salvador, imediatamente, entro em um novo relacionamento com Deus, o Filho. Na teologia fala-se nisso como nossa união mística com Cristo. No livro de Efésios, aprendemos repetidas vezes que quando aceitamos Cristo como nosso Salvador estamos “em” Cristo. Em Romanos 7.4, ouvimos que Cristo é nosso noivo e nós somos a noiva. Em João 15 aprendemos que Cristo é a videira e nós somos os ramos. Em todos esses relacionamentos é ilustrada ou apresentada a união mística de Cristo com o crente. E quem é esse Cristo, com quem entramos em um relacionamento? Não o menino Jesus, nem Cristo quando estava na terra, nem Cristo dependurado sobre a cruz, mas o Cristo ressurreto, ascendido ao céu e glorificado.

Finalmente, a Bíblia diz que entramos também em um novo relacionamento com a terceira pessoa da Trindade, o Espírito Santo. Quando somos justificados, somos também e imediatamente habitados pelo Espírito Santo. Em João 14.16-17 Cristo faz uma promessa, bem antes de sua morte, que foi cumprida no Pentecostes após sua ressurreição e ascensão: “Eu rogarei ao Pai, e ele vos dará

outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco, o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê, nem o conhece; vós o conheceis, porque ele habita convosco e estará em vós". Houve um relacionamento presente então, mas haveria também um no futuro. João explica isso quando diz que o Espírito Santo ainda não tinha sido dado, porque Cristo não tinha sido ainda glorificado (Jo 7.39). Na Carta aos Romanos, novamente fica claro que agora, se aceitamos Cristo como nosso Salvador, estaremos neste novo relacionamento com o Espírito Santo, e que a pessoa que não está em um relacionamento com o Espírito Santo não é cristã. "Vós [...] não estais na carne, mas no Espírito, se, de fato, o Espírito de Deus habita em vós. E, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele" (Jo 8.9). Paulo, escrevendo a todos os cristãos de Corinto, pergunta: "Não sabeis que sois santuário de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?" (1Co 3.16). Isso ficou escrito durante os séculos para cada pessoa que aceitou Cristo como Salvador. Quando sou justificado, sou habitado pelo Espírito Santo, e entrei nesse novo relacionamento com a terceira pessoa da Trindade.

Além disso, lemos a seguinte promessa de Cristo: "[...] eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco, o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê, nem o conhece; vós o conheceis, porque ele habita convosco e estará em vós. Não vos deixarei órfãos, voltarei para vós outros" (Jo 14.16-18). Não ficamos "órfãos"; Cristo vem até nós, por intermédio do Espírito Santo que habita em nós. E no versículo 23, ligado a isso: "E viremos para ele e faremos nele morada." Nesse contexto a verdade é que o Espírito Santo habitando o cristão individual não é só agente de Cristo, mas o é também do Pai. Consequentemente, quando aceito Cristo como meu Salvador, minha culpa se foi; sou habitado pelo Espírito Santo, e estou em comunicação com o Pai e o Filho, bem como o Espírito Santo – a Trindade completa. Deus o Pai é meu Pai; estou em união com o Filho; e sou habitado pelo Espírito Santo. Isso não é só para existir na doutrina; é o que possuo agora.

Deixe-me enfatizar isso novamente: a salvação é uma peça só. Toda a salvação, passada, presente e futura, tem uma base. A base não é a nossa fé. Se estamos confusos aqui, estamos confusos em tudo. Uma pessoa nunca poderá ser justificada com base na sua própria fé. Por toda a salvação, a única base é a obra concluída de Jesus Cristo sobre a cruz na História. Fé é a mão vazia, o instrumento pelo qual aceitamos a dádiva grátis (o dom gratuito) de Deus. A fé é, simplesmente, o crer em Deus. Não é um salto no escuro. É parar de chamar Deus de mentiroso, e acreditar nele. Só existe justificação com base na obra

consumada de Cristo. Fé é o instrumento pelo qual aceitamos essa obra terminada. Este é o como, mas esse “como” se estende por toda a salvação.

Considere, por exemplo, a segurança. A Bíblia esclarece que a pessoa que é cristã tem direito de saber que está salva: essa é uma das boas dádivas de Deus, saber verdadeiramente que se é cristão. Isso não se refere somente ao fato inicial, depois que se aceita Cristo como Salvador, mas se aplica também naqueles grandes momentos esmagadores da vida quando as ondas sobem tanto que nos parece, psicológica ou espiritualmente, que nunca mais vamos conseguir sentir chão firme sob os pés. Em tal momento um cristão pode ter segurança. Pois sua salvação repousa sobre a obra acabada de Cristo, quer ele aceite ou não a paz que deve possuir, e ele poderá ter segurança na medida em que crer nas promessas de Deus naquele momento.

É exatamente o mesmo com a santificação. A base é a obra concluída de Cristo; o instrumento para apropriar-se daquilo que Deus sempre quis que tivéssemos nesse momento é a fé. Como filho de Deus, a santificação, desde o tempo da justificação e continuando para a vida presente, é de-momento-em-momento. A justificação é uma vez por todas, naquele momento em que, pela graça de Deus, eu aceito Cristo como meu Salvador; mas a santificação acontece momento por momento, sendo uma vida de fé de-momento-em-momento. Nesse ponto em particular o existencialista tem razão quando aponta a característica da vida da pessoa ser de-momento-em-momento.

“[...] este é o amor de Deus: que guardemos os seus mandamentos; ora, os seus mandamentos não são penosos” (1Jo 5.3). Isso é verdade? Em nós mesmos, será que consideramos que seus mandamentos não são penosos? Eu diria que durante muitos anos os achei penosos. Por muitos anos como pastor, pregando o evangelho, nunca preguei sobre este texto pela simples razão de que eu não o entendia. Achava os mandamentos de Deus penosos; quase não os suportava. E então, um dia, lutando com esse tópico, eu vi que tudo o que era necessário era olhar o contexto imediato: “Porque este é o amor de Deus: que guardemos os seus mandamentos; ora, os seus mandamentos não são penosos. Porque todo o que é nascido de Deus vence o mundo”. Felizmente não para aí, ou não nos diria o “como”. “[...] esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé”. Com base na obra acabada de Cristo, uma vida de fé de-momento-em-momento é “a vitória”. Não a nossa vitória, mas a vitória de Cristo, comprada para nós na cruz do Calvário, conseguida de-momento-em-momento pela fé.

São comparáveis a santificação e a segurança. Um homem poderá ser salvo e não saber que está salvo porque não levanta as mãos vazias da fé nesse momento especial e acredita nas promessas de Deus. E uma pessoa poderá deixar de ter na santificação tudo que Deus quis que ela tivesse na vida presente porque, ainda que Cristo tenha comprado tudo isso para ela na cruz, ela deixa de crer em Deus a esse respeito e de erguer as mãos vazias da fé momento por momento. Agora deixe-me repetir, para deixar isso absolutamente claro: a base não é a sua fé; é a obra concluída de Cristo. A fé é o instrumento para receber de Deus o que Cristo comprou para nós.

Então esta é a terceira unidade, a unidade do que é a salvação: uma só peça, contudo uma corrente que flui. Eu me tornei cristão de uma vez por todas baseado, pela fé, na obra consumada de Cristo; isso é a justificação. A vida cristã, a santificação, opera na mesma base, mas momento por momento. Há a mesma base (a obra de Cristo) e com o mesmo instrumento (a fé); a única diferença é que a primeira é uma vez por todas, e a outra é de-momento-em-momento. Toda a unidade do ensino bíblico se alicerça solidamente quanto a isso. Se tentarmos viver a vida cristã em nossa própria força teremos tristeza; mas se vivermos assim, não só serviremos o Senhor, mas em lugar de tristeza, ele será nosso cântico. A diferença é esta. O "como", da vida cristã, é o poder do Senhor crucificado e ressurreto, pela ação do Espírito Santo que, pela fé, habita nosso interior de-momento-em-momento.

"[...] o Deus da esperança vos encha de todo o gozo e paz no vosso crer, para que sejais ricos de esperança no poder do Espírito Santo" (Rm 15.13). Essa é a nossa vocação, pela ação do Espírito Santo. Não somos chamados para servir a Deus de qualquer maneira, mas para conhecer a alegria e paz que há em crer.

7

A prática da verdadeira espiritualidade momento por momento

a esposa frutífera

Quando aceitamos Cristo como nosso Salvador, imediatamente estamos em um novo relacionamento com Deus, o Pai. Deus, o Pai, imediatamente fica sendo nosso Pai. Ele é “Abba” – Papai – para nós. Mas é claro que, se isso é verdade, deveríamos estar vivenciando nesta vida o amor paternal do Pai. Quando aceito Cristo como meu Salvador, eu entro também em um novo relacionamento com Deus, o Filho. Imediatamente ele se torna minha “videira” e meu “noivo”. Ora, isso faz surgir uma pergunta. Se eu, como ramo e como noiva, não estou produzindo o fruto que se espera, quem é minha videira e meu noivo? O que está errado?

Assim, meus irmãos, também vós morrestes relativamente à lei, por meio do corpo de Cristo, para pertencerdes [estardes casados] a outro, a saber, àquele que ressuscitou dentre os mortos, para que frutifiquemos para Deus. (Rm 7.4)

Observe o duplo para que: primeiro, para que nos casemos com Cristo; segundo, para que venhamos a dar fruto para Deus. Mas com isso deve vir um aviso muito sério:

“Nem ofereçais cada um os membros do seu corpo ao pecado, como instrumento” [ferramenta ou arma] de iniquidade; mas oferecei-vos a Deus,

como ressurretos dentre os mortos, e os vossos membros, a Deus [oferecei-vos como unidade e em partes] como instrumentos de justiça (Rm 6.13).

Como cristão eu posso render-me a um ou ao outro, para que eu possa ser usado por um ou pelo outro, como arma na luta que está sendo travada.

[...] o pecado não terá domínio sobre vós, pois não estais debaixo da lei e sim da graça. E daí? Havemos de pecar porque não estamos debaixo da lei e sim da graça? De modo nenhum! Não sabeis que daquele a quem vos ofereceis como servos para a obediência, desse mesmo a quem obedeceis sois servos, seja do pecado para a morte ou da obediência para a justiça? Mas graças a Deus porque, outrora, escravos do pecado, contudo, viestes a obedecer de coração à forma de doutrina a que fostes entregues; e, uma vez libertados do pecado, fostes feitos servos da justiça. Falo como homem, por causa da fraqueza da vossa carne. Assim como oferecestes os vossos membros para a escravidão [para ser escravos] da impureza e da maldade para a maldade, assim oferecei, agora, os vossos membros para servirem a justiça, para a santificação. Porque, quando éreis escravos do pecado, estáveis isentos em relação à justiça. Naquele tempo [antes de ser cristão] que resultados colhestes? Somente as coisas de que, agora, vos envergonhais; porque o fim delas é morte. (Rm 6.14-21)

Esse texto aponta para nossa principal vocação. Somos chamados para nos colocar por opção nos braços de quem é nosso amor verdadeiro, nosso noivo, a fim de produzir seu fruto no mundo exterior. Mas também o texto nos avisa que é possível, mesmo depois que somos cristãos, nos colocarmos nos braços de outro e produzirmos o fruto dele neste mundo. É possível como cristãos estar produzindo o mesmo tipo de fruto que produzíamos antes de sermos cristãos. Por quê? Porque estamos nos rendendo ao que é errado; para ser específico, àquele velho mestre nosso, o diabo, Satanás. Deixe-me repetir isso de maneira suave, mas afiada: é possível para mim, como cristão, dar à luz um filho de outro, em vez do meu amor por direito, em vez de meu noivo. Isto é, nascerá no mundo exterior o fruto do diabo. Como ilustração, imagine um casal da mesma raça, da mesma cor de pele. De repente a esposa dá à luz um filho que

claramente é de outra raça. O mundo todo saberá que ela foi infiel a seu marido. Assim ocorre conosco. Se eu, como cristão, não estou trazendo ao mundo o fruto que seria de se esperar, o fruto de Cristo, então é porque há infidelidade espiritual da minha parte. Existe adultério espiritual na minha vida. E quando enxergamos isso por esse lado, a palavra “infidelidade” adquire um significado especial e muito claro, pois a fé é o instrumento pelo qual nós produzimos fruto do nosso Cristo ressuscitado. Então a palavra “infiel” tem um sentido acentuado. Se não tenho fé para com Cristo sou infiel a ele, e isso é infidelidade.

Agora prossigo ao terceiro passo no meu novo relacionamento. Quando já aceitei Cristo como meu Salvador, imediatamente, também estou em um novo relacionamento com o Espírito Santo. O Espírito Santo habita em mim, como agente de toda a Trindade. Ora, o fruto do Espírito está claramente descrito na Bíblia: “[...] o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Contra estas coisas não há lei” (Gl 5.22-23).

A Escritura é igualmente clara quanto às obras da carne: “[...] as obras da carne são conhecidas e são: prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissensões, facções, invejas, bebedices, glutonarias e coisas semelhantes” (Gl 5.19-21a).

O Espírito Santo é o agente de toda a Trindade. Ele é o agente do Cristo crucificado, ressurreto e glorificado. Se estou produzindo algo que não seja o fruto do Espírito, o único motivo é que eu ofendi o Espírito Santo que é nosso Divino Hóspede. Dr. Charles Hodge o expressa assim: “O que distingue bem um cristão verdadeiro é a morada nele do Espírito Santo. Que cuidado ele deve ter, para que nada no seu pensamento ou sentimento ofenda esse Hóspede Divino!” O Espírito Santo é uma Pessoa, mas saber que ele é uma Pessoa deve nos lembrar de que ele pode ser magoado, ficar triste. Portanto, somos ensinados em Efésios 4.30: “E não entristeçais o Espírito de Deus, no qual fostes selados para o dia da redenção”.

Não entristeça o Divino Hóspede que vive dentro de você. Se você é um cristão verdadeiro, você está selado por ele para o dia da redenção. É porque ele habita o nosso coração que nossa salvação contínua nos é garantida. Não vamos afligi-lo, tornando-o triste.

Em 1Tessalonicenses 5.19 temos o mandamento: “Não apagueis o Espírito”.

Quando o magoamos, nós deixamos de lado aquele que é para nós o agente da obra de Cristo para nossa vida presente. Com base na obra consumada, passiva, de Cristo – isto é, seu sofrimento na cruz – e com base na obediência ativa de Cristo – isto é, observando a Lei perfeitamente durante toda a vida – os frutos estão lá. Estão ali para fluir pela ação do Espírito Santo por meio de nós para o mundo exterior. Os frutos são normais; não tê-los é não ter a vida cristã que deveria ser considerada comum. Há oceanos de graça aguardando. É pomar após pomar esperando, vinhedo após vinhedo de frutos esperando. Só há uma razão que explica por que não fluem da vida do cristão: é que não está sendo usada a instrumentalidade da fé. Isso é apagar o Espírito Santo. Quando pecamos nesse sentido, pecamos duas vezes: pecamos no pecado, e isso é terrível, porque é contra a Lei e o caráter do próprio Deus, nosso Pai; mas ao mesmo tempo pecamos por omissão, porque não temos levantado as mãos vazias da fé para receber a dádiva que está lá.

À luz da estrutura do universo total; à luz de nosso chamado para demonstrar a existência e o caráter de Deus entre a ascensão e a segunda vinda; à luz do preço horroroso da cruz, pelo qual foram comprados para nós todos os benefícios presentes e futuros da salvação – à luz de tudo isso, o pecado verdadeiro do cristão é não tomar posse das coisas que são suas, pela fé. Este é o pecado verdadeiro.

“[...] tudo o que não provém de fé é pecado” (Rm 14.23b). O pecado aqui é não levantar as mãos vazias da fé. Qualquer coisa que não for produzida pela fé é pecado. Quando não deixo esse fruto, comprado por tão alto preço, fluir de mim, sou infiel, no sentido profundo de não acreditar em Deus. Quando entendermos isso, certamente teremos de dizer: Deus nos perdoe. A vida cristã é uma coisa alegre, mas também deve ter a compreensão da tristeza, se compararmos como poderia ser com o que é: a pobreza, quando riquezas são oferecidas e quando nós já trazemos ao mundo o fruto do inimigo do Senhor, o diabo, em lugar do fruto de quem nos ama, o nosso Senhor.

Há duas razões principais que poderão estar nos impedindo de trazer ao mundo o fruto que deveríamos. Poderá ser por causa da ignorância, por nunca termos sido ensinados o que significa a obra de Cristo para nossa vida atual. Há cinco possíveis “ignorâncias” nessa área. Primeira, talvez o cristão possa ter sido ensinado como ser justificado, mas nunca ensinado sobre o sentido atual da obra de Cristo para ele. Segunda, ele poderá ter sido ensinado a se tornar um cristão pela instrumentalidade da fé, mas então deixado, como se daquele ponto em

diante a vida cristã tenha de ser vivida pelas suas próprias forças. Terceira, talvez a ele tenha sido ensinado o contrário. Isto é, que tendo aceitado Cristo, já de forma antinomiana deixa de se importar com sua maneira de vida. Quarta, quem sabe lhe foi ensinado alguma espécie de segunda bênção que o faria perfeito nesta vida quando lhe fosse dada. A Bíblia não ensina isso. E então ele fica apenas esperando inutilmente, ou tenta agir sobre algo que não existe. Quinta, ele poderá nunca ter sido ensinado que há uma realidade de fé para ser seguida conscientemente após a justificação. Este último é o ponto de ignorância de muitos que se acham na corrente ortodoxa e histórica do cristianismo reformado.

Por causa de qualquer uma destas ignorâncias, o cristão poderá não "possuir o que lhe pertence" na vida atual. Mas quando a pessoa chega a aprender o sentido da obra de Cristo na vida presente, uma porta nova está aberta para ela. E esta porta nova, então, parece tão maravilhosa que muitas vezes dá ao cristão, quando ele começa a agir sobre o conhecimento da fé, a sensação de algo tão novo como foi sua conversão. E muitos de nós já sentiram que em certo ponto, depois de terem sido cristãos por longo tempo, de repente, por meio do ensino da Bíblia – diretamente ou por meio do ensino de alguma pessoa – enxergam o sentido da obra de Cristo e do sangue de Jesus Cristo para a vida presente, e uma porta nova se abre para eles. Portanto, carecemos é do conhecimento da obra de Cristo nesta vida, para nosso viver de hoje, e então para agirmos sobre esse novo conhecimento em fé.

No entanto, é possível conhecer a doutrina e concordar com ela mentalmente, sem torná-la nossa: e esta é a outra razão pela qual não produzimos o fruto que deveríamos. Em última análise nunca é a doutrina sozinha que importa. É sempre a doutrina apropriada que deve ser considerada. É fácil observar isso no caso da justificação. Infelizmente há muitos homens que já ouviram o evangelho e conhecem o evangelho, mas não aceitam Cristo como seu Salvador. Em tal caso, o homem tem o conhecimento, mas nada significa para ele, porque ele não se apropriou desse conhecimento. Pode ser assim conosco, nesse assunto da nossa vida atual. Podemos até conhecer e compreender a verdade, mas ela não foi recebida, e por isso nada significará para nós na prática, e o fruto não nascerá. Mas nós não precisamos também ser ignorantes ou confusos. Se somos realmente cristãos, sabemos como fomos justificados e quando nos tornamos cristãos. Há um paralelo muito próximo entre o que já conhecemos pela justificação e a prática da santificação. Em outras palavras, se, simplesmente, sou cristão, fui justificado, e lembrando minha justificação, só tenho de enxergar os paralelos entre a justificação e a vida cristã. Quando vejo isso, não há motivo

para estar ignorante ou confuso, porque existem estes paralelos claros.

Na justificação a base é a obra consumada de Jesus Cristo; na santificação é a mesma obra consumada de Cristo. Na justificação deveremos ver, reconhecer e agir sobre o fato de que não podemos salvar a nós mesmos. Na santificação devemos ver, reconhecer e agir sobre o fato de que não podemos viver a vida cristã em nossas próprias forças, ou em nossa própria retidão.

Na justificação o instrumento pelo qual recebemos o dom gratuito de Deus é a fé, que crê em Deus conforme ele nos deu suas promessas na Bíblia. Na santificação o instrumento pelo qual recebemos o dom gratuito de Deus é a fé, que crê em Deus conforme ele nos deu suas promessas na Bíblia. Exatamente a mesma coisa. Há uma diferença entre a prática da justificação e da santificação. Como a justificação trata de nossa culpa, e a santificação trata do problema do poder do pecado em nossa vida de cristão, a justificação é uma vez por todas, e a vida cristã é de-momento-em-momento. Há a diferença de que uma trata da culpa de meu pecado, e a outra trata do poder do pecado em minha vida.

Se somos cristãos, já compreendemos e agimos sobre a obra consumada de Cristo de uma vez por todas na nossa justificação, e nossa culpa se foi para sempre. Agora vamos entender e agir sobre a prática dessa mesma operação momento por momento em nossa vida presente.

Deixe-me repetir: a única diferença na prática é que a justificação é uma vez por todas, e a vida cristã é vivida momento por momento. A vida cristã é agir de-momento-em-momento nesse mesmo princípio, da mesma forma como eu agi no momento de minha justificação.

Mas observemos que de outra perspectiva, mesmo nesse ponto não fica diferente na realidade, porque a vida só é uma sucessão de momentos, um momento de cada vez. Quando dizemos “de-momento-em-momento”, estamos tratando, na prática, com uma sucessão de momentos únicos, históricos. Ninguém vive sua vida inteira de uma vez. É outro dos pontos em que os existencialistas fizeram observações bem certas. A vida não é uma coisa só. É uma série de momentos. Então quando falo sobre viver a vida cristã de-momento-em-momento, na prática só posso vivê-la um momento de cada vez, da mesma forma como minha justificação ocorreu em um momento. Não há outra maneira de acontecer. Nesse sentido, a diferença entre as duas coisas não é absoluta. Ninguém poderá viver a não ser de-momento-em-momento, e apenas um momento de cada vez. A

História é como o fio de uma faca, bem afiada. Deus fez a sequência para ser real, e o presente é o presente para mim, o futuro é futuro, e o passado, passado.

Assim devemos crer nas promessas de Deus neste momento único em que estamos. Consequentemente, crendo nas promessas de Deus, nós as aplicamos, aplicamos o sentido presente da obra de Cristo para o cristão – a favor deste momento único e dentro dele. Se você conseguir ver isso, tudo muda. Ao crer em Deus para este momento, o Espírito Santo não é extinto. E pela ação dele, o Cristo ressuscitado e glorificado, como o noivo da noiva, a videira, produz seu fruto por meio de nós, neste momento. É a prática da passividade ativa. E é a única maneira de alguém poder viver; não há forma de viver que não seja de-momento-em-momento.

Falando de “passividade ativa” podemos usar, novamente, como exemplo Maria. Maria, que tinha a promessa do anjo de que daria à luz o Messias há tanto tempo prometido, creu em Deus e colocou-se como serva nas mãos de Deus, para ele usar seu corpo em trazer ao mundo o menino Jesus, nascido da virgem. Ela foi passiva, em não poder causar o nascimento da criança, mas ela foi ativa porque em fé foi obediente, e se deu a Deus. Repare, então, que ela fez isso em um momento. Não decorre que Maria sempre foi fiel. Na verdade, conforme lemos nos Evangelhos, há bom motivo para ter certeza, que mais tarde, ela nem sempre esteve na mesma condição de passividade ativa em que esteve naquele momento único quando disse: “Que se cumpra em mim conforme a tua palavra”.

Então para Maria, também, aquele foi um momento único. E assim deverá ser para nós. Aceitamos Cristo como Salvador em um momento e nossa culpa desaparece com base no valor da obra completa de Jesus Cristo. Mas depois que nos tornamos cristãos, os momentos continuam, o relógio ainda marca o tempo; e em todos os momentos do tempo somos chamados a crer em Deus, levantar as mãos vazias da fé, e deixar o fruto fluir por meio de nós.

Ora, já falamos da fé, portanto vamos fazer uma pausa aqui. Vivendo na segunda metade do século 21, precisamos continuar a afirmar o que a fé é, no sentido bíblico. A fé cristã nunca é fé na fé. À fé cristã nunca falta conteúdo. A fé cristã nunca é um salto no escuro. A fé cristã é sempre crer no que Deus disse. E a fé cristã repousa sobre a obra terminada de Cristo na cruz.

A realidade de viver pela fé como se já estivéssemos mortos, de viver pela fé em comunhão aberta com Deus, e depois pisar de volta no mundo exterior como se

já estivéssemos ressuscitados dos mortos, isso não é de uma vez para sempre, e sim questão de exercer a fé momento por momento, e de viver momento por momento. A fé desta manhã não será suficiente para o meio-dia. A fé do meio-dia não será suficiente para a hora do jantar. A fé da hora do jantar não será suficiente para a hora de se recolher. A fé da meia-noite não dará para a manhã seguinte. Graças a Deus pela realidade para a qual fomos criados, uma comunicação de-momento-em-momento com o próprio Deus. Devemos realmente ser agradecidos porque a qualidade do momento por momento traz o todo para o tamanho que nós somos, como Deus nos fez.

Sendo este o caso, é óbvio que não existe solução mecânica para a verdadeira espiritualidade ou à verdadeira vida cristã. Qualquer coisa que tenha a marca de ser mecânico é um erro. Não é possível dizer: leia tantos capítulos da Bíblia todos os dias, e você terá a quantia certa de santificação. Não é possível dizer: ore tanto tempo todos os dias, e você terá certa quantia de santificação. Não é possível somar os dois e dizer: Você terá uma porção bem grande de santificação. Seria uma solução mecânica, e nega toda a posição cristã. Porque o fato é que a vida cristã, a verdadeira espiritualidade, nunca poderá ter uma solução mecânica. A solução verdadeira é ser lançado ao alto para a comunhão de-momento-em-momento, a comunhão pessoal com o próprio Deus, e deixar a verdade de Cristo fluir por meio de mim pela ação do Espírito Santo.

Vejamos aonde chegamos. É precisamente o que haveríamos de esperar à luz da unidade total do ensino mais básico da Bíblia. O ensino fundamental da Bíblia é que Deus existe, e que ele é; e o corolário do que é o homem feito à imagem do próprio Deus. Vivemos em um universo pessoal; não impessoal. Deus existe, e Deus é pessoal; nós somos seres pessoais, visto que fomos criados à imagem de Deus, então, nosso relacionamento com Deus deve ser pessoal, e não mecânico. Não somos máquinas, não somos plantas, não somos meros animais; somos homens, criados à imagem de Deus – racionais e morais. Quando criados, fomos criados com uma finalidade. E o propósito de nossa criação, na qual cabem todos os nossos propósitos subsidiários, é estar em um relacionamento pessoal com Deus, em comunhão com ele, em amor, por opção, a criatura diante do Criador.

Acontece, porém, que o pecado destruiu isso. A criatura procurou estar no mesmo nível como o Criador; o finito buscou ser colocado no mesmo nível que o infinito. E agora, quando somos salvos com base na obra acabada de Cristo, nossa culpa se foi e fomos devolvidos ao relacionamento apropriado, não em um sentido mecânico, e sim em um relacionamento pessoal de comunhão.

Portanto, o homem moderno está lutando apropriadamente quando luta com essa questão básica, quanto ao problema da personalidade e comunicação. Segundo a Escritura, essa luta está no ponto certo: não no ponto de alguns tabus superficiais, algumas conformidades superficiais, mas, sim, no problema da personalidade. A resposta da Bíblia ao problema é que a comunicação central, que torna significativas todas as outras comunicações, é a comunicação do Criador e da criatura, que é restaurada quando já aceitei Cristo como meu Salvador e desapareceu minha culpa.

Quando isso já aconteceu não tenho a intenção de estabelecer, novamente, um centro rival no universo. Isso seria contrário a tudo. Uma vez que aceitei Cristo como meu Salvador, devo estar na minha posição determinada, no lugar apropriado e em um relacionamento pessoal com Deus. Foi para isso que fomos criados desde o princípio. A única diferença entre nosso relacionamento com Deus agora, e aquele que o homem teria se não tivesse pecado, é que agora ele está sob a aliança da graça, e não sob a aliança das obras; portanto, nosso relacionamento se baseia na obra mediadora consumada de Cristo. Essa é a única diferença.

Por parte do homem, é o homem remido como unidade que agora se acha perante o Deus pessoal. Não é só uma parte do homem. A vontade, a mente, as emoções – tudo está envolvido: o homem completo, como unidade, envolvido nesse momento por momento, um momento de cada vez, acreditando nas promessas de Deus sobre a significação da obra de Cristo em nossa vida presente. Eva duvidou de Deus, e foi esse seu pecado. Chamou Deus de mentiroso. Eva duvidou de Deus, e eu como filho de Deus devo fazer exatamente o oposto: devo acreditar nele. Eva duvidou, e a humanidade em revolta duvida de Deus. Acreditar nele, não só quando eu aceito Cristo como Salvador, mas a cada momento, um momento de cada vez: essa é a vida cristã, e a verdadeira espiritualidade.

SEGUNDA PARTE

LIBERDADE IMEDIATA DOS RESULTADOS DAS AMARRAS DO PECADO

Capítulos 8–13

8

O homem separado de si mesmo

livre na consciência

Nos primeiros sete capítulos consideramos a liberdade na vida presente das amarras do pecado. Agora vamos considerar a questão da liberdade na vida presente dos resultados das amarras do pecado. Ou poderíamos usar o título: “Considerações mais amplas da verdadeira vida cristã”. A esta altura começamos a nos envolver em um conflito muito definido com o pensamento intelectual da segunda metade do século 20; veremos o que o cristianismo tem para dizer a esse respeito.

Neste capítulo começamos a considerar a questão da “verdadeira espiritualidade” em relação à minha separação de mim mesmo, que é um resultado da queda e resultado direto do pecado. É preciso conservar a ordem certa das coisas. Não se pode invertê-la. O pecado causa o aprisionamento e os seus resultados. O pecado é a causa do cativeiro, e não o contrário. Então compreender e agir em cima da liberdade das amarras do pecado deve ser visto como básico, e será estudado antes de se considerar a liberdade dos resultados dessas algemas do pecado. Só conseguimos a resposta bíblica às promessas que Deus faz ao cristão a respeito da liberdade dos resultados do aprisionamento do pecado na vida atual, quando duas coisas são verdade: primeiro, quando realmente somos cristãos; e segundo, quando estamos agindo pelo ensino bíblico referente à liberdade das algemas do pecado. Por isso os sete primeiros capítulos deste livro devem ser a base daquilo que passamos a considerar agora.

Qualquer sentido torna-se apenas um truque psicológico, uma ilusão cruel, a não ser que certas coisas sejam verdade – objetivamente verdadeiras – ou que sejam verdades proposicionais, para usar uma terminologia do século 20. Quais são

esses fatos que precisam ser objetivamente verdadeiros?

O primeiro deles é a realidade objetiva da visão sobrenatural do universo, e a realidade de salvação no sentido bíblico. Sem esses, o esforço do homem moderno para alcançar e recolher algumas bênçãos que estão na superfície da Escritura, por assim dizer, nada mais será do que um truque psicológico. Mas por trás dessa verdade há outra mais básica ainda, a existência de um Deus pessoal-infinito em cuja imagem o homem é criado. E sendo que fomos criados por ele à sua imagem existe uma realidade no conceito da personalidade humana. Isso em contraste com todos os conceitos deterministas, que dizem que somos apenas um conjunto de condições psicológicas ou químicas.

A terceira coisa que precisa ser entendida é a verdade sobre o dilema humano. A resposta bíblica é que o dilema da raça humana, esse dilema com o qual o homem do século 21 tanto luta, é moral. O problema básico da raça humana é o pecado e a culpa – uma culpa moral real, não apenas o sentimento de culpa, e um pecado moral real, porque pecamos contra um Deus que está presente e é um Deus santo. Em oposição à neo-ortodoxia e todas as outras teologias, devemos entender que o pecado e a culpa são realmente de caráter moral. Não são simplesmente oriundos de certas limitações metafísicas ou psicológicas. O homem realmente é culpado diante de um Deus santo que existe e contra quem nós pecamos. Se não for nessas bases, a esperança que a Escritura nos dá quanto à liberdade das algemas do pecado é apenas uma ilusão cruel.

A esta altura devemos considerar a questão da liberdade da minha consciência. Há duas atitudes contra as quais a Palavra de Deus e o estudo da história da igreja nos avisam, se queremos evitar erros. A primeira é o perfeccionismo, conforme costumam chamá-lo teologicamente. É o ensino que afirma que um cristão pode ser perfeito nesta vida. Essa visão envolve duas áreas. A primeira é o ensino, sinceramente acreditado por muitas pessoas, de que em certo ponto na vida do homem vem uma espécie de segunda bênção, depois da qual ele nunca mais peca. João Wesley, nos primeiros tempos, ensinava isso – mas não nos últimos anos, porque começava a perceber que era impossível manter a posição com coerência. Mas há outra forma de perfeccionismo, a que assegura que poderemos conhecer a perfeição durante o momento. Como já vimos, é verdade que nossas vidas são vividas com base no momento por momento; esse ponto de vista fala de uma “vitória” moral total de-momento-em-momento.

Ora, logo surge a pergunta se nós podemos esperar ter perfeição, quer total ou

mesmo por esse momento único. Venho sugerir que tal expressão simplesmente nos deixa presos em um pântano, no qual teremos infinitas discussões a respeito de alguma ideia abstrata de vitória completa, mesmo neste momento único. A frase muitas vezes usada é que poderemos ficar livres de todo pecado conhecido. Mas eu sinto que à medida que consideramos primeiro a Palavra de Deus e depois a experiência humana, precisamos compreender que existe um problema na palavra conhecido, e também um problema na palavra consciente se falamos em pecado consciente. O problema em usar ambas ou uma dessas duas palavras está no fato de que desde a queda o homem vem se enganando habitualmente. Nós nos enganamos no mais profundo da nossa natureza subconsciente e inconsciente.

Quanto mais o Espírito Santo põe o dedo na minha vida e toca o profundo da minha vida, tanto mais entendo que há poços profundos na minha natureza. A psicologia moderna trata deles sob os títulos de inconsciente e subconsciente, e embora a filosofia que está por trás da psicologia moderna muitas vezes esteja fundamentalmente errada, certamente está correta em apontar que somos mais do que apenas aquilo que está na superfície. Somos como o iceberg: um décimo em cima e nove décimos em baixo. É simples, muito simples, nós mesmos nos iludirmos, e por isso devemos questionar essa palavra conhecido. Se digo que posso estar livre de todo pecado conhecido, com certeza devo reconhecer que é bastante significativa a pergunta: O que conheço? Enquanto não consigo descrever o que eu sei, não poderei avançar significativamente e perguntar se posso estar livre do pecado conhecido. À medida que o Espírito Santo vem lutando comigo durante os anos, percebo cada vez mais as profundezas de minha própria natureza, e as profundezas dos resultados daquela terrível queda no Jardim do Éden. O homem está separado, está alienado de si mesmo.

Agora precisamos entender também, dentro da estrutura da Bíblia, que desde a queda tudo está sob a aliança da graça. A aliança das obras está destruída pela escolha deliberada, livre, não condicionada de Adão e Eva. Em lugar dela, pela graça de Deus, com as promessas iniciadas em Gênesis 3.15, o homem imediatamente recebeu a promessa da obra do Messias que viria no futuro. Por isso, desde o tempo da queda, tudo repousa sobre a obra consumada do Senhor Jesus Cristo na cruz, não sobre nós mesmos, não em nós mesmos. Portanto, se há alguma vitória real na minha vida, ela deve ser considerada não como sendo uma vitória minha ou uma perfeição minha. Tal noção não cabe no retrato bíblico do homem, nem no tratamento de Deus conosco desde que o homem pecou. Não é uma vitória minha; é sempre a vitória de Cristo. Nunca é minha obra ou minha

santidade; é sempre a obra de Cristo e a santidade de Cristo. Quando começo a pensar e crescer com a ideia de minha vitória, realmente não há vitória verdadeira. Até onde estou pensando na minha santificação, não há santificação verdadeira. É preciso que eu a veja sempre como sendo de Cristo Jesus.

De fato, é só quando conscientemente trazemos cada vitória a seus pés, e a deixamos lá enquanto pensamos nela – e especialmente enquanto falamos nela – que podemos evitar o orgulho dessa vitória, que pode ser pior do que o pecado sobre o qual afirmamos ter tido a vitória. Quanto maior a vitória, tanto maior a necessidade de colocá-la conscientemente (e ao falarmos dela, oralmente) a seus pés.

Já dissemos que há duas falsas atitudes contra as quais devemos estar firmes, e não só uma. A segunda é tão errada quanto a primeira.

No Catecismo de Westminster há ênfase em que pecamos diariamente em pensamento, palavra e ação. Isso não é errado, mas pode ser distorcido, pelo nosso coração pecaminoso, em algo muito errado. Quando ensinamos aos nossos filhos que pecamos diariamente em pensamento, palavra e ação, devemos ter todo o cuidado de avisá-los do perigo de pensar que eles podem, por isso, olhar para o pecado na vida deles como coisa leve ou sem importância. Se conto com a vitória de Cristo para minha entrada no céu, será que vou negar a ele a glória que lhe pertenceria por vitórias alcançadas em mim e por meio de mim, na minha vida aqui? Se vejo Jesus Cristo e sua vitória sobre a cruz como garantia de minha entrada em um céu futuro, como ousarei negar a ele o que essa vitória deveria produzir nas batalhas da vida presente – as batalhas perante os homens e os anjos e o mundo sobrenatural? Que pensamento terrível!

A Bíblia faz uma distinção clara entre a tentação e o pecado. Cristo foi tentado em todas as coisas, como nós, contudo, a Bíblia diz com ênfase, ele nunca pecou (Hb 4.15). Consequentemente, existe uma diferença entre a tentação e o pecado; e a Bíblia diz que só porque somos tentados não significa que devamos prosseguir com aquela tentação e cair no pecado.

Não vos sobreveio tentação que não fosse humana; mas Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar. (1Co

10.13)

[...] este é o amor de Deus: que guardemos os seus mandamentos; ora, os seus mandamentos não são penosos, porque todo o que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé. (1Jo 5.3-4)

Não somos nós que vencemos o mundo em nossa própria força. Nós não temos uma usina de força dentro de nós que possa vencer o mundo. O vencer é obra do Senhor Jesus Cristo, conforme já vimos. Poderá haver vitória, uma vitória prática, se erguermos as mãos vazias da fé de-momento-em-momento e aceitarmos a dádiva. “Esta é a vitória que vence o mundo.” Deus prometeu, e a Bíblia afirmou, que há como escapar da tentação. Pela graça de Deus nós estaríamos desejando essa fuga.

Tendo falado desses dois perigos, vamos adiante.

Digamos agora que eu tenha vivido à luz daquilo que Deus nos vem dando para a vida atual. E que, como filho de Deus, nascido de novo, já venha praticando a realidade da verdadeira espiritualidade, conforme Cristo a comprou para nós. E então o pecado entra de novo. Por um motivo qualquer minha fé de-momento-em-momento em Deus falha; o gosto por algum pecado específico naquele ponto me levou a não fazer uso, pela fé, do meu relacionamento restaurado com a Trindade. A realidade da prática da verdadeira espiritualidade de repente me escapa. Em certa manhã, ou tarde, ou noite, ergo os olhos – e falta alguma coisa, algo que eu tinha experimentado: minha calma, minha paz se foi. Não que esteja perdido de novo, porque a justificação é de uma vez por todas. Mas até onde o homem enxerga, ou até onde eu mesmo enxergo, nesse ponto nada demonstra a vitória de Cristo na cruz. Olhando para mim nesse instante, as pessoas não teriam qualquer evidência que contrariasse a impressão de que a criação de Deus de criaturas racionais e morais seja um fracasso total; não veriam nem mesmo indicação de que Deus existe. Como Deus ainda me segura firmemente, eu não estou separado como quem está perdido, mas eu estou separado do meu Pai quanto ao relacionamento de pai-e-filho. E me lembro daquilo que perdi.

A essa altura uma pergunta se faz precisa: há retorno? Ou é como a xícara fina de porcelana da Bavária, que cai em um piso de cerâmica e fica

irrecuperavelmente despedaçada?

Graças a Deus, o evangelho inclui isso. A Bíblia é sempre realista: não é romântica, e trata com realismo – com aquilo que eu sou. Há o caminho de volta, e a base para esse retorno não é novidade para nós. A base, mais uma vez, é o sangue de Cristo, a obra consumada do Cordeiro de Deus: a obra consumada uma vez por todas por Cristo, sobre a cruz, no espaço, no tempo e na História.

E o primeiro passo do caminho de volta também não é novo. Ninguém é justificado, ninguém se torna cristão, enquanto não reconhecer que é pecador. Ninguém pode aceitar Jesus como Salvador enquanto não reconhece que é pecador. E 1João 1.4-9 esclarece que o primeiro passo na restauração do cristão depois que peca é admitir a Deus que o que ele fez é pecado. Ele não pode desculpar o ato, nem chamá-lo por outro nome; não pode jogar a culpa em outra pessoa, nem pode usar uma palavra mais branda e não chamá-lo de pecado. Ele precisa se entristecer pelo pecado e se arrepender.

Estas coisas, pois, vos escrevemos para que a nossa alegria seja completa. Ora, a mensagem que, da parte dele, temos ouvido e vos anunciamos é esta: que Deus é luz, e não há nele treva nenhuma. Se dissermos que mantemos comunhão com ele e andarmos nas trevas, mentimos e não praticamos a verdade. Se, porém, andarmos na luz, como ele está na luz, [e essa luz não é só uma iluminação geral; fica evidente que é a santidade dele] mantemos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado [uma purificação no presente]. Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós. Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça. (1Jo 1.4-9)

É este o tratamento bondoso de Deus para com seus filhos depois que eles caem. É a finalidade da disciplina que Deus aplica ao cristão; é para fazer com que reconheçamos que aquele pecado específico é pecado.

[...] estais esquecidos da exortação que, como a filhos, discorre convosco: Filho

meu, não menosprezes a correção que vem do Senhor, nem desmaies quando por ele és reprovado; porque o Senhor corrige a quem ama e açoita a todo filho a quem recebe. É para disciplina que perseverais (Deus vos trata como filhos); pois que filho há que o pai não corrige? Mas, se estais sem correção, de que todos se têm tornado participantes, logo, sois bastardos e não filhos. (Hb 12.5-8)

Se temos pecado em nossa vida, e continuamos pecando, e Deus não coloca sua mão em disciplina amorosa sobre nós, então não somos filhos de Deus. Deus nos ama demais para deixar as coisas assim. Ele nos ama muito. Ama-nos como seus filhos adotivos.

Além disso, tínhamos os nossos pais segundo a carne, que nos corrigiam, e os respeitávamos; não havemos de estar em muito maior submissão ao Pai espiritual e, então, viveremos? Pois eles nos corrigiam por pouco tempo, segundo melhor lhes parecia; Deus, porém, nos disciplina para aproveitamento, a fim de sermos participantes da sua santidade. Toda disciplina, com efeito, no momento não parece ser motivo de alegria, mas de tristeza; ao depois, entretanto, produz fruto pacífico aos que têm sido por ela exercitados, fruto de justiça. (Hb 12.9-11)

Ele faz tudo isso com um propósito. Não é só para trazer justiça à minha vida; é também para eu ter aquele “fruto pacífico de justiça” – para que eu possa, depois de tratadas essas coisas, estar em paz. Esse é o cuidado amoroso de Deus.

Mas para isso existe uma condição. Aqueles que têm esse fruto pacífico de justiça são os que são exercitados pela disciplina de Deus: em outras palavras, aqueles que estão aprendendo o que ele lhes está ensinando em tudo isso. A disciplina de Deus o Pai é para nos fazer reconhecer que um pecado específico é pecado; sua mão pode pesar cada vez mais até conseguirmos reconhecer que é pecado e desistirmos de querer fugir a essa pressão por meio de belas frases, culpando outras pessoas ou arranjando qualquer desculpa. Desejamos mesmo um relacionamento restaurado? Podemos tê-lo, como filhos de Deus. A qualquer momento poderemos ter um relacionamento restaurado, mas não estaremos prontos para isso até estarmos dispostos a chamar o pecado específico de

pecado.

A ênfase aí é em pecado específico. Não serve apenas dizer: “Eu pequei”. Isso não é nada. Precisa haver a disposição de chamar o meu pecado específico de pecado. Preciso tomar meu lugar no Jardim do Getsêmani com Cristo. Lá Cristo está falando como um homem real, e ao dizer: “Não se faça a minha vontade, e sim a tua”, ele diz o inverso absoluto do que disseram Adão e Eva no Jardim da Queda. Eu também preciso dizer, com sinceridade real: “Não a minha vontade, e sim a tua seja feita” quanto àquele pecado específico, mas não apenas como uma declaração geral: “Quero tua vontade”, e sim: “quero tua vontade em referência a esta coisa que eu reconheço ser pecado”.

Se dissermos que mantemos comunhão com ele e andarmos nas trevas, mentimos e não praticamos a verdade. (1Jo 1.6)

Não existe continuar deliberadamente andando nas trevas e ter uma comunhão aberta com aquele que é somente luz e santidade. É simplesmente impossível.

Porque tudo que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não procede do Pai, mas procede do mundo. (1Jo 2.16)

Aqui está algo que é a antítese não só da lei externa de Deus, como também de seu caráter e daquilo que ele é. Como podemos dizer que temos comunhão com ele, se deliberadamente andamos naquilo que é a antítese dele próprio?

Então dizemos: “Não a minha vontade, mas a tua seja feita”. E quando digo isso em referência a esse pecado específico, mais uma vez sou a criatura diante de Deus; estou no lugar para o qual fui feito. Como filho da queda, o eu está novamente crucificado, porque não pode haver ressurreição sem a crucificação. Vimos que a ordem da vida cristã é clara: não pode haver restituição sem arrependimento e confissão direta a Deus. Na unidade do ensino da Escritura é

exatamente o que se deve esperar, quando se começa com o ensino central da Bíblia, que Deus existe realmente. Ele é um Deus pessoal-infinito, e ele tem uma natureza. Ele é santo. Isso não é uma coisa estranha que introduzimos a partir de um ponto periférico; fica no centro de tudo. Se é isso que Deus é, o Deus que existe, e se eu me tornei seu filho, não será mesmo natural que, após eu ter pecado, ter feito aquilo que é a antítese da natureza dele, eu precise me voltar a ele como Pessoa, e dizer que estou arrependido? Ele não é só uma doutrina, ou uma abstração; ele é uma Pessoa que está aí. Na prática podemos não compreender tudo que está envolvido no pecado, e especialmente se alguém está psicologicamente perturbado, ele nem sempre conseguirá distinguir o que realmente é pecado, e o que é apenas confusão da sua parte. É o conceito do iceberg mais uma vez, os nove décimos abaixo da superfície, e só um décimo acima, de modo que nem sempre conseguimos distinguir tudo o que somos em meio ao nosso pecado. Muito do pecado poderá estar abaixo da superfície, muito poderá estar até mesmo no subconsciente, fervendo e aparecendo só em pontos. Mas de qualquer mal que estiver acima da superfície, a porção que nós compreendemos é pecado; e essa porção deve ser apresentada com honestidade diante do Deus que conhece todo nosso ser. Precisamos dizer-lhe: “Pai, eu pequei”. Preciso me entristecer verdadeiramente pelo pecado que conheço, que está acima da superfície, em mim.

Já vimos que existe um paralelo entre a justificação e a santificação, isto é, entre tornar-se cristão e viver a vida cristã. O primeiro passo na justificação é que eu preciso reconhecer que sou pecador, que é justiça eu estar sob a ira de Deus, e que eu mesmo não posso me salvar. O primeiro passo em viver a vida cristã verdadeira é que preciso reconhecer que não posso viver a vida cristã em minhas próprias forças nem em minha própria justiça. O primeiro passo da restauração depois de eu ter pecado é exatamente nesta mesma direção: preciso reconhecer que meu pecado específico é pecado. Não há três princípios diferentes; há um mesmo princípio em três lugares, porque estamos tratando com o mesmo Deus e basicamente do mesmo problema. Mas nem em se tornar cristão, nem na produção de frutos como cristão, está o primeiro passo por si só. Em cada uma dessas três situações preciso então erguer as mãos da fé para receber a dádiva de Deus naquele lugar. E quando eu, um cristão, pequei, só é suficiente a obra consumada de Jesus Cristo no espaço, no tempo, e na História, naquele dia na cruz do Calvário. A única coisa que basta para limpar o meu pecado como cristão é o sangue de Jesus Cristo; é somente pelo sangue de Cristo que a mancha é removida. Preciso apresentar o pecado específico sob o sangue de Jesus Cristo, pela fé. Então, de novo, é a mesma coisa: a passividade ativa que já

discutimos. Não fazemos isso por nós mesmos, nem somos pau ou pedra. Deus nos fez à sua própria imagem, e ele sempre tratará conosco nesse campo.

Agora, assim como na área consciente da santificação como um todo, aqui, na restauração, tudo repousa sobre a realidade do fato de que o sangue de Cristo tem significado em nossa vida presente, e a restauração acontece à medida que nós, pela fé, agimos sobre esse fato nos casos específicos de pecado. Acho que grande parte da ênfase da igreja tradicional e ortodoxa na corrente histórica da Reforma tem deixado em pouco destaque o lado consciente da vida cristã. Isso não é uma "segunda bênção", mas sim é aprender a realidade do significado da obra de Jesus Cristo sobre a cruz, na nossa vida atual, e conscientemente começar a agir sobre isso.

Penso que era isso que João Wesley sabia. Ele conheceu uma operação direta de Deus na sua vida com base na obra consumada de Jesus Cristo. Acho que sua teologia nessa área estava errada, e que ele usou a terminologia errada; mas certamente ele não tinha a aspiração errada, mas a correta: que é o conhecimento e a prática da disponibilidade do sangue do Senhor Jesus Cristo no sentido presente da nossa vida. Quaisquer que sejam os termos que usemos para expressar isso, a realidade repousa sobre o conhecimento daquilo que Cristo comprou para nós, não só para nos levar ao céu, mas na vida presente; e então, começo a agir sobre isso em fé de-momento-em-momento.

E na questão da restauração: o sangue de Cristo tem sentido para mim na minha vida presente sempre que eu caio e desaparece a minha paz. A restauração se firma primeiro em compreender o que Cristo fez por nós nessa área, e depois em começar a praticar isso momento por momento. Não é um processo mecânico; o sentido da obra de Cristo em nossa vida presente deve ser posto em prática conscientemente. Mas a base é a obra consumada de Cristo na História.

Quanto devemos nos alegrar por Cristo nos ter dado a história do filho pródigo. Está aí alguém que é filho, contudo caiu em profundo pecado, ficou em uma situação muito complicada. A Escritura deixa claro que ele não pecou só um pouquinho, mesmo do ponto de vista que o mundo tem do pecado. Ele pecou os pecados "grandes". Contudo o pai fica ali esperando quando o pródigo retorna, seus braços estendidos para abraçá-lo. O sangue de Cristo pode limpar o pecado por mais tenebroso que seja. Não há pecado tão grande que nossa comunhão não possa ser restaurada, se nós humildemente o chamarmos de pecado, e pela fé trouxermos e colocarmos esse pecado específico sob o sangue de Cristo. Quando

meu coração me condena e clama: “Você fez isso de novo”, eu devo crer em Deus de novo com respeito ao valor da obra consumada de Jesus Cristo. Precisa haver morte, como vimos, antes que possa haver ressurreição. Mas com base na vitória de Cristo, a ressurreição deverá seguir à morte. A vida cristã nunca termina com o negativo. Existe o negativo, porque o homem é um rebelde. Mas não termina aí; sempre prossegue até o positivo. Assim como meu corpo um dia será ressuscitado dos mortos, assim devo viver a vida ressurreta agora.

Acho extremamente útil quando um homem, que tenha aceitado Cristo como seu Salvador, possa curvar a cabeça e dizer “obrigado” ao Deus que existe – “obrigado pela obra consumada”. Sem dúvida já houve pessoas que foram salvas, e que tenham ido embora sem dizer conscientemente “obrigado”, mas que maravilha quando um homem já se viu como pecador e compreendeu que estava perdido, para esse homem aceitar Cristo como seu Salvador e então curvar sua cabeça conscientemente para dizer “obrigado” por uma obra que é absoluta e completa. É geralmente quando o recém-nascido agradece a Deus que vem a segurança, e que ele descansa na certeza e na paz.

É o mesmo na restauração. Há um paralelo contínuo aqui. Se pecamos, é maravilhoso dizer conscientemente: “muito obrigado por uma obra consumada”, depois que depositamos esse pecado específico sob a obra consumada de Cristo. Embora não seja absolutamente necessário para a restauração, expressar a gratidão conscientemente traz segurança e paz. Dizemos “obrigado” pela obra concluída na cruz, que é suficiente para um relacionamento completamente restaurado. Isso não acontece com base nas minhas emoções, assim como não aconteceu na minha justificação. A base é a obra consumada de Cristo na História e as promessas objetivas de Deus na Palavra escrita. Se creio nele, e se creio naquilo que ele me ensinou sobre a suficiência da obra de Cristo para a restauração, posso ter a segurança, por mais escura que tenha sido a mancha. Essa é a realidade cristã da salvação da própria consciência.

Martinho Lutero, em seu comentário de Gálatas, mostra grande entendimento do fato de que nossa salvação inclui ser salvo das algemas da nossa consciência. É, sem dúvida, natural e certo que quando nos tornamos cristãos nossa consciência se torna cada vez mais sensível. Essa é uma operação do Espírito Santo. Contudo, não devo ficar prostrado pela minha consciência, ano após ano, por pecados do passado. Quando minha consciência, sob o Espírito Santo, faz-me perceber um pecado específico, devo imediatamente chamar esse pecado de pecado e colocá-lo conscientemente sob o sangue de Cristo. Agora está coberto

ali, e não é honrar a obra consumada de Jesus Cristo eu me preocupar com ele, no que me diz respeito a Deus. Na verdade, preocupar-se com isso é desprezar o infinito valor da morte do Filho de Deus. Minha comunhão com Deus está restaurada.

Agora, poderá haver ainda um preço a pagar por meus pecados com respeito ao Estado; poderá existir mal feito a indivíduos do qual eu ainda tenha de tratar. Essas coisas têm de ser encaradas. Consideraremos isso posteriormente. Mas quanto à minha comunhão com o Pai, Deus diz que está restaurada com base no valor do sangue de Jesus Cristo. E se seu sangue tem valor a ponto de transportar um rebelde, um pecador, do reino das trevas ao reino do Filho querido de Deus na justificação, qual o pecado tão tenebroso que não possa ser coberto por ele?

Quando digo conscientemente a Deus “muito obrigado” por uma obra consumada, minha consciência deve repousar tranquila.

Para mim, durante quase vinte anos, desde que comecei a lutar com isso na minha própria vida, prefiro descrever minha consciência como um cachorro grande com enormes patas que pula em cima de mim, ameaçando me cobrir de barro e me devorar. Mas quando essa minha consciência pula em cima de mim, depois que um pecado específico foi tratado na base da obra concluída de Cristo, então posso virar para minha consciência e dizer qualquer coisa como: “Senta! Quieto!” Minha parte é crer em Deus e me aquietar, na minha prática e experiência. Minha comunhão com Deus foi restaurada de modo sobrenatural. Estou purificado, pronto de novo para reassumir a vida espiritual, pronto de novo para ser usado pelo Espírito para a guerra no mundo exterior. Não posso estar pronto até ser purificado, mas uma vez limpo, estou pronto. E posso voltar para ser purificado tantas vezes quanto precisar, nesta mesma base.

Esse, para muitos cristãos, é o aspecto essencial da realidade. Todos nós travamos batalha com este problema da realidade. Os homens vão a extremos estranhos para sentir o contato com a realidade, mas o ponto nevrálgico é este: “Filhinhos meus, estas coisas vos escrevo para que não pequeis”. Então naturalmente o apelo é para não pecar. “Se, todavia, alguém pecar, temos [incluindo o próprio João, que se coloca na categoria] um Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo” (1Jo 2.1).

Esse é o ponto essencial da realidade para mim pessoalmente. Se me aproprio do sangue de Cristo em fé, a realidade está aí: não em tentar viver como se a Bíblia

ensinasse o perfeccionismo. Isso não é base para a realidade; só é base para o subterfúgio ou o desespero. Mas existe uma realidade aqui: a realidade dos pecados perdoados; a realidade da certeza de que quando um pecado específico é trazido e colocado sob o sangue de nosso Senhor Jesus Cristo, ele é perdoado. Esta é a realidade do relacionamento restaurado. A realidade não é para só estar no credo, embora sejam importantes os credos. A realidade é para ser experimentada, sentida na base do relacionamento restaurado com Deus por meio daquela obra consumada do Senhor Jesus Cristo sobre a cruz.

Há mais uma coisa a ser dita sobre o assunto: “Porque, se nos julgássemos a nós mesmos, não seríamos julgados. Mas, quando julgados, somos disciplinados pelo Senhor, para não sermos condenados com o mundo” (1Co 11.31-32).

Isso nos ensina que não precisamos esperar ser disciplinados, para depois poder ser restaurada a nossa comunhão com Deus. A disciplina de Deus não é um castigo. Já se tratou do castigo todo na cruz do Calvário. É uma correção para nos trazer de volta à comunhão com ele, e nós não precisamos esperar para ser disciplinados antes que possa ser restaurada nossa comunhão. A disciplina do filho de Deus não tem um aspecto penal. Isso terminou na cruz. Não há castigo duplo quando nosso Deus santo é o Juiz. Nossa culpa se foi, de uma vez para sempre. Portanto, se nós mesmos nos julgarmos, não seremos castigados.

Consequentemente, poderemos ler esses dois versículos de Coríntios na ordem inversa. Assim, Deus não vai fazer com que sejamos condenados com o mundo, e por isso ele vai nos castigar. Mas se julgarmos a nós mesmos, e chamarmos o pecado de pecado, e o colocarmos sob o sangue do Senhor Jesus Cristo, então ele não vai precisar nos castigar. É isso que Paulo estava nos instigando a fazer. Muitíssimo melhor seria não pecar. Mas veja só! Não é mesmo maravilhoso que quando pecamos podemos correr para o lugar da restauração?

Então Deus quer que estejamos livres de uma falsa tirania da consciência: é um dos presentes que ele nos oferece nesta vida. A maioria dos cristãos, se não todos, descobre que o primeiro passo na cura substancial que pode ter nesta vida é a cura substancial da separação de si mesmo, que é resultado da queda e do pecado. O homem é primeiramente separado de Deus, então de si mesmo, e finalmente de seus semelhantes e da natureza. O sangue do Senhor Jesus Cristo concederá uma restauração absoluta e perfeita de tudo isso quando Jesus vier. Mas na vida presente, também deve haver uma cura substancial, inclusive nos resultados da separação entre um indivíduo e ele próprio. É o primeiro passo à

libertação, na vida presente, dos resultados das amarras do pecado.

9

livre na vida dos pensamentos

-

O próximo passo é discutir a verdadeira espiritualidade em relação à separação de nós mesmos no mundo interior do pensamento.

Em Romanos 1.22-29, encontramos uma ordem estabelecida. Como introdução a este texto, observamos no versículo 21: “[...] tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; antes, se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato”.

Aqui estão pessoas que conheciam a Deus. Podemos considerar isso em termos da queda original de Adão e Eva, ou podemos considerá-lo em termos daquelas múltiplas vezes em que uma cultura conheceu o Deus verdadeiro e deliberadamente afastou-se, como é o caso em nosso próprio mundo pós-cristão. Vemos que eles conheciam a Deus, mas tornaram-se vãos no seu raciocínio. Esse é o mundo do pensamento deles. Então no versículo 22: “Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos”. Isso é uma coisa interior. Versículo 24: “Por isso, Deus entregou tais homens à imundícia, pelas concupiscências [paixões lascivas] de seu próprio coração, para desonrarem o seu corpo entre si”. Este é o resultado. Assim vemos a ordem: primeiro houve uma ideia na sua vida do pensamento, e depois o resultado exterior dessa ideia.

No versículo 25 ouvimos que eles mudaram a verdade de Deus em uma mentira, e adoraram e serviram ao que foi criado em vez do Criador. Aqui está a rebelião interior, e isso imediatamente causou resultados externos, como vimos no versículo 24.

Veja agora o versículo 28: “[...] por haverem desprezado o conhecimento de Deus, o próprio Deus os entregou a uma disposição mental reprovável [isto é, uma mente vazia de juízo] para praticarem coisas inconvenientes”.

Mais uma vez a mesma ordem. Começando com o versículo 29, passamos por

uma lista terrível de coisas exteriores.

Duas coisas podemos dizer sobre o ato externo: o exterior segue o interior, e o exterior é produto do interior. Pensar vem primeiro, e produz o externo. A ordem é esta:

Rogo-vos [...] irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. (Rm 12.1)

Agora é no mundo exterior. Mas observe que não se pode separar isso do versículo 2: “[...] não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus”.

De fato, haverá uma apresentação de nosso corpo, mas esta só terá sentido com base no entendimento do interior.

Paulo fala aqui de não estar conformado ao mundo. Mas isso não é simplesmente exterior. Ao contrário, devemos ser transformados pela renovação de nossa mente, e isso é interior.

Em Efésios 4.17, Paulo escreve: “Isto [...] digo e no Senhor testifico que não mais andeis como também andam os gentios, na vaidade dos seus próprios pensamentos”.

Aí está o mundo gentio, o mundo perdido. Caminhando “na vaidade dos seus próprios pensamentos”. É claramente parecido com Romanos 1: “[...] se tornaram nulos em seus próprios raciocínios”. É coisa interior. É o mal do mundo gentio: a vaidade nula de sua mente.

Em Efésios 4.18 está exposto o motivo disso: “Obscurecidos de entendimento, alheios à vida de Deus por causa da ignorância em que vivem, pela dureza do seu coração”. Assim o texto nos diz que seu entendimento está turvado: isso é algo interior. Tudo flui de sua rebelião contra Deus. Exatamente como explicado em Romanos 1. Mas depois de mostrar onde “os gentios” estão, vem o versículo

19, com a imagem de homens que não sentem mais, que se dão à libertinagem, à ação de toda impureza e ganância. A ordem, mais uma vez, é a mesma: o interno, depois o externo.

Somos assim trazidos contundentemente ao contraste do versículo 20: “[...] não foi assim que aprendestes a Cristo”. A palavra “aprendestes”, note bem, é novamente uma coisa interior.

Isso faz paralelo exato com Romanos 12, em que, no versículo 2, nós lemos: “Pela renovação da vossa mente”. Tanto esta, como aquela, são coisas que acontecem no interior. Mas Efésios 4.22 é do exterior: “Que [...] vos despojeis do velho homem, que se corrompe segundo as concupiscências do engano”.

A conversão, aqui, abrange todo o curso da vida. Em si é um aspecto interno. Depois flui para o externo. Portanto, isso tudo depende desse versículo 20: “Não foi assim que aprendestes a Cristo”, que é coisa interna. O interno tem um movimento de dentro para fora: vai a resultados interiores e depois resultados exteriores.

Agora observe aqui outro elemento, nisso que é superimportante no século 20, e em meio ao raciocínio do século 20. No versículo 18 fala-se de ignorância. É a ignorância em relação a conteúdo; não apenas um espírito de ignorância. No versículo 21 fala-se da verdade em Jesus. Verdade é conteúdo, verdade tem algo a ver com o raciocínio. Verdade tem a ver com a criatura racional que Deus nos fez. O dilema aqui no mundo interior não é só uma espécie de neblina cinzenta; é em relação a conteúdo.

“[...] vos renoveis no espírito do vosso entendimento” (v. 23). Mais uma vez, não é simples sentimento. É questão de pensamentos no sentido racional, e com conteúdo. “[...] vos revistais do novo homem, criado segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade”; (ou, na tradução NVI: “criado para ser semelhante a Deus, em justiça e santidade provenientes da verdade”) (Ef 4.24).

Não se está falando de uma santidade emotiva, e sim da santidade em relação ao conteúdo, santidade em relação ao pensamento e a um conjunto de coisas que podem ser afirmadas como verdadeiras, em contraste com o que é falso. O tratamento aqui é do problema da ignorância interior no sentido de rebelião, de desprezar as coisas que são verdadeiras.

São os pensamentos interiores: pensamentos em relação a conteúdo específico,

conduzindo ao exterior. Em Efésios 5.15-16 há uma passagem paralela: “[...] vede prudentemente como andais, não como néscios e sim como sábios, remindo o tempo, porque os dias são maus”.

A palavra “sábios” aqui transmite a mesma mensagem. Tem a ver com o mundo do pensamento, mas em contato com aquilo que pode ser afirmado como verdadeiro: “Por esta razão, não vos torneis insensatos, mas procurai compreender qual a vontade do Senhor” (v. 17). Ser “insensatos” está em contraste com “compreender”. Aqui também compreender é do mundo do pensamento, relacionado com saber qual é a vontade do Senhor. A “vontade do Senhor” não significa uma ideia existencial no sentido atual. Novamente, trata-se de conteúdo, relacionado àquilo que colocaríamos como sendo verdade proposicional ou objetiva. Em contraste com “andar como néscios” temos o versículo 18: “[...] não vos embriagueis com vinho, no qual há dissolução, mas enchei-vos do Espírito”.

Os versículos 19-21 começam a expor alguns dos resultados exteriores disso: “[...] falando entre vós com salmos, entoando e louvando de coração ao Senhor com hinos e cânticos espirituais, dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo; sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo”.

Estes são resultados exteriores de uma posição previamente adotada no mundo do pensamento. Há mais um elemento aqui que é importantíssimo em nosso raciocínio. A obra do Espírito Santo, como agente da Trindade, não é uma capa para se vestir. Não é coisa externa de maneira nenhuma, e sim interna, que por sua vez causa algo externo.

Portanto, vamos prosseguindo aqui em nosso entendimento da verdadeira espiritualidade na vida cristã. Basicamente é questão de nossos pensamentos. O externo é a expressão, o resultado. Batalhas morais não são ganhas primeiro no mundo externo. São sempre resultado que decorre naturalmente de uma causa, e a causa está no mundo interior dos pensamentos da pessoa. De fato, Jesus frisou isso com vigor: “Raça de víboras, como podeis falar coisas boas, sendo maus? Porque a boca fala do que está cheio o coração” (Mt 12.34).

Existe quem faça aqui uma distinção, e considere “o coração” como sendo mais do que só os pensamentos, mas mesmo que se tenha esse ponto de vista, o fato importante é simplesmente que aqui estamos tratando do mundo interior. O que

Jesus está dizendo é que se a condição do interior não estiver correta, não se pode produzir resultados apropriados.

“Não é o que entra pela boca o que contamina o homem, mas o que sai da boca, isto, sim, contamina o homem” (Mt 15.11). Aqui Jesus está falando com respeito à pergunta que antes lhe havia sido proposta: “Por que transgridem os teus discípulos a tradição dos anciãos? Pois não lavam as mãos, quando comem”. Esse tipo de pergunta é muito importante para o externalista. Mas Jesus diz: Vocês não entendem uma coisa! É o que sai do homem que o contamina.

Não compreendeis que tudo o que entra pela boca desce para o ventre e, depois, é lançado em lugar escuso? Mas o que sai da boca vem do coração, e é isso que contamina o homem. Porque do coração procedem maus desígnios, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias. São estas as coisas que contaminam o homem; mas o comer sem lavar as mãos não o contamina. (v. 17-20)

Novamente é o interior que Jesus enfatiza. O interior vem antes do exterior e o interior produz o exterior. É questão de causa e efeito.

Também no Sermão do Monte Jesus trata disso. “Ouvistes o que foi dito aos antigos: Não matarás; e: Quem matar estará sujeito a julgamento. Eu, porém, vos digo que todo aquele que [sem motivo] se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento” (Mt 5.21-22a).

Compare isso com 1João 3.15a: “Todo aquele que odeia a seu irmão é assassino”.

Já fomos um passo adiante. O mundo do pensamento ainda vem primeiro, mas aqui aprendemos algo mais. Em relação à moral, o pensamento é o fato. O ódio não é só o que leva ao assassinato; moralmente já é assassinato. Aqui dou ênfase ao moralmente, porque isso difere do assassinato no mundo exterior. Contudo, moralmente o ódio é o próprio assassinato.

Até aqui nós demos três passos: o interior é o primeiro; no segundo, o interior causa o exterior; terceiro, moralmente o interior é central. Lembre-se de que no

capítulo 1 nós vimos que sempre que quebramos um dos outros mandamentos, já violamos o mandamento interior, de não cobiçar.

Na história de José, em Gênesis 37.4ss., temos um exemplo perfeito disso. Os irmãos de José “odiaram-no e já não lhe podiam falar pacificamente”. É o ódio interno a raiz de tudo. Depois: “Tanto mais o odiavam, por causa dos seus sonhos e de suas palavras”. O ódio acumulou e o ódio é coisa interior. Realmente, já produziu seu fruto, no fato que não podem falar com ele pacificamente. E ainda está crescendo, como uma onda grande prestes a se quebrar. Então: “Seus irmãos lhe tinham ciúmes”.

Aqui temos a violação do mandamento para não cobiçar. Já houve a infração, e internamente é fato consumado. Quanto à situação moral, embora o resultado externo ainda esteja por acontecer, a realidade do fato já lhes atinge: “Conspiraram contra ele para o matar [...]. Vinde, pois, agora, matemo-lo e lancemo-lo em uma destas cisternas; e diremos: Um animal selvagem o comeu; e vejamos em que lhe darão os sonhos”. Estão perfeitamente dispostos a matar seu irmão e despedaçar o coração do pai. Todas essas coisas apareceram no mundo interior de seus pensamentos, no seu ódio, no seu ciúme, não no mundo exterior. O pecado dos irmãos não aconteceu quando venderam José para o Egito, mas na realidade do seu mundo interior. É o mundo interior do pensamento que distingue o homem como homem. Na introdução para o livro The Epic of Man [A epopeia do homem] Loren Eisley, antropólogo da Universidade da Pensilvânia, disse o seguinte sobre o homem: “O homem ancestral já entrou na sua própria cabeça e desde então vem se adaptando àquilo que encontrou lá”.

Esta é uma declaração surpreendente, porque é tão clara e dura como um diamante. É perfeitamente verdadeira em uma parte, e perfeitamente falsa naquilo que ele tira dessas palavras.

Eisley tornou essa afirmação em uma proposição evolucionária, e nisso errou, mas ele está completamente certo quando observou que o homem, quer no estado mais primitivo ou no mais sofisticado e culturalmente civilizado, é diferenciado como homem pelo fato de que, de forma bem real, ele vive dentro de sua própria cabeça. Ele tem um mundo interior de pensamento que é único. A moderna psicologia profunda tem a mesma percepção. Essa psicologia profunda diz que a coisa que distingue o homem dos animais é que o homem – estranho que o reconheçam, porque ignoram de onde veio isso – tem medo de não ser. Algo “na sua cabeça” distingue o homem, não algo externo. Ele tem uma vida de

pensamento que é diferente de tudo o mais que observamos em nosso mundo. O homem vive na sua cabeça; isto (com a verbalização) é a singularidade do homem.

No relato da queda do homem, em Gênesis 3.6, nós lemos: “Vendo a mulher que a árvore era boa para se comer, agradável aos olhos e árvore desejável para dar entendimento [...].” Eis aí a percepção de que o pecado é primeiramente interno quando se trata de questões morais. Mas tem um resultado externo: “Tomou-lhe do fruto e comeu e deu também ao marido, e ele comeu”. A queda vai do interno ao externo.

Mas descobrimos um fato chocante em Isaías 14.13-14 – a queda de Satanás, anterior à queda do homem: “Tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu; acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono e no monte da congregação me assentarei, nas extremidades do Norte; subirei acima das mais altas nuvens e serei semelhante ao Altíssimo”.

Onde aconteceu isso tudo? Primeiro devemos reconhecer que Satanás não é retratado na Bíblia como tendo um corpo como nós, nem um coração corpóreo. Esse texto está falando em coisas que são interiores. Onde está o pecado de Satanás, de Lúcifer, quando caiu? “Tu dizias no teu coração.” A rebelião de Lúcifer, e depois de Eva como se segue, primeiro é interior e então disso flui o exterior.

Mas voltemos a Adão e Eva por um momento, na queda e na sua rebelião. O que encontramos aqui? Encontramos Adão – e falo só dele porque é mais fácil falar de um – operando como unidade de personalidade. Seus pensamentos, sua vontade, e suas emoções são todos envolvidos como unidade. Ele não é apenas uma coleção de partes. Há uma unidade que é o homem individual, a personalidade individual, e é isso que está em funcionamento aqui: alguém a quem podemos chamar de Adão, ou de Eva. Tanto em um como no outro estamos tratando com uma unidade de personalidade.

Agora, ao tratar da queda de Satanás e depois da queda de Adão e Eva, em certo sentido precisamos pensar neles juntos, pois Satanás se rebelou antes de levar Eva à tentação, e antes que ela, por sua vez, desse o fruto a Adão. Em termos daquilo que chamo de “a teologia da queda”, o fator realmente vital é que não houve nenhum condicionamento anterior. O que temos é a unidade da personalidade fazendo uma escolha absolutamente incondicional, no mundo do

pensamento. E sendo assim, há aqui uma verdadeira primeira causa. O todo da teologia cristã e todas as respostas cristãs caem por terra se permitirmos que entre um condicionamento prévio a esta altura. Existe uma unidade de personalidade que faz, no mundo do pensamento, uma escolha verdadeira que é a verdadeira causa original de um resultado externo. Produz algo que não existia antes, algo terrível, algo que nos levou a todas as nossas lágrimas e todos os nossos dissabores: o mal. Deus, sendo infinito, conhece todas as coisas sem experimentá-las. Deus, sendo infinito, conhece não só o que há de ser, mas também o que poderia ser. Ele não precisa experimentar a fim de ver as possibilidades. Ele fez o homem e os anjos, e existe a possibilidade do mal no universo porque Deus os fez como seres realmente morais e racionais. Ele os fez de maneira a poder amar ou poder dizer não ao amor, mesmo contra o próprio Deus. E aqui na queda, temos a unidade de sua personalidade fazendo uma escolha verdadeira, no mundo do pensamento, com uma primeira causa verdadeira que produziu algo que caiu como um raio sobre todo o mundo dos homens: o mal, tenebroso, sombrio, com um vasto mar de lágrimas. Eles têm pensamento como unidade de personalidade; optaram, e geraram ao mundo externo.

Então decorre nosso ponto seguinte: de dentro para fora fizeram, produziram algo. De dentro para fora realmente produziram o pecado.

Agora pensemos nisso em relação a Deus. Deus é espírito. Portanto ele não é corpóreo, mas ele é pessoal. Vemos isso na Carta aos Hebreus 11.6, que diz que Deus “é galardoador dos que o buscam”. O que distingue o Deus judaico-cristão é o conceito de Deus como pessoal e contudo infinito. E como Deus pessoal ele pensa, age, e sente. E nessa área da criação, Deus pensou, Deus falou e assim se fez: um mundo exterior real. Isso é inexprimivelmente maravilhoso. A ciência cristã está errada quando faz com que tudo seja apenas um mundo do pensamento. A filosofia oriental está errada quando, muitas vezes, procura reduzir tudo eventualmente a um sonho de Deus. O mundo externo não é uma extensão da essência de Deus: o universo não é Deus; tem uma existência objetiva e real. Há mesmo uma existência externa real fora de Deus, porque ele a fez fora de si próprio. Não é uma parte dele. Ele disse, e se fez, externa e verdadeiramente. Notemos a afirmação da Bíblia, que depois da criação “nele tudo subsiste” (Cl 1.17), todas as coisas por ele são consistentes. O mundo externo que ele criou não é agora um centro rival no universo. Por ele todas as coisas subsistem, e no entanto a própria Bíblia insiste que porque Deus o fez, ele é um mundo real, objetivo, externo.

Mas não devemos esquecer o outro lado, ou estaremos esquecendo parte da maravilha daquilo que devemos saber sobre o mundo como é, e Deus como ele é. Essa parte é que a ideia da Trindade veio primeiro. Deus disse: “Façamos o homem à nossa imagem” (Gn 1.26). Somos levados de volta para a Trindade antes da criação do mundo. Aqui há pensamento, porque Deus é um Deus pessoal, que pensa, que age, que sente no seu amor. O equilíbrio aqui é muito delicado, e precisamos segurar os dois lados, porque do contrário perdemos a riqueza da posição cristã. Há um mundo externo; não é uma extensão da essência de Deus. Mas enquanto existe um verdadeiro mundo exterior que não é extensão da essência de Deus, primeiro Deus pensou. Essas realidades estavam no pensamento de Deus antes que viessem à existência pelo seu poder, seu decreto criativo, como mundo objetivo e exterior.

No teto da Capela Sistina, em Roma, há os tremendos afrescos de Michelangelo. Entre eles está a magnífica representação da criação do homem. Deus está estendendo seu dedo, e o homem, tendo acabado de ser criado, estende-se em direção a Deus também. Mas seus dedos não se tocam. É uma visão cristã verdadeira. O homem não é uma extensão de Deus, partido como uma ameba se reproduzindo. Deus criou o homem externo a si mesmo, e eles não se devem tocar na pintura. Qualquer que tenha sido a ideia de Michelangelo, certamente as pessoas que formularam a cristologia calcedoniana, dos primeiros credos da igreja, tiveram isso bem claro na mente quando disseram que nem mesmo na pessoa única de Jesus Cristo houve mistura das naturezas humana e divina. Mas há outra parte desse afresco de Michelangelo que gostaria de usar como ilustração a esta altura. O braço de Deus está jogado para trás e há dois tipos de figura debaixo do seu braço. Há alguns anjinhos que seriam a ideia renascentista de como representar seres angelicais. Mas há outra pessoa sob seu braço, uma moça bonita. Seu rosto está assustado, mas ela está magnífica. E a maioria das pessoas tem achado que ela seja uma representação de Eva. Ela ainda não está criada, mas está na mente de Deus.

É aqui que se torna necessário dizer qual poderia ser uma interpretação errada da pintura de Michelangelo, e qual a certa. Se ele estivesse dizendo que ela era tão real na mente de Deus como seria mais tarde depois que ele a tivesse criado, então seria um conceito não cristão. Um conceito oriental. Pois Eva tornou-se real naquele grande momento em que Deus fez Adão adormecer e fez do homem a mulher. Mas se Michelangelo quis dizer que antes de Deus criar Eva ele já tinha pensado nela, então isso é brilhantemente verdadeiro. O pensar de Deus precedeu a seus atos criativos.

Mas é preciso colocar um segundo ponto, e este nos ensina uma coisa sobre nós mesmos. É o seguinte: aquilo que foi criado a partir do nada e agora tem realidade externa objetiva demonstra o pensamento de Deus e portanto exibe quem e como ele é. O mundo externo não é uma extensão da essência de Deus; no entanto, o mundo externo revela e demonstra quem e o que Deus é. Precisamos manter os dois lados. Houve uma queda, o que avariou o mundo criado; entretanto, Paulo nos lembra em Romanos 1 que o homem está condenado tendo como fundo a criação que, apesar da queda, ainda fala de Deus. O mundo criado exterior é uma revelação de Deus. Na teologia fala-se dela como sendo a revelação geral de Deus, que cerca o homem no mundo externo, revelando a deidade de Deus: tanto na natureza interior do próprio homem que fala de Deus como pessoa, como na evidência do pensamento de Deus expresso no universo criado, exterior.

Revelação geral e revelação especial são termos teológicos que merecem certa análise. A Bíblia é a revelação especial. Necessitamos da Bíblia para ter a mensagem da salvação, e o conhecimento que ela oferece que produz a "chave" para a revelação geral. Mas a revelação geral – essa que Deus criou e que somos nós com aquilo que nos rodeia – demonstra a existência de Deus e apresenta uma revelação verdadeira dele. A revelação geral e a especial constituem uma revelação unificada.

Voltemos ao homem. Tudo isso faz paralelo com aquilo que a Bíblia diz sobre nós, como criados à imagem de Deus. O mundo interior do pensamento vem primeiro, e o mundo interior do pensamento causa o exterior. Isso não nos surpreende, já que fomos criados à imagem de Deus, e somos por isso racionais e morais. Juntando esses elementos, descobrimos que: Deus pensa, e então Deus traz à existência no mundo exterior aquilo que ele havia originalmente criado do nada; nós pensamos, e nós trazemos à existência no mundo exterior. A criação de Deus não foi uma extensão de sua essência, mas revela o que ele realmente é. Igualmente, nossos atos no mundo exterior que surgem dos nossos pensamentos não são uma extensão de nossa essência, mas revelam o que nós somos. A mesa que tem o formato dado pelo carpinteiro não é uma extensão da essência do carpinteiro, mas mostra algo da essência do carpinteiro, saído do mundo do seu pensamento. Satanás, Adão e Eva produziram o mal, e produziram-no como verdadeira causa original, cada um na sua personalidade, cada um agindo como unidade própria. E nós também: cada um de nós, criado à imagem de Deus, é uma verdadeira causa original. Somos finitos, portanto não podemos criar do nada; só Deus cria do nada. Sou limitado, mas do meu mundo do pensamento

posso trazer à existência, por meio do meu corpo, para o mundo exterior. Meu corpo é a ponte ao mundo exterior.

Vejamos que isso é exatamente o inverso de como somos afetados pelo mundo exterior. Algo acontece fora, no mundo exterior. Entro em contato com isso pelos meus sentidos. Isso retorna, para os meus sentidos, meu corpo, para o meu mundo do pensamento e me afeta. Meus sentidos são a ponte entre o que acontece no mundo externo e esse afetar da unidade que sou eu, uma personalidade. Meu corpo é a ponte. Ora, é exatamente o mesmo na direção oposta. Meu corpo é a ponte. Eu penso, mas quando penso, sou capaz de produzir, fluindo pela ponta de meus dedos a um mundo externo real, objetivo, e sou capaz de influenciar e fazer naquele mundo externo. Como é grande o homem! Nós pensamos, e por meio de nosso corpo a realidade flui para o mundo externo. Não criamos do nada, como Deus cria, mas no sentido de que estamos falando aqui, torna-se apropriado dizer que o artista cria, sim, e cada um de nós cria. Lembro-me de que quando eu era mais jovem, sempre ficava perturbado com o uso da palavra “criar” quando se tratava do artista, do poeta, do compositor. Tinha para mim que essa palavra devia ficar só para Deus. Mas agora que já pensei mais nisso, e já lutei mais, fico feliz que seja usada a palavra “criar”. É perfeitamente correto. A criação de Deus e a minha diferem, é claro. Deus pode criar do nada, por decreto. Eu não posso, porque só ele é infinito. Na criação, ele só é limitado por sua própria natureza. Eu sou limitado não só pela minha natureza, como pela minha finitude. Quando crio, eu produzo dentro do universo externo que ele criou. Mas mesmo assim, compreendendo-se as limitações e diferenças, é perfeitamente apropriado dizer que Deus cria, e que nós criamos.

Pode-se dizer que seja impossível para os homens não estarem sempre a criar verdadeiramente as coisas. Mesmo que eu quisesse parar não conseguiria. É impossível não estar criando coisas constante e verdadeiramente, a partir do meu mundo do pensamento para o mundo externo; dando-lhes expressão permanente. O artista pensa, e traz a imagem para fora, para o mundo externo. Mas ela esteve primeiramente na sua mente. O mesmo acontece com o engenheiro, com o arranjador de flores e comigo ao escrever este livro. Quando encontramos a criação de um ser humano, ela traz as marcas do pensamento, ao contrário daquilo que é produzido por puro acaso. Existem alguns casos de meio-termo, naturalmente, como uma estalactite, ou a madeira flutuante nos quais nós vemos formas, mas quase sempre quando olho para aquilo que vejo, consigo saber se tem a marca de uma personalidade e pensamento atrás dele, ou se é puramente

produto de forças mecânicas. E apesar das teorias do acaso que Jacques Monod propõe, tenhamos a certeza de que quando ele olha para o que está à sua volta, ele faz exatamente esse mesmo tipo de juízo nas coisas cotidianas da sua vida.

A ciência cristã, o pensamento oriental e o idealismo filosófico podem não ser mentiras totais, mas são falsificações. Essas filosofias são totalmente erradas em sua sistemática e seu direcionamento, mas não são tolas. A razão pela qual enlaçam o homem não é porque nada dizem, mas porque são perversões, são falsificações. Embora nós não possamos produzir uma extensão de nossa essência, há uma revelação de nós mesmos; assim como Deus não criou por uma extensão de sua essência, mas o que ele criou é uma revelação de si mesmo. Com respeito ao homem há um corpo, e há um mundo externo real. Mas os pensamentos vêm primeiro, e são centrais. Então é aí que repousa a verdadeira espiritualidade da vida cristã: na esfera da minha vida dos pensamentos.

Com essa visão, quero agora reexaminar os vários elementos da vida cristã ou da verdadeira espiritualidade, como os vimos nos capítulos anteriores.

Primeiro, dissemos que na vida cristã verdadeira, ou na verdadeira espiritualidade, devemos estar mortos para todas as coisas, tanto boas como más, a fim de estarmos vivos para Deus. Isso é sempre interior; não pode ser exterior. Então devemos ser como se estivéssemos sido ressuscitados da morte para o mundo externo. Isso não é mais interno, e sim externo: o fluxo é do interno ao externo.

Segundo, falamos da habitação interior do Espírito Santo, que acontece no homem interior. As palavras habitar no interior já significam que isso é interno. Então vem o fruto do Senhor crucificado, ressurreto, glorificado, que flui ao mundo exterior por meio de meu corpo, seja dos lábios, ao falar uma palavra, ou então da mão com um martelo, construindo um abrigo para alguém que dele necessite.

Terceiro, o amor é interior. Dizemos que devemos amar a Deus o suficiente para estar contentes. Que devemos amar o homem o suficiente para não cobiçar. São coisas internas, mas fluem para o mundo externo na ação.

Quarto, o inverso de tudo isso. Os golpes da batalha do mundo externo do homem caem sobre mim aparentemente. Os golpes caem de muitas formas – ostracismo severo, uma porta que se fecha e se trava, um livro que se queima,

uma palavra cortante ou um olhar aborrecido. Todos eles me sobrevêm no mundo exterior, mas se ficassem no mundo fora do meu corpo, como se este fosse uma máquina, não me fariam chorar. Em vez disso, eles fluem por meus sentidos, meu corpo, para entrar naquilo que sou no meu mundo do pensamento. E à medida que esses golpes caem sobre o meu mundo do pensamento, ou eu digo “muito obrigado” para Deus, conforme já estivemos considerando, ou me revolto contra ele. Em qualquer dos casos, o resultado logo é visto no mundo exterior.

Quinto, já falamos da passividade ativa, e nesse contexto referimo-nos a Maria no nascimento de Cristo. Eis o que Mary Baker Eddy afirma em Science and Health [Ciência e saúde], sobre o nascimento virginal: “Aqueles que se interessam pela ciência cristã já alcançaram a percepção gloriosa de que Deus é o único autor do homem. A virgem mãe concebeu essa ideia de Deus e deu ao ideal dela o nome de Jesus. Isto é, Josué, ou Salvador. A iluminação da sensibilidade espiritual de Maria silenciou a lei material e sua ordem de geração, e trouxe à luz seu filho pela revelação da verdade”. Isso é horrível, absolutamente horrível. Maria pensou na ideia, é o que argumenta, e ela o produziu. Mas nada poderia estar mais longe da verdade. Simplesmente não é o que ocorreu. O que ocorreu foi que o anjo veio a Maria e lhe disse que ela iria dar à luz, não algo que viesse mostrar a imaterialidade do mundo material, mas o contrário. O Espírito Santo concebeu no útero da virgem Maria o bebê Jesus Cristo – incluindo seu corpo muitíssimo real. Mas embora Mary Baker Eddy esteja errada, não nos esqueçamos do outro aspecto, o da passividade ativa. A primeira palavra que veio do anjo chegou a Maria e no seu mundo do pensamento ela tomou uma decisão. Ela não disse: “Eu quero”, nem: “Eu exijo que se faça a minha vontade”; ela se elevou a Deus e rendeu seu corpo a Deus como serva do Senhor.

“Aqui está a serva do Senhor; que se cumpra em mim conforme a tua palavra.” Maria primeiramente enfrentou essas coisas em sua mente. Se ela tivesse dito não, nenhuma razão há para se pensar que o Espírito Santo teria produzido fisicamente – sim, fisicamente, no seu útero – o corpo de Jesus Cristo. Ora, isso é absolutamente, totalmente singular: só existe um nascimento virginal no espaço e no tempo. Mas em outro sentido, como já apontamos, essa passividade ativa é o nosso lugar. Em nosso mundo do pensamento, nosso dever é curvar-nos sob a operação do Espírito Santo em nosso interior, e então à medida que, em passividade ativa, nos rendemos inteiramente a ele, o fruto do Cristo ressuscitado e glorificado flui por meio de nossos corpos penetrando no mundo

exterior.

Agora observemos duas coisas a respeito de nós mesmos – dois pontos em resposta ao modo de pensar oriental, quer com vocabulário ocidental ou não, e ao modo de pensar sem finalidade da era moderna. A primeira das duas é que somos criados dentro de um limite finito; não podemos criar como Deus criou, embora seja inexpressivamente maravilhoso que eu possa, com todas as minhas limitações, produzir para o mundo externo; que eu possa estar influenciando, a partir de meu mundo de ideias, como verdadeira causa inicial, algo que depois fique aqui em pedra ou tinta, ou metal ou madeira, ou na vida de outras pessoas. Entretanto, a segunda coisa igualmente precisa ser dita. É que mesmo depois que sou cristão, posso ser uma máquina que produza a morte; conquanto eu tenha a vida, vida eterna, se eu ceder a Satanás em vez de Cristo, posso ser um instrumento de morte para esse mundo externo. Como é sublime ser uma pessoa, criada à imagem de Deus! Mas como isso me responsabiliza, saber que posso produzir do meu mundo do pensamento para o mundo externo ou aquilo que conduza à vida, ou aquilo que produza morte para outros homens.

Aqui nós temos, então, três conclusões:

Primeiramente, devemos entender que a realidade da comunhão com Deus, e de amar a Deus, precisa ocorrer no eu interior. Não adianta falar sobre amar a Deus a não ser para entender que isso acontece no mundo interno de nossos pensamentos. Mesmo a comunicação com homens e mulheres precisa vir por meio do corpo para a área do mundo dos pensamentos. Se um homem e uma mulher têm só contato externo, isso não pode ser chamado de comunicação. É apenas mecânico. Mas uma comunicação real, pessoal, nunca permanece exterior. Sempre volta ao íntimo da personalidade. Isso é verdade na área da vida conjugal, no relacionamento do homem e da mulher como Deus quis que fosse. Ter meramente contato físico não constitui comunicação em um nível pessoal. Isso deve ter retorno entrando na área da personalidade. Só então pode ser chamado de comunicação. Assim, a comunicação real com a pessoa e o amor da pessoa se centralizam em nosso mundo do pensamento. Os resultados podem ser externos e a expressão externa, mas o amor é interno. O mesmo acontece em nosso amor para com Deus. O resultado pode ser externo, mas o amor mesmo é sempre interno. Se os cristãos puderem pelo menos aprender isso, muitos problemas com respeito à vida cristã serão vistos por outro prisma. Que possamos entender como é importante o mundo dos pensamentos. É isso que me distingue como homem, em contraste a máquinas. Isso é o que sou, e sou

chamado para amar a Deus de todo o meu coração e alma e mente.

A segunda conclusão é que para as pessoas a batalha real está no mundo das ideias, em lugar de naquilo que é exterior. Toda heresia, por exemplo, começa no mundo das ideias. É por isso que, quando chegam novos obreiros à L'Abri, sempre enfatizamos a eles que nós nos interessamos mais em ideias do que em personalidades ou organizações. São ideias que devem ser discutidas, não personalidades nem organizações. As ideias são o material do mundo do pensamento, e das ideias é que explodem todas as coisas externas: a pintura, a música, os prédios, o amor e o ódio das pessoas, na prática, assim como os resultados do amor de Deus ou da rebelião contra ele, no mundo exterior. Onde o homem vai estar na eternidade depende de ele ler ou ouvir as ideias, a verdade proposicional, os fatos do evangelho no mundo externo; e esses serem levados, por meio do seu corpo para o mundo interior de seus pensamentos e, dentro dele, no seu mundo de pensamentos, ou sua crença em Deus na base do conteúdo do evangelho ou sua resposta chamando Deus de mentiroso. Isso não é uma experiência meramente mística, existencialista. Não é a experiência final de um homem, como Carl Jaspers colocou, em termos religiosos; não é uma experiência de droga alucinatória, sem conteúdo. Isso pode ser expresso racionalmente. Trata-se de ideias, do conteúdo da boa nova. Mas com respeito ao que significa para o homem, a diferença está nele aceitar ou rejeitar isso no mundo do pensamento: se ele crê em Deus, ou se o chama de mentiroso.

É por esse motivo que a pregação do evangelho nunca pode ser em primeiro lugar uma questão de organização. A pregação do evangelho é comunicação de ideias, ideias flamejantes trazidas aos homens, conforme Deus as revelou para nós na Escritura. Não é uma experiência sem conteúdo recebida internamente, mas são ideias plenas de conteúdo sobre as quais se age e que fazem a diferença. Portanto, quando afirmamos nossas doutrinas, elas precisam ser ideias, e não só frases. Não podemos usar doutrinas como se fossem peças mecânicas de um quebra-cabeça. A doutrina verdadeira é uma ideia revelada por Deus na Bíblia; e uma ideia que se ajusta apropriadamente dentro do mundo externo como ele é, como Deus o fez, que se ajusta ao homem como ele é, como Deus o fez, e que pode retomar por meio do corpo do homem para seu mundo do pensamento e ali ser base para a atuação. Centralmente a batalha pelo homem está no mundo do pensamento.

A terceira conclusão, e a mais curta das três, é que a vida cristã, a verdadeira espiritualidade, sempre começa por dentro, no nosso mundo do pensamento.

Tudo o que foi dito em nosso estudo anterior sobre estar livre na vida presente das amarras do pecado, e também de estar livre na vida presente dos resultados das amarras do pecado, é jargão sem sentido, nada mais do que uma pílula psicológica, se não houver a realidade que Deus pensa e nós pensamos, e que a cada passo o interno é central e primeiro. A batalha espiritual, a perda ou a vitória, está sempre no mundo do pensamento.

10

cura substancial dos

problemas psicológicos

No capítulo anterior discutimos o problema da vida dos pensamentos. Agora avançaremos para considerar a vida cristã em relação a problemas psicológicos. É o problema da separação do homem de si mesmo, e de seu relacionamento para consigo no mundo do pensamento. Ora, como Deus é pessoa, ele pensa, age e sente; então eu sou uma pessoa, que penso, ajo e sinto. Mas esta pessoa é uma unidade. Posso pensar nas partes que me constituem de várias maneiras; como corpo e espírito, ou como minha parte física e minha parte espiritual. Posso até pensar, corretamente, em uma divisão de mim mesmo do intelecto, da vontade e das emoções, e está certo que eu pense assim, porque essas coisas estão abertas à observação. Mas nos escapa o conceito bíblico se perdemos sua ênfase que o homem não é apenas partes, e sim uma unidade. Nosso pensamento deve partir daí. Existe um Francis Schaeffer que nem é apenas uma coleção de partes isoladas, e nem ainda só um fluxo de consciência. Qualquer coisa que prejudicar essa unidade é destrutiva daquilo de mais básico que o homem é e daquilo que ele precisa ser.

Uma vez que começo a sentir isso, começo a ver o pecado como algo que vai muito além do seu conceito restrito de mero elemento forense. O elemento forense está presente com muita força, porque Deus é santo, e precisa me declarar culpado; mas o pecado não é só assunto legal. É algo mais.

A verdade não é apenas uma verdade abstrata, pois existe a verdade daquilo que eu sou. Ora, podemos pensar em duas áreas fundamentais ao considerar a questão do homem. A primeira é o Ser, ou a questão da existência dele. É o dilema de todos os homens, seja qual for sua filosofia. É o ponto básico ao qual nenhum homem pode escapar, o fato de que ele existe. Problemas e mais problemas surgem diante do homem não cristão sobre o assunto da sua

existência, do seu Ser. Seja ele quem for, tenha a filosofia que tiver, ele existe e aí está. Nunca pode escapar a esse dilema, nem mesmo cometendo suicídio, porque se ele se suicidar, poderá pensar que será capaz de cessar de existir, mas mesmo em sua própria forma de pensar, ele não anula o fato de que ele existiu. Então vamos pensar antes de tudo no problema do Ser.

A segunda área se relaciona com aquilo que o homem é no círculo de sua existência. Em outras palavras, eu sou, mas: o que sou em comparação com o que Deus é? Eu existo, Deus existe: qual a diferença entre o círculo de minha existência e o círculo da existência dele? E do outro lado, qual a diferença entre minha existência e a existência dos animais, das plantas, e do material inconsciente, porque eles também existem. Aqui temos, portanto, a simples existência, e depois as diferenciações entre a minha pessoa e Deus de um lado, e os animais, plantas e máquinas do outro.

Na área da simples existência não há uma resposta racional sem o Criador pessoal, o Deus da Bíblia. Não estou dizendo aqui que não haja resposta racional sem a palavra Deus, porque é possível ter a palavra deus sem que ela tenha o conteúdo do Deus infinito-pessoal, que é o Criador, conforme a Bíblia o apresenta. Então a solução não é a palavra Deus. É a existência desse Deus da Bíblia: sem a existência desse Criador pessoal, não há resposta racional à simples existência como tal. Não há resposta sem um ponto de referência infinito de natureza pessoal. O homem necessita de duas coisas quando luta com essa pergunta. Ele precisa de um ponto de referência infinito, mas nem mesmo um ponto de referência infinito é suficientemente alto. O ponto de referência infinito deve ser de natureza pessoal, e é isso que o Deus da Bíblia é. Por outro lado, quando, como cristão, eu me curvo diante desse Deus que está aí, então eu consigo me deslocar e sair da única posição lógica que o não cristão pode manter que é só habitar consciente mas silenciosamente no casulo do seu ser, sem conhecer nada exterior a si mesmo. É esse o dilema final do positivismo de qualquer espécie. É uma situação sem saída, sem esperança: se ele pretende ser coerente tanto racional como intelectualmente, ele só poderá habitar em um casulo silencioso; poderá até saber que se acha ali, mas não conseguirá tomar nenhuma iniciativa para sair de lá.

Ora, quando um cristão se curva diante de Deus ele consegue sair disso, com sua racionalidade intacta. O outro, aquele homem sem Deus, se pretende ser absolutamente consistente em sua posição, poderá conhecer que ele existe, mas nada mais. Não poderá conhecer que qualquer outra coisa existe. Seu problema é

que não pode viver assim; e nenhum homem vive. O homem, pela lógica e pela razão, não consegue viver nesse casulo de silêncio. Então ele está imediatamente maldito no seu intelecto, não só por Deus dizer: “Você é um pecador”, mas por ele ser esse ente que ele é. Deus o criou racional. Ele não consegue sair desse casulo, ainda que ele deva – e assim fica arrasado pelo que ele é. Não há só o ato legal de Deus que diz: “Você é culpado” – embora isso esteja presente. Aquilo que o homem é o separou de si mesmo. A tensão está dentro do homem. Por outro lado, quando um cristão se curva perante o Criador pessoal por quem a própria existência do homem clama fortemente, então se abre de seus pés até o fim do infinito uma ponte de respostas e realidade. Essa é a diferença.

A posição cristã afirma duas coisas: que Deus está lá, esse Deus infinito-pessoal; e que você foi criado à imagem dele, portanto você está lá. Dos seus pés até a distância do infinito, há uma resposta que o capacita a dar o primeiro passo para sair de seu casulo intelectual. Deus tem falado, e o que ele ensina, então, une-se com aquilo que ele fez. Começando com esses dois pontos há uma ponte que se estende à sua frente, assim como a lua lhe estende uma ponte prateada pelo oceano, desde a curva do horizonte até você.

Agora vejamos. A maravilha é que essas respostas não terminam simplesmente com um puro entendimento abstrato e erudito, do Ser, ainda que isso em si já seja uma maravilha. Terminam na comunhão com o ponto de referência infinito-pessoal que está lá, o próprio Deus. E isso é tremendo. Então você pode adorar. É aí que se encontra a verdadeira adoração: não em vitrais coloridos, velas, ou símbolos no altar, não em experiências vazias, mas na comunhão com o Deus que está aí – comunhão para a eternidade, e comunhão agora, com o Deus infinito-pessoal como Aba, Pai.

Tudo isso é introdução, um paralelo ao que segue: devemos agora perguntar o que eu sou, como pessoa. Várias respostas podem ser sugeridas, mas a racional e moral é, provavelmente, a melhor coisa a ser dita no século 21. Eu sou, existo, mas eu existo especificamente como racional e moral. Imediatamente, sou diferenciado à direita e à esquerda, como foi ressaltado. Primeiramente, sou distinto de Deus, porque ele é infinito e eu finito. Ele existe, eu existo; ele é um Deus pessoal, eu fui criado pessoal à sua imagem. Mas ele é infinito e eu sou finito. Por outro lado sou distinto dos animais, das plantas e das máquinas, porque estes não são pessoais, e eu sou pessoal. Portanto, se é para reconhecer meu dilema na vida presente, minha separação de mim mesmo, é bom perguntar: “Quem sou eu?” Sou pessoal, sou racional, sou moral. Do aspecto da minha

personalidade, sou como Deus; mas por outro lado sou como os animais e máquinas, porque eles também são finitos. Só que eu sou diferenciado deles porque eu sou pessoal, e eles não são.

Ora, a rebelião do homem é tentar existir fora do círculo no qual Deus o criou para existir. O homem está tentando ser o que ele não é. Mas quando ele tenta ser o que não é, todos os elementos daquilo que ele é, como homem, levantam-se contra ele. Quando o homem se coloca diante do tribunal, e Deus o julga, tudo o que o homem é já se levantou e o julgou na vida presente.

Pensemos no assunto em duas áreas: por um lado, na área da racionalidade. Nessa área, o homem tende, e mais do que nunca em nossa geração, a confiar em um salto de misticismo absoluto para obter as respostas reais, tais como a solução do problema da unidade do todo, e o propósito do homem. Ele diz por um lado: “Por que a existência tem de ser vista racionalmente? Por que não só aceitá-la como irracional?” Contudo ele mesmo se condena. Pelo jeito em que Deus o fez ele já entende que deve haver alguma unidade. Logo, todo homem tem a tensão dentro de si mesmo, produzida pelo modo como Deus o fez homem racional. Em contraste com os animais e máquinas, ele é racional e essa racionalidade o condena. Começando por não se curvar a Deus, com um forte grito de racionalidade ele termina com um salto no escuro. Todavia, quando salta no escuro, sua própria racionalidade está sempre lá para exigir uma resposta básica para a unidade do detalhe, e assim ele é constantemente embaraçado, constantemente dividido dentro dele mesmo. Não basta começar com ele mesmo e trabalhar externamente. Isso exige uma racionalidade infinita. Então, o que estou argumentando aqui é que na esfera da racionalidade existe uma separação natural do homem de si mesmo.

Na área da moralidade encontramos exatamente o mesmo. O homem não pode escapar ao fato dos movimentos de um verdadeiro certo e errado dentro de si: não é só uma moralidade sociológica ou hedonista, mas moralidade verdadeira, do verdadeiro certo e do verdadeiro errado. Contudo, a começar por si mesmo, ele não consegue estabelecer padrões absolutos e nem consegue manter os padrões pobres que ele estabelecer. Portanto, na área da moralidade, como na área da racionalidade, tentando ser o que ele não é, conforme ele foi feito para ser em relação a Deus, ele acaba esmagado e condenado por aquilo que ele é.

Pense sobre isso de outra forma. Podemos dizer que a personalidade é mostrada por aquilo que se pensa, age e sente. Já tratamos do pensar sob o aspecto da

racionalidade. Mas vamos considerar o agir. Aqui há vontade e ação – mas tudo vai contra minha vontade. Quero fazer certa coisa, mas não posso exercer minha vontade em ação infinita, ilimitada. Não posso fazê-lo, nem mesmo na pequena área da tela de um pintor. Não posso ter uma ação ilimitada nas coisas mínimas da vida, muito menos nas maiores. Então, se estou exigindo liberdade infinita, quer no todo da vida, ou em uma pequena área dela, não posso tê-la; eu não posso ser Deus na ação e na prática. Por isso desfaleço de novo, esmagado pelas tensões naturais dentro de mim, e fico ali prostrado como borboleta que alguém tocou, todas as coisas belas desaparecidas de suas asas.

É o mesmo na área dos sentimentos, das emoções. Não existe melhor ilustração disso do que o exemplo de Freud e sua noiva. Freud, não crendo realmente no amor, – dizendo que o fim de todas as coisas é o sexo, porém precisando do amor real – escreve à noiva: “Quando você vier a mim, princesinha, ama-me irracionalmente”. Costumo dizer que não se poderia escrever palavra mais triste, vinda de um homem como Freud. O próprio Freud nesse particular chega a um ponto que eu chamaria de uma paralisação estremecedora. Ele é condenado por aquilo que ele é, pelas emoções do amor real dentro de si, pois ele foi criado à imagem de Deus. Então enfrentamos novamente o fato de haver essas separações de si mesmo no homem, por ele ter se revoltado contra Deus.

Assim, na rebelião, não permanecendo dentro do círculo do que o homem é, mas tentando se deslocar para dentro do círculo da existência de Deus, o homem cai esmagado dentro de si a cada volta. Restam-lhe duas possibilidades, apenas duas, para que continue dentro do círculo da racionalidade. Ele pode voltar para seu lugar perante o Criador pessoal, uma criatura pessoal diante de um Criador pessoal. Ou então pode descer mais baixo que seu lugar. Essa segunda opção não é realizada sobre quaisquer fundamentos intelectuais necessários baseados em fatos; mas por causa de sua rebelião o homem escolhe ir a um nível mais baixo em vez de voltar a seu lugar certo como criatura ante o Criador absoluto. Portanto escolhe descer mais baixo, porque a opção é ou voltar ou descer. O homem em revolta contra o Deus que existe, não tem um dedo que aponte para cima, como tem João Batista nas pinturas renascentistas. Assim o homem pecador ocupa seu lugar entre os círculos inferiores da existência; ele se move do ser homem para a existência mais baixa dos animais e das máquinas. O homem está então, contrariamente, dividido por ele mesmo, em todas as partes de sua natureza. Pense nisso da forma que quiser – ele está dividido de si próprio em sua rebelião: na racionalidade, na moralidade, no pensar, no agir, no sentir. Por causa de rebelião ele está separado de Deus pela sua culpa moral verdadeira,

e ele é condenado por aquilo que ele é, por querer ser Deus e não sendo Deus por ser finito. Ele também é condenado porque não pode se ocultar entre os animais e as máquinas, onde estaria tentando se esconder. Ele ainda leva as marcas da imagem de Deus. Está condenado de ambos os lados, nas duas direções, simplesmente porque Deus o fez. Todas as partes de sua natureza clamam: “Sou homem”. Por mais escura que seja a noite de sua alma na sua rebelião, há vozes que declaram de todas as partes de sua natureza: “Sou homem; sou um homem”.

Não se admira, pois, que pela queda o homem não só tenha ficado separado de Deus, e não só separado dos outros homens (assim como Caim mata Abel, por exemplo), mas separado da natureza e de si mesmo. Na morte, o corpo e a alma estarão separados por um tempo, mas Deus também pôs testemunho na vida presente, de que o homem individual de muitas maneiras agora está separado de seu corpo. Quando leio a maldição que Deus colocou sobre o homem em Gênesis 3, fica óbvio que grande parte da maldição recai sobre a divisão do homem de si mesmo agora. A ênfase aqui é mais física, mas certamente leva junto algo mais.

[...] à mulher disse: Multiplicarei sobremodo os sofrimentos da tua gravidez; em meio de dores darás à luz filhos; [ela está dividida de seu próprio corpo] o teu desejo será para o teu marido, e ele te governará. E a Adão disse: Visto que atendeste à voz de tua mulher e comeste da árvore que eu te ordenara não comesses, maldita é a terra por tua causa; [Esta é uma maldição externa a ele próprio, na natureza]. Em fadigas obterás dela o sustento durante os dias de tua vida. Ela produzirá também cardos e abrolhos, e tu comerás a erva do campo. No suor do rosto comerás o teu pão, até que tornes à terra, pois dela foste formado; porque tu és pó e ao pó tornarás. (Gn 3.16-19)

Na morte, a pessoa divide-se do corpo, mas esta separação não aguarda que se morra. No homem há uma divisão entre ele e a natureza, e ele está dividido de si próprio, aqui e agora. Não significa somente que o homem está dividido do seu corpo; ele está dividido de si no mundo do pensamento do qual falamos. O homem na vida presente está dividido na sua personalidade. Desde a queda não existe uma pessoa verdadeiramente sadia no seu corpo, nem uma pessoa completamente equilibrada psicologicamente. O resultado da queda estraga-nos

como unidade, e em todas nossas partes.

Agora, dentro dessa situação, chega o psicólogo moderno, não cristão, tentando trazer uma integração ao mundo do pensamento. Mas o psicólogo não cristão, pela própria natureza daquilo que crê, tentará realizar uma integração no âmbito da rebelião original. Ou, quando muito, tentará fundamentá-la em um salto sobre a História, sem uma base. Não conseguirá ir além disso. Como resultado, a integração será uma tentativa de relacionar o que está quebrado, o que não está funcionando na pessoa, aos animais e às máquinas, ou então irá procurar um salto romântico. Ora, isso não quer dizer que não haja detalhes que podemos aprender com esses psicólogos; há muito que aprender com suas percepções, porque são pessoas brilhantes e bons observadores, mas o todo deles não responde à necessidade, porque trata o homem como aquilo que ele não é. Seria como se conhecêssemos um ótimo mecânico para motores e, por existirem certas semelhanças entre a estrutura física do homem e a máquina, entregássemos ao mecânico toda a responsabilidade de nossa cura física. Pode ser que haja percepções do mecânico de motores que o médico possa aproveitar! Mas o total não seria suficiente. As questões e problemas básicos permanecem e viriam à tona novamente. Portanto, a pessoa se oculta dessas coisas profundas de seu íntimo, e à medida que o faz, essas coisas criam outras divisões e cicatrizes. Em algum nível do consciente o homem recusa se esquecer de que é homem; não pode negar totalmente sua verdadeira racionalidade nem sua verdadeira moralidade.

Certamente a esta altura deverá surgir em nós um grito por socorro. Certamente deverá existir aqui nesta vida uma resposta real para a separação de mim mesmo; ou não existe nada que seja real? E a resposta é: “Sim, obrigado Senhor, ela existe”. Acho que a chave, de certo modo, é a pessoa fazer a pergunta: Como será que os psicólogos que agem como se Deus existisse, mas somente de forma pragmática, como Carl Gustav Jung, são capazes de, em certo grau, ajudar seus pacientes? Acho que é porque aquilo que realmente ajuda está sempre na direção da realidade verdadeira. Pelo menos um homem como Jung tem a palavra “Deus”. Ou, atrás disso, poderá haver pelo menos o senso de algum propósito universal, aceito cega e irracionalmente, como acontece com Viktor Frankl. E esta é a direção certa, especialmente no caso daqueles que pelo menos usam a palavra “Deus”, e isso, portanto, ajuda. Para esses homens essas coisas são encenação teatral; mas sem que o saibam, isso está na direção daquilo que é. De fato, ele existe, um Deus pessoal, que é santo em um sentido moral. Não se curvando, eles não o reconhecem; contudo, pragmaticamente descobrem que

precisam agir como se ele existisse.

Ora, assim como na área do problema do ser, o curvar do homem no casulo de sua consciência abre uma ponte para todo o caminho à sua frente; por isso, quando vemos o que está compreendido aqui, vemos que realmente nós também precisamos nos curvar nesse ponto do eu dividido, e então uma ponte de entendimento e prática se abre diante de nós. Aqui devemos fazer uma distinção importante. Existe realmente a culpa puramente psicológica, nas pequenas coisas que nós como homens em nossa rebelião nos tornamos. Sinto que muitas vezes os cristãos evangélicos são duros de mais nesse ponto. Têm a tendência de agir como se não existisse coisa como culpa psicológica. Mas existe, tanto quanto existem ossos fraturados. A culpa psicológica é real e cruel. Acontece que os cristãos sabem que há também a culpa real, culpa moral diante de um Deus santo. Não é questão somente de culpa psicológica; essa é a distinção.

Quando um homem está quebrado nessas áreas, ele fica confuso, porque ele tem os sentimentos de culpa real dentro de si, porém os pensadores modernos dizem a ele que são somente sentimentos de culpa. Mas ele nunca pode resolver esses sentimentos, porque enquanto sejam meramente sentimentos de culpa, ele também tem verdadeira percepção moral e sente a verdadeira culpa. Você poderá lhe dizer um milhão de vezes que não há culpa verdadeira, mas ele ainda reconhece que há verdadeira culpa. Você nunca encontrará uma pessoa que não perceba ainda esses momentos em alguma parte de sua consciência.

Anteriormente discutimos a questão de sermos salvos da nossa consciência. Vimos que há um forte paralelo entre justificação e salvação da consciência. Agora, como cristão, chamo o pecado específico de pecado; me aproprio da obra concluída de Cristo; posso dizer “muito obrigado” a Deus, e minha consciência pode descansar. Notemos que nesse processo a culpa real não é menosprezada, não é varrida para debaixo do tapete. A culpa real é colocada em uma estrutura completamente racional, e enfrentada dentro da estrutura, com o intelecto e os sentimentos de moralidade encontrando-se, sem fratura entre eles. Com toda a racionalidade no lugar, conscientemente no lugar (na base da existência de Deus e da obra consumada, substitutiva de Jesus Cristo) minha culpa real agora não é omitida, mas aceita como minha responsabilidade porque deliberadamente faço o que sabia estar errado. E então minha culpa recebe o tratamento racional, verdadeiro e objetivo na obra substitutiva infinita de Cristo. Agora posso dizer à minha consciência: “Aquiete-se!” Assim a culpa real se foi e sei que qualquer coisa que tenha ficado é minha culpa psicológica. Isso poderá ser enfrentado,

não em confusão, mas para ser visto como parte da tristeza do homem decaído.

Dizer que não há culpa real é fútil, porque o homem, como ele é, sabe que há culpa moral real. Mas quando sei que a culpa real é realmente resolvida por Cristo, de modo que não preciso ter medo de examinar as questões básicas no meu íntimo, então posso ver que o sentimento de culpa que ficou é culpa psicológica e só isso. Não quero dizer que a culpa psicológica não seja ainda cruel. Mas agora posso me abrir com ela – vê-la como sendo o que é – sem aquela confusão terrível de culpa moral real e culpa psicológica. Mas isso também não significa que seremos psicologicamente perfeitos nesta vida, assim como não somos fisicamente perfeitos. Mas graças a Deus, agora posso me movimentar; não estou mais patinando, a diferença é essa. Não preciso mais ficar dando voltas no mesmo círculo de sempre. Não é mais o cão correndo atrás de sua cauda. Entrou a luz. As coisas estão orientadas, e posso me mover como pessoa integral, com a racionalidade que possuo totalmente nos eixos. Não vou esperar ser perfeito. Para ser perfeito, moral, física e psicologicamente, aguardo a segunda vinda de Jesus Cristo e a ressurreição do corpo, mas agora poderá haver uma vitória substancial dessa divisão psicológica na vida presente, com base na obra concluída de Cristo. Não será perfeita, mas pode ser real e substancial.

Sejamos bem claros quanto a isso. Todos os homens, desde a queda, têm tido alguns problemas psicológicos. É bobagem total, um romantismo que nada tem a ver com o cristianismo bíblico, dizer que um cristão nunca tem um problema psicológico. Todas as pessoas têm problemas psicológicos. Diferem no grau e diferem na espécie, mas desde a queda todos os homens têm psicologicamente algum problema, e tratar disso também faz parte do aspecto presente do evangelho e da obra consumada de Cristo sobre a cruz do Calvário.

Uma coisa muito prática para nós e para aqueles a quem gostaríamos de ajudar é que nem sempre é possível separar a culpa verdadeira da culpa psicológica. Nesse ponto é bem válido o conceito do iceberg. Isso sempre foi importante, mas hoje é mais importante porque os homens estão pensando nessa direção. Constantemente somos colocados diante do conceito de subconsciente, que é uma conscientização de que o homem é mais do que aquilo que está na superfície. Com muita frequência, o cristão evangélico atua como se pensasse que a pessoa nada fosse exceto aquilo que aparece acima da superfície da água.

Desde a queda o homem está separado de si, e portanto, desde a queda existe

aquilo que eu sou que está abaixo da superfície. Podemos imaginá-lo como o iceberg, um décimo acima, nove décimos abaixo, este último sendo em termos psicológicos o inconsciente ou subconsciente. Não é para eu me surpreender que haja algo que sou que seja mais profundo do que o que fica na superfície. Aqui estou, eu, o iceberg. Como dissemos, não é possível dizer neste dado momento: "Sei que sou perfeito – livre de todo pecado conhecido". Quem pode saber perfeitamente o que ele sabe sobre si, como o homem é hoje? Isso é verdade, mesmo em nossos melhores momentos, e é duplamente verdade quando problemas psicológicos e tempestades deflagram sobre nós como, certamente, vão cair sobre todas as pessoas, inclusive os cristãos. Quando alguém se chega a você em uma tempestade psicológica, e ele está realmente dilacerado, não só será irracional como também cruel lhe pedir, em cada caso, que separe o que é culpa verdadeira do que é culpa psicológica.

Todos nós temos nossos problemas, todos nós temos nossas tempestades, mas alguns de nós poderão ter tempestades excessivamente fortes. Em meio a essas tempestades, que irrompem sobre nós, é lindo saber que nós mesmos não precisamos, em cada caso, separar a culpa verdadeira da culpa psicológica. Não estamos vivendo diante de um universo mecânico, e não estamos vivendo somente diante de nós mesmos; estamos vivendo diante do Deus infinito-pessoal. Deus conhece a linha que demarca minha culpa verdadeira e meus sentimentos de culpa. Minha parte é funcionar naquilo que está acima da superfície, e pedir que Deus me ajude a ser honesto. Minha parte é clamar a Deus pela parte do iceberg que está acima da superfície, e confessar tudo o que eu souber que seja culpa verdadeira ali, trazendo-a sob a obra infinita, consumada de Jesus Cristo. Em minha opinião, e a experiência de muitos dos filhos de Deus, que quando se é tão honesto quanto possível no tratamento daquilo que está acima da superfície, Deus aplica isso ao todo; e aos poucos o Espírito Santo ajuda a pessoa a se ver mais profundamente.

Podemos saber que, como é infinito o valor da morte de Cristo, assim toda a culpa verdadeira em nós é coberta, e os sentimentos de culpa que permanecem não são culpa verdadeira, e sim parte dessas terríveis misérias do homem caído: produtos da queda histórica, da vida da raça humana, e do meu próprio passado pessoal. A compreensão de-momento-em-momento dessas coisas é um passo vital em se encontrar a liberdade dos resultados das amarras do pecado, e a cura substancial daquela separação do homem de si mesmo.

11

cura substancial e total

da pessoa

No capítulo anterior referimo-nos a uma cura substancial. Quero esclarecer que ao usar a palavra substancial devemos reconhecer duas coisas. A primeira é que há a possibilidade da cura substancial, mas a segunda é que “substancial” não quer dizer perfeita.

A Bíblia esclarece bem a possibilidade de milagres, e nossa experiência confirma esse ensino. Já vimos milagres nos quais Deus entrou na história curando completamente de forma física ou psicológica, em certo ponto do tempo. Mas devemos apontar que tanto a Escritura como a experiência mostram que, embora às vezes Deus aja assim, outras vezes ele não age assim. Nem sempre é questão de fé ou de falta de fé. Deus é pessoal, e tem seus próprios propósitos. Só porque uma pessoa não é curada fisicamente, não devemos presumir que isso, necessariamente, implique falta de fé.

Notemos que mesmo quando Deus cura perfeitamente uma pessoa de uma doença, aquela pessoa poderá não estar em perfeita saúde. Aqui temos uma pessoa com uma hérnia, digamos, que é completamente curada da hérnia em resposta à oração. Deus fez esse milagre em resposta à oração, em resposta à fé, e conforme seus propósitos. Mas isso não significa que a pessoa esteja, em todos os pontos, fisicamente perfeita. Poderá ter uma dor de cabeça naquela mesma noite! Portanto, mesmo um milagre tal como esse cai apropriadamente sob a qualificação de “substancial”. Ocorre exatamente o mesmo com a cura psicológica. Uma pessoa poderá ser curada psicologicamente, mas isso não quer dizer que estará psicologicamente perfeita durante o restante da vida. Muitas vezes penso em Lázaro depois que foi ressuscitado dos mortos. Certamente teve doença física depois disso; talvez tenha tido depressão psicológica; e precisamos lembrar que finalmente ele morreu de novo. Os resultados da queda continuam

até a segunda vinda de Cristo.

Se nós recusarmos a nos mover, física, moral ou psicologicamente, para menos do que a perfeição, não teremos o que poderíamos ter. Quanto a isso, há o perigo de que mesmo o cristão queira ser Deus; isto é, ele poderá consciente ou inconscientemente colocar um padrão de superioridade, baseado no valor descomunal que dá a si próprio. Por vezes fazemos isso conosco mesmos, e por vezes nossa família nos faz isto. Uma família poderá colocar pressão indevida sobre um filho, ao expressar expectativas altas de mais de comportamento ou de sucesso – simplesmente porque a criança é da sua família. Muitas vezes quando se ouve a exclamação: “Eu não sou igual aos outros”, na realidade ela significa: “Eu quero ser melhor do que os outros, e eu não sou”. Tenhamos o cuidado de ser honestos nesse ponto. É perigosamente fácil ter dentro de nós, como cristãos, a velha aspiração de ser Deus – de modo que clamamos dentro de nós mesmos: “Eu devo ser superior por causa de quem eu sou”. Nós negamos a doutrina da queda, e construímos um novo romantismo se deixarmos de aceitar a realidade de nossas limitações, incluindo nossas lutas psicológicas. Assim, perdemos o substancialmente debatendo-nos até os frangalhos, tentando ser o que não poderemos ser.

Não devo me colocar no centro do universo e insistir que tudo se dobre aos padrões que imponho na minha própria superioridade. Não devo dizer: “Eu preciso ser assim”, e se não for, nada resta senão desespero psicológico. Algumas pessoas ficam totalmente presas nisso, mas todos nós temos um pouco desse problema dentro de nós, que nos deixa balançando como pêndulo entre o orgulho e o desespero.

É claro que isso não é verdade apenas na área psicológica; é verdade em todos os relacionamentos da vida. Não é necessário ter tido muita experiência pastoral para se ter conhecido famílias em que o casal se recusa a ter o que pode ter, porque colocou para si um falso padrão de superioridade. Os dois estabeleceram um padrão de romantismo, ou no lado romântico do amor ou no lado físico, e se o casamento não alcança a medida de seus próprios padrões de superioridade, eles destroem tudo. Precisam ter aquele caso de amor ideal do século só por causa de quem eles são! Certamente muitas das múltiplas situações de casamento e divórcio giram apenas em torno desse ponto. O casal se recusa a ter menos do que colocou como possibilidade romântica, esquecendo-se de que a queda é a queda. Outro poderá desejar uma experiência sexual além daquela que é possível ter em decorrência dos resultados da queda. Vê-se o casamento

desfeito de repente – tudo em pedaços, as pessoas indo cada uma para seu lado, destruindo algo realmente possível e lindo – simplesmente porque estabeleceram um padrão soberbo e se recusam a ter o casamento que poderiam ter.

Nós aguardamos a ressurreição do corpo. Esperamos pela perfeita aplicação da obra consumada de Cristo para o homem integral. Esperamos isso, mas deste lado da queda, e antes de Cristo voltar, não podemos insistir na "perfeição ou nada", porque acabaremos com o "nada". E isso é tanto verdade na área dos problemas psicológicos como em todas as outras áreas da vida.

Tendo dito isso, acrescentemos que não se deve ir ao outro extremo, esperando menos do que agir no círculo de ser humano feito por Deus como o homem deve – isto é, na sua própria imagem, racional e normal. O que significa isso? Bem, vamos nos lembrar do sino de Pavlov. O som do sino de Pavlov marcou o começo da experimentação sobre o reflexo mecanicamente condicionado. Tocava-se o sino diante do cão antes de alimentá-lo, e depois de um condicionamento apropriado, a saliva vinha à boca do cão sempre que o sino era tocado. Isso é perfeitamente correto com respeito a cães, porque é isso que os cães são e o que Deus os criou para ser. Mas, ai do homem quando ele começa a agir como se isso fosse tudo que o homem é, porque nós não fomos criados nesse círculo da criação. Fomos feitos no círculo da criação à imagem de Deus – não só moral como também racional.

A compreensão de um reflexo condicionado no caso do homem tem seu espaço limitado. Se estudo minha estrutura física, a mecânica tem seu espaço quanto à tensão dos músculos e assim por diante. Mas para o homem isso não é tudo. Se você trata de uma pessoa meramente como se fosse máquina, você perde o ponto; e quando trata do homem meramente como um conjunto de condicionamentos psicológicos, você perdeu o ponto central. Consequentemente, quando cristãos começam a tratar de problemas psicológicos, é preciso que o façam com o reconhecimento de quem o homem é. Eu sou feito à imagem de Deus; sendo assim, sou racional e sou moral; portanto haverá um comportamento consciente e responsável. Não devemos pensar que podemos simplesmente acionar o gatilho para nós ou outros responderem com reflexos mecânicos e então estará tudo bem. Se começarmos a agir assim negaremos as doutrinas em que dizemos que cremos. Na ação que pelo menos chega perto do cerne dos problemas psicológicos, haverá um aspecto consciente, porque Deus fez o homem assim.

O problema psicológico básico é tentar ser o que não somos, e tentar levar o que não conseguimos levar. Sobretudo, o problema básico é não estar disposto a ser as criaturas que somos diante do Criador. Imaginemos que você se encontre com Atlas e que ele esteja carregando o mundo no seu ombro. Na mitologia clássica, não é problema ele carregar o mundo sobre seu ombro, porque ele é Atlas! Você o encontra caminhando em algum lugar do litoral do Norte da África, onde estão as montanhas do Atlas. Ele o vê se aproximando e diz: “Olá, carregue o mundo um pouco.” E você fica esmagado. Fica esmagado porque você não pode levar aquilo que lhe foi dado. O paralelo psicológico é que o homem está tentando ser o centro do universo e recusa ser a criatura que ele é. Está tentando levar o mundo nas costas e é esmagado pelo simples fato de que é de mais para ele suportar. Não há nada complicado sobre isso; ele está esmagado por tentar levar o que ninguém a não ser o próprio Deus pode carregar, porque só Deus é infinito.

O esmagamento pode vir de várias maneiras. Quando se coloca ar demais em um pneu fraco, ele estoura. A razão de arrebentar é a pressão excessiva, mas a ruptura vem no ponto fraco do pneu. Desde a queda, todos temos pontos fracos. Para alguns de nós são mais do lado físico, para outros são mais do psicológico. Se carregamos o que não dá para levar, o estouro vai acontecer e será sempre no ponto da nossa fraqueza inerente. A pressão central insuportável é a de precisar estar no ponto de integração de todas as coisas, porque não nos dispomos a ser as criaturas que somos. Recusamos reconhecer a existência de Deus, ou – mesmo reconhecendo sua existência intelectualmente – na prática recusamos nos curvar diante dele em meio a nossas vidas de-momento-em-momento.

A doutrina cristã fala primeiro em respostas racionais, e depois na prática fala aos resultados psicológicos da revolta do homem desde a queda. Em outras palavras, não é necessário procurar pela cura psicológica fora da estrutura total da doutrina cristã. O evangelho cristão é a resposta, não só teoricamente como também na prática, dentro da unidade do ensino bíblico, e especificamente dentro da unidade do relacionamento criatura-Criador, e do relacionamento redimido-Redentor. Dentro da estrutura da unidade do ensino bíblico existe a possibilidade não só da psicologia teórica, mas também de uma psicologia prática.

Um desses resultados psicológicos da rebelião do homem é o medo. O medo pode chegar em muitos disfarces, mas em geral vem em três áreas: o medo do que é impessoal, o medo do não-ser e o medo da morte. Consegue-se pensar em

outros tipos de medo, mas muitos medos se encaixam sob esses títulos. O medo pode ser pequeno, ou pode ser o horror de grande desespero. Ou será de qualquer tamanho entre esses dois extremos. Muitos homens modernos, que acabaram tendo uma filosofia de desespero, passaram por esse tipo de horror de grande escuridão. Muitos psicólogos, como Carl Gustav Jung, por exemplo, diante deste medo simplesmente dizem ao paciente para agir como se Deus existisse. Em sua última entrevista, uns oito dias antes de sua morte, Jung definiu Deus como "qualquer coisa que atravessa minha vontade fora de mim, ou qualquer coisa que surge do inconsciente coletivo dentro de mim". E seu conselho foi, chame-o de Deus, e renda-se a ele. Em outras palavras, é agir como se.

Mas na unidade do ensino bíblico, Deus realmente existe. Ele não é apenas a imagem-pai projetada, pois o sistema cristão começa com a compreensão e declaração de sua existência objetiva. Em consequência, nunca precisa existir o temor do impessoal. Mas se os homens não têm esse Deus, eventualmente estão diante de apenas um fluir de partículas de energia. Ou, se eles se fecharem e colocarem venda nos olhos para essa conclusão, eles estarão enclausurados com uma humanidade anônima. E quanto mais perceberem a humanidade, mais perceberão sua própria falta de identidade. Disso surge um temor real do impessoal, e eles têm razão de ter medo.

Mas a solução do cristão é que nunca precisa haver medo do impessoal, porque o Deus infinito-pessoal realmente existe.

Isso não é uma peça de teatro. Se vivemos na luz da doutrina que dizemos crer, essa forma muito básica do medo se dissolve. É o que os pais cristãos dizem à criancinha que tem medo de ser deixada sozinha quando a mãe sai do cômodo. Não é algo complexo. É tão simples e profundo como a existência de Deus. A criança tem medo de ser deixada sozinha no escuro com a situação impessoal, e nós podemos ficar ali e consolá-la, mas eventualmente o pai ou a mãe cristã terá de dizer: "Mas você não precisa ter medo, porque Deus está aqui". É uma verdade profunda, não só para crianças. Na realidade, a glória da fé cristã é que as pequenas coisas são profundas e as coisas profundas são surpreendentemente simples.

Por isso, quando a mãe ensina ao filho que Deus está ali com ele, e à medida que a criança cresce e chega a saber por si mesma que há boas e suficientes razões para se conhecer que Deus está ali, isso tem significado em um sentido profundo que provará ser suficiente durante toda sua vida, por meio de suas peregrinações

filosóficas, bem como no escuro da noite. Com base na existência do Deus bíblico, e de quem ele é na estrutura total da fé cristã, não fica sem sentido para a criancinha no escuro, nem fica sem sentido para o mais diligente estudante de filosofia que já andou pelas trevas da especulação filosófica. Não é necessário existir medo nenhum do impessoal.

O segundo temor básico é o medo do não-ser. Por que tantas pessoas hoje estão presas no medo de não ser? É porque o homem moderno não faz ideia de onde ele veio, e não tendo qualquer resposta ao Ser, eventualmente fica trancado na sequência do puro acaso. Portanto teme o não ser, e com razão. Já o cristão, no sistema total do cristianismo, tem a resposta para o Ser, como já vimos. Conhecendo a resposta ao Ser, não há temor do não-ser. Fui criado por um Deus infinito-pessoal, criado realmente fora dele próprio. Então, aqui no meu ser, eu sei quem sou. Tenho uma existência válida. Sendo assim, não há motivo nem necessidade do temor de não ser. Há uma razão de se temer o inferno se estou em revolta contra Deus, mas não há medo nenhum de não ser.

O terceiro temor básico é o medo da morte. E eu trato deste por último porque é o medo mais óbvio, e porque na visão cristã é óbvio que não devemos e não precisamos temer a morte. Para os cristãos, existe uma continuidade de vida em uma linha horizontal direta desta vida até o mundo vindouro. O abismo é passado com o novo nascimento. A morte não é o abismo; já passamos da morte para a vida. Em capítulos anteriores do livro já nos colocamos no Monte da Transfiguração e ali vimos a continuidade que há no espaço e no tempo. Há a ascensão; há Estêvão vendo Jesus; há Paulo vendo Jesus na estrada de Damasco; há João que viu e ouviu Jesus em Patmos. Consequentemente, deve ser bastante óbvio ao cristão, dentro da unidade total da doutrina cristã, que não precisa haver o temor da morte.

Mas agora estamos tratando do problema prático, porque isso não é só coisa teórica. E devemos dizer que, às vezes, em meio à turbulência psicológica, essas verdades são difíceis de aplicar. No entanto, há uma estrutura racional dentro da qual poderemos trabalhar, pensar e conversar, e isso é totalmente diferente da situação de alguém que está em rebeldia contra Deus. O que é necessário em tempo de perturbação psicológica, quer temporária ou mais prolongada, é que nos ajudemos mutuamente a atuar em cima do ensino cristão total unificado. Isso é totalmente diferente da tentativa de trabalhar saltando no escuro sem uma estrutura racional. Precisamos falar um com o outro, ajudar-nos mutuamente a pensar à luz da verdade do sistema cristão unificado todo. Nesse contexto temos

agora um ponto de conversação e contato na estrutura completa, que não irá ceder sob nossos pés. É uma coisa bem diferente de um psicólogo, sentado ali fumando seu cachimbo, insistir que seu paciente jogue sobre ele pessoalmente os seus temores com base na sua própria autoridade, especialmente quando se sabe que ele também tem seus problemas pessoais.

Gostaria de tocar agora em outra área de conflito e tensão: a área dos sentimentos de superioridade e inferioridade em relação a outras pessoas. Muitos de nós se movem para trás e para frente entre a superioridade e a inferioridade, quase como o balanço de um pêndulo. Isso é uma questão de comparações entre a minha pessoa e a dos outros, surgindo do fato que todos somos criaturas sociais. Nenhum homem vive para si mesmo; nenhum homem vive em uma ilha deserta, sozinho. Consideraremos isso com respeito à comunicação com as outras pessoas depois, quando tratarmos do relacionamento do cristão com os demais. Mas aqui nos restringimos aos resultados interiores dos sentimentos de inferioridade e superioridade. Sentimentos de superioridade são uma determinação de meu status em relação a outras pessoas, como se eu não fosse uma criatura entre outras criaturas iguais. Para o cristão, prestígio e confirmação não repousam sobre relacionamentos relativos a outros homens. Como cristão eu não preciso encontrar o meu valor em minha posição, ou julgando-me melhor do que outras pessoas. Minha confirmação e meu status se encontram em estar perante o Deus que existe. Minha confirmação básica e minha condição básica não dependem do que os homens pensam de mim. Portanto os problemas de superioridade estão colocados em uma estrutura completamente diferente e posso tratar deles sem temer que se eu limitar minha superioridade, estarão completamente perdidos o meu valor, confirmação e status.

Acontece coisa bem semelhante com a inferioridade. A inferioridade é como se fosse o inverso, a volta do pêndulo do relógio depois de ter pendurado minha superioridade na parede. Se eu reconhecer a realidade de eu ser criatura, não estarei começando com a expectativa de ser ou ilimitado ou infinito, ou melhor do que os outros. Sei quem sou: sou uma criatura. Vejo-me à luz de ter sido criado por Deus e à luz da queda verdadeira, histórica. Portanto, entendo que é isso que eu sou e que os demais homens são. É um ponto de partida inteiramente diferente. Não tenho de estabelecer um desejo ou expectativa de eu ser intrinsecamente superior, para depois me sentir inferior porque não o alcanço. Se algo existe que escancara as janelas e permite entrar o sol, é isso. As lutas de superioridade e inferioridade, no esquema total do ensino bíblico, podem ser vencidas de maneira tão profunda como os sentimentos de culpa. Como cristãos,

pela graça de Deus, é preciso agir sobre aquilo que dizemos acreditar.

O cristianismo tem outro ponto forte aqui: é que, quando encontro sobre mim essas marcas de tensão ou conflito, sempre existe algo que posso fazer a esse respeito. Em qualquer lugar que possa estar a marca de pecado em mim, sempre que acho em mim mesmo essas marcas, em qualquer situação, não fico sem saída, porque o sangue de Jesus Cristo pode me limpar de toda culpa verdadeira, não uma vez só, mas quantas vezes precisar. Há sempre a possibilidade de um começo realmente novo dentro de uma estrutura totalmente racional. Graças a Deus que há sempre essa possibilidade, sobre a base do valor infinito do sangue de Jesus Cristo derramado na cruz do Calvário.

Finalmente, consideremos alguns aspectos de uma higiene psicológica positiva. Como cristão, em lugar de me colocar, na prática, bem no centro do universo, preciso fazer outra coisa. Isso não só é correto, e deixar de fazê-lo não só é pecado, como fazê-lo é importante para mim nesta vida. Preciso pensar segundo Deus e preciso exercer minha vontade segundo Deus. Pensar segundo Deus, conforme ele se revelou na sua criação e especialmente conforme ele se revelou na Bíblia, é ter uma resposta integrada à vida, tanto intelectualmente como na prática. Em qualquer outra base não tenho isso. Em qualquer outra base, limito-me a estar preso dentro daquela frase que encontro em Eclesiastes, que debaixo do sol “tudo é vaidade”. Quando, pela graça de Deus, eu penso segundo Deus, posso ter integração intelectual. Não preciso mais brincar de esconde-esconde com os fatos que não ouso enfrentar.

Ora, o mesmo é verdade na integração da minha personalidade, da pessoa total. Preciso exercer a vontade segundo Deus. Só há um ponto de integração suficiente, e é o próprio Deus. Como Paulo escreveu aos efésios: “Não vos embriagueis com vinho, no qual há dissolução, mas enchei-vos do Espírito, falando entre vós com salmos, entoando e louvando de coração ao Senhor com hinos e cânticos espirituais” (Ef 5.18-19). Paulo está falando aqui sobre vinho como falso ponto de integração. Em contraste, se eu tenho o Espírito Santo como meu ponto de integração e por meio dele como agente da Trindade estou em comunhão com a Trindade toda, poderei ter alegria e paz, e uma canção. Não tenho de andar assobiando para mim mesmo no escuro; poderá haver canções dentro da noite que vêm de dentro de mim. Veja que esse exemplo emprega o vinho, mas podemos entender aqui que não é só vinho, e ficar bêbado. É também qualquer outra coisa que eu faço para ser meu ponto de integração final em lugar de Deus. Nos meus tempos de universitário, muitas vezes, precisei pôr para

dormir um rapaz que tentava encontrar seu ponto de integração no álcool, e ter de passá-lo por um chuveiro frio às quatro da madrugada por causa de sua "cabeça-dura". Excesso – não há alegria verdadeira nisso. Isso é tentar encontrar um ponto de integração que não é suficiente em si. E qualquer outro ponto de integração que não seja Deus levará ao mesmo fim. Não é só um truque teológico ou psicológico. É o que sou. E nada menos integrará todo meu ser, porque foi para isso que fui criado: para amar a Deus de todo o meu coração, alma e mente. Estar em qualquer outro relacionamento não basta. Há partes de mim que não são abarcadas por nenhum outro relacionamento.

Há muitos pontos de paz e integração falsas, e faz bem reconhecê-los. O entretenimento é um deles. Será que compreendemos que mesmo o entretenimento correto pode ser o ponto errado de integração e ser tão mau e destrutivo quanto o entretenimento errado se eu o coloco no lugar de Deus? Não há nada de errado com o esporte. Muitos esportes são lindos, mas se o esporte se torna meu ponto de integração e toda minha vida gira em torno de bater um segundo do meu tempo na prova de descida, então estou destruído.

É o mesmo com os objetos materiais. No ensino cristão não há nada errado com as coisas materiais em si. Não temos um sistema ascético. Mas é perfeitamente possível um cristão ser um materialista, com seu carro ou seu sistema de som. O homem que procura encontrar o ponto de integração de sua vida em suas posses é o homem que é um materialista na prática.

Não se deve permitir que mesmo a boa música e a boa arte sejam o ponto final de integração. O artista luta para combinar as diagonais, horizontais e verticais no seu quadro para que você, quando olhar para ele, tenha a sensação de paz e descanso. Isso tem seu lugar, e certamente não é errado em si. Mas se for um falso ponto de integração, no sentido de ser o ponto de integração final, e se o seu descanso final, neste mundo, depende de contemplar um conjunto bem equilibrado de verticais, horizontais e diagonais, isso já se tornou um ponto de integração falso. Com a música acontece o mesmo. A música relaxa. É ótimo poder colocar uma gravação da música que lhe leva à quietude, mas não é suficiente como integração final. Então não é só o que é ruim, mas também o que é bom em si, que pode ser destrutivo.

Acontece o mesmo com o sexo. Muito do sexo hoje em dia é meramente uma tentativa de encontrar alguma realidade em um mundo que parece não ter absolutamente nenhum sentido. Muitas vezes é a tentativa de tocar a terra firme

em um universo que se julga não ter essa base. Se o sexo é colocado como ponto de integração absoluto é totalmente errado. Não estou falando só no relacionamento sexual pecaminoso. Refiro-me também às coisas sexuais em seu relacionamento correto, se estas se tornam o nosso ponto final de descanso. São feitas para ser um ponto de descanso, e como tais podem ser belas, mas como o nosso ponto de descanso final são destrutivas. E o comer é exatamente igual. Comer compulsivamente também poderá se tornar um ponto de integração final.

As atividades de investigação intelectual também poderão oferecer falsos pontos de integração. Investigações intelectuais podem ser para a glória de Deus. Mas, atualmente, muito da investigação intelectual não é uma busca da verdade, e sim um jogo – e o melhor jogo que se pode jogar, mais emocionante do que esquiar ou jogar xadrez. Nós aqui, em L'Abri, cremos que o cristianismo tem mesmo respostas intelectuais, e que toda pessoa merece uma resposta honesta para uma pergunta honesta. Mas isso não deve ser o ponto de integração final. O ponto de integração é o próprio Deus. Até os cristãos estão sujeitos a acrescentar sempre mais perguntas intelectuais entre eles e a realidade da comunhão com Deus. Até a doutrina certa pode ser o ponto de integração falso. Muitas vezes, nos dias atuais, a teologia não passa de um jogo superior, igual ao jogo do pensamento intelectual geral. É um esporte intelectual muito excitante. Se eu tivesse de escolher um jogo para preencher o vácuo absoluto de ser um não cristão e de não possuir sentido absoluto para a vida, na minha experiência eu não poderia encontrar, em todo o espectro filosófico, nenhum jogo mais emocionante para jogar do que o jogo teológico. E quase toda a teologia liberal moderna é apenas um jogo; é pura destreza lúdica. Mas mesmo a doutrina ortodoxa poderá se tornar meramente intelectual, um ponto de integração final; e será capaz de nos desligar de Deus em vez de abrir as portas para ele, o que seria sua finalidade. As organizações eclesiásticas, incluindo igrejas boas e verdadeiras, e programas que estão certos em seu devido lugar, tornaram-se veneno sempre que se tornaram o objetivo final.

Pontos de integração falsos poderão parecer satisfatórios, e terminar naquilo que é insuficiente, omitindo fragmentos e partes do homem total. Imagino os pontos de integração falsos como uma lixeira na qual tentamos fazer caber um homem. Mas não tendo tamanho suficiente, quando o empurramos para baixo, a cabeça fica de fora. Então levantamos o homem e o empurramos para baixo de outro jeito, mas desta vez sobram as pernas. Nós o tiramos e socamos na lata de novo, mas agora seu braço fica para fora. Nunca colocamos o homem todo lá dentro. Simplesmente, porque não tem tamanho suficiente para isso. É a fragilidade de

todos os pontos de integração falsos. Por Deus nos ter feito para ser a sua própria imagem, e para um propósito específico, haverá sempre fragmentos e partes sobejando em qualquer vida falsamente integrada. Psicologicamente isso significa novas divisões da personalidade e uma nova necessidade de escape. E em todos esses pontos de integração falsos, para o cristão, há uma perda no céu, porque haverá o julgamento de um crente, e recompensas. Em todos esses falsos pontos de integração, na vida presente, meu amoroso Pai irá me disciplinar, porque ele me ama e quer me trazer para junto de si.

Mas aqui estamos falando também de outra coisa: vemos que a perda não é só no futuro, e não é só no mundo externo presente sob a mão disciplinadora do Senhor que vem sobre nós em seu amor, mas também dentro de nós no mundo do pensamento. Pesa não só sobre o problema no futuro, e não só em nosso relacionamento presente com Deus, mas agora, em meu relacionamento comigo mesmo.

Hoje em dia, tornamo-nos muito conscientes da psicologia, e dos problemas psicológicos, mais do que em qualquer época do passado. Já frisei o fato de que na psicologia moderna há percepções valiosas, obtidas quando esses homens lutavam com os problemas. Muitas vezes têm bons pedacinhos e partes, mas isso não basta sem uma base suficiente. Se os homens agirem em cima dos ensinos da Palavra de Deus, e na proporção em que vivem de acordo com o ensino e as ordens da Bíblia, terão, na prática, uma base psicológica suficiente. Deus é bom para o seu povo. Até onde a pessoa vive à luz do que manda a revelação da Escritura, ela tem um fundamento psicológico. Encontre para mim o pastor fiel da velha cidadezinha, e eu encontro para você um homem que trata de problemas psicológicos na base do ensino da Palavra de Deus, mesmo que ele nunca tenha ouvido a palavra psicologia, nem saiba o que significa. É preferível ter a base e a estrutura certas quanto a quem é o homem e qual a sua finalidade, sem os pedacinhos e partes, do que ter pedacinhos e partes em um vácuo total.

Não que isso diminua a importância de aprender os detalhes com o psicólogo, mas com ou sem ele, não existe uma resposta real para a necessidade psicológica e o fardo pesado do homem fora da estrutura de Criador-criatura, do entendimento da queda, e da obra substitutiva de Jesus Cristo na História.

Se recuso minha posição como criatura diante do Criador, e não me comprometo com ele para que me use, isso é pecado. E qualquer coisa fora disso é um tormento. De que maneira será possível você ter prazer em Deus, gozar da

comunhão com ele, se não for no nível daquilo que você é e na situação em que você está? Qualquer coisa fora disso trará infelicidade, será uma tortura da personalidade pobre e dividida que somos desde a queda. Viver de momento em momento pela fé com base no sangue de Cristo, no poder do Espírito Santo, é a única forma realmente integrada de se viver. É a única maneira de estar tranquilo comigo mesmo, pois só assim não estou procurando carregar o que não posso. Procurar outro caminho é lançar fora meu próprio lugar de descanso, o avanço psicológico substancial que eu como cristão posso ter nesta vida presente.

Tudo isso não é impessoal. Nisso tudo não estou apenas agindo "como se" eu estivesse lançando meu fardo sobre um algo impessoal; ao contrário, estou aceitando o convite do Criador infinito-pessoal. Seu convite pessoal está expresso em 1Pedro 5.7: "Lançando sobre ele toda a vossa ansiedade; porque ele tem cuidado de vós". Não é uma coisa impessoal. Você está simplesmente atendendo ao próprio convite de Deus quando ele diz: "Passe seus cuidados para que eu os leve, porque eu cuido, eu me interesso por você". É o oposto de uma situação impessoal. Você não está passando seus cuidados para uma fórmula matemática impessoal. Você está passando seus cuidados para o Deus infinito-pessoal. Jesus diz: "Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei" (Mt 11.28). Não é só um convite ao não cristão para que venha a Cristo; é ao mesmo tempo um convite contínuo ao cristão. Ele nos convida a descarregar essas ansiedades, não sobre outra pessoa, mas sobre ele. Uma vez que enxergo isso, não preciso ter medo. Penso que seria faltar com a verdade deixarmos de reconhecer que muitas vezes tememos oferecer-nos a Deus para que nos use, de medo das consequências. Mas o medo cai por terra quando vemos diante de quem nos achamos. Estamos em um relacionamento vivo com um Deus vivo, que nos ama, e que mostrou por nós seu amor a tal ponto que Jesus morreu na cruz. O medo cai, e temos a coragem de nos entregar para seu uso sem ter medo, quando vemos que não estamos nos entregando em face de uma situação impessoal, de um mundo que nos odeia ou de um mundo de homens desumanos. Estamos nos oferecendo diante do Deus que nos ama, e que não é monstro, e sim nosso Pai celestial. Ele não nos largará na batalha como um soldado descarta uma peça de equipamento militar para pegar outra, jogando-a na lama. Deus nunca nos tratará assim. Ele não fará uso de nós como arma, sem sequer cuidar da arma. Na mão dele, não só seremos úteis na batalha, como veremos que os golpes sofridos na batalha nos trarão para mais perto dele próprio, porque ele é infinito e pessoal, e porque ele nos ama.

Quando em minha vontade me curvo na prática nesta vida presente, isso termina

com comunhão com Deus como Aba, Pai. Comunhão com Deus requer curvar-me na minha vontade nessas áreas que estudamos nestes capítulos. Somos justificados se aceitamos Cristo como Salvador. Mas a comunhão presente com Deus requer que eu me curve continuamente tanto no intelecto como na vontade. Sem me curvar no intelecto, pensando segundo Deus; sem agir sobre a obra consumada de Cristo na minha vida presente; e sem curvar a minha vontade na prática, enquanto as ondas da vida de hoje se arrebentam sobre mim, não há suficiente comunhão com Deus. Sem essas coisas não estou em minha posição de criatura em um mundo decaído e anormal. As três coisas são absolutamente necessárias para se ter comunhão real e suficiente com Deus na vida presente. Até o ponto em que são reais, um relacionamento pessoa-a-pessoa com Deus acontece. Até onde essas coisas acontecem na prática, eu não sou dividido de mim mesmo e contra mim mesmo. O próprio Criador, como Aba, Pai, agora enxugará as minhas lágrimas e haverá alegria. Este é o sentido da espiritualidade verdadeira em meu relacionamento comigo mesmo.

12

O homem separado de seu semelhante

cura substancial nos

relacionamentos pessoais

Ao nos voltarmos agora para o problema da personalidade, e especificamente aos elementos do amor e comunicação, a chave é o fato de que Deus é um Deus pessoal. O sistema cristão do pensamento e da vida começa com um Deus que é infinito e pessoal, com forte ênfase em sua personalidade. Por causa disso, a personalidade é realmente válida e central no universo, e não apenas uma questão do acaso.

Na Palavra de Deus, do começo ao fim, fica bem claro que Deus nos trata primeiramente com base no que ele próprio é, e em segundo lugar, com base naquilo que ele nos fez. Ele não violará o que ele mesmo é, nem violará o que ele nos fez ser. Portanto, o próprio Deus sempre trata com o homem com base em um relacionamento pessoal. É sempre um relacionamento de pessoa para pessoa. Mais ainda, por Deus ser infinito, ele pode tratar com cada um de nós pessoalmente como se cada um fosse a única pessoa que existisse. Pode tratar conosco pessoalmente porque ele é infinito. Também descobrimos que o tratamento de Deus com os homens nunca é mecânico. Não há nenhum elemento mecânico nisso. Seu modo de tratar com o homem também não é primordialmente jurídico, embora existam no caso aspectos legais que são fundamentados e enraizados na própria personalidade de Deus. O Deus da Bíblia difere dos deuses que o homem cria. Ele é um Deus que tem caráter, e esse caráter é a lei do universo, total e completa. Quando o homem peca, ele quebra essa lei, e porque a lei é violada, o homem é culpado e Deus então deve tratar conosco nesse relacionamento legal apropriado. Sendo assim, visto que temos

sido pecadores, precisamos ser justificados antes que possamos nos chegar a Deus. Mas embora Deus trate conosco no relacionamento legal apropriado, contudo centralmente ele não trata conosco juridicamente, e sim pessoalmente.

Nosso tema aqui nesta parte será a verdadeira espiritualidade em relação ao problema de minha separação de meus semelhantes. É apropriado que o primeiro outro que temos a considerar seja Deus, em lugar de outro homem.

Assim como Deus sempre trata com o homem com base no que Deus é, e no que nós somos, nossa obrigação é fazer o mesmo com respeito a nossos pensamentos sobre Deus e nossos procedimentos com ele. Nosso relacionamento com Deus nunca deve ser considerado como coisa mecânica. É por isso que um sistema sacerdotal forte será sempre errado. Nós nunca poderemos tratar com Deus em um sentido mecânico, e não deveremos tratar com ele meramente em uma base legal, ainda que haja esses relacionamentos legais apropriados. Nosso relacionamento com Deus, depois que nos tornamos cristãos, deve sempre ser centralmente um relacionamento de pessoa para pessoa.

É claro que há essa distinção que não deve ser esquecida, que ele é Criador e nós criaturas; portanto, em todos meus pensamentos e atos para com Deus preciso ter em mente o relacionamento de criatura-Criador. Mas isso não altera a natureza de pessoa a pessoa no nosso relacionamento. Então o mandamento é amar a Deus de todo o nosso coração, alma e mente. Nada menos o satisfaz. Não sou chamado só para ser justificado. O homem foi criado para estar em comunhão pessoal com Deus e para amá-lo. A oração será sempre vista como comunicação de pessoa a pessoa, não simplesmente um exercício devocional. Na verdade, quando a oração se torna apenas um exercício devocional, não é mais uma oração bíblica.

Tendo considerado nosso relacionamento de pessoa para pessoa com Deus, pensemos agora no relacionamento entre nós, isto é, entre indivíduos da nossa espécie. Assim como é centralmente importante lembrar, ao tratar com Deus, que meu relacionamento precisa se conservar na base de criatura para com Criador, da mesma forma quando estou tratando com minha própria espécie, devo lembrar que o relacionamento precisa ser exatamente o oposto: de igual para igual. Mas embora de igual para igual, e não de criatura para com Criador, ou de maior para menor, ainda assim deve ser pessoal. A Bíblia não nos apresenta nenhum relacionamento humano mecânico; não o permite, porque Deus não nos fez máquinas. Além disso, nosso relacionamento com outras pessoas não deve

ser primeiramente jurídico, pois ocorrerão relacionamentos legais apropriados entre as pessoas. Embora isso soe como coisa simples, não é nada simples. Muitas vezes o pecado da igreja tem sido se esquecer exatamente desse ponto importante.

Então, quem são os da minha espécie, quando falo daqueles com quem devo me entender em termos de pessoa para pessoa? Minha espécie são todos os que vieram de Adão. Em Atos 17.26, aprendemos: “De um só fez toda a raça humana para habitar sobre toda a face da terra”. Nós que cremos na Bíblia insistimos em um Adão literal, e se o fazemos, segue com isso algo muito prático: Todos os que vêm de Adão são da minha espécie. Isso é tão amplo como a raça humana, e eu devo ter um relacionamento de pessoa a pessoa, entre iguais, com cada um daqueles com quem entro em contato.

A Bíblia é explícita quanto à humanidade ser dividida em duas classes, e apenas duas: os que aceitaram Cristo como Salvador, e que são, portanto, cristãos, e aqueles que não o aceitaram: aqueles que são irmãos em Cristo, e aqueles que não são. Mas isso não deve obscurecer, no pensamento do verdadeiro cristão, o fato de que seu tratamento primordial em um nível pessoal deverá ser para com todos os homens, e não só para os irmãos em Cristo. A igreja sempre reconheceu isso ao insistir que o casamento é dado por Deus não só aos remidos, mas a todos os homens. Esta é uma ordenança de Deus para todos os homens. O pecado do homem não salvo, e sua separação de Deus, não o isenta das ordenanças humanas de Deus. Como exemplo, quando o Senhor Jesus Cristo estava nos dando o mandamento básico com respeito aos nossos semelhantes, ele usou a palavra próximo. Ele disse: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo”. Quanto a isso, não deve haver distinção entre o cristão e o não cristão. Devo amar o meu próximo. Amar todas as pessoas, como a mim mesmo. E ele deixou bem claro o que quis dizer com isso ao contar a parábola do Bom Samaritano (Lc 10.27-37). É muito significativo que o último dos Dez Mandamentos empregue a mesma palavra; diz que não devemos cobiçar nada do nosso próximo (Êx 20.17). Todo indivíduo é meu próximo e deve ser tratado em um relacionamento humano apropriado, de pessoa para pessoa. Cada vez que agimos de maneira mecânica para com outro ser humano, negamos o ensino central da Palavra de Deus – de que há um Deus pessoal que criou o homem à sua imagem.

Ou podemos expressar isso de outra maneira. Como já disse, nada a não ser o próprio Deus deverá ser a última tela de nosso pensamento e da nossa vida. A última tela, o último ponto em que pensamos, não pode ser só coisas sobre Deus,

precisa ser um relacionamento com o próprio Deus. Isso também precisa valer ao pensarmos sobre as pessoas. A última tela será nada menos que o relacionamento individual e pessoal, em amor e comunicação. O mandamento é que amemos a pessoa, não só que pensemos sobre ela, ou que façamos as coisas por ela. Não devemos parar com um relacionamento legal apropriado – por exemplo, pensar no homem como sendo juridicamente um perdido, o que ele é, à vista de um Deus santo – sem pensar nele como pessoa. Dizendo isso, de repente enxergamos que muito evangelismo não é só subcristão, mas como subumano – legalista e impessoal.

É claro que devemos continuar a enfatizar o outro lado, especialmente neste século moderno que não tem tempo para relacionamentos legais. Em uma época contrária à lei, como essa em que nós vivemos atualmente, devemos sempre enfatizar que os relacionamentos judicialmente apropriados são importantes. São importantes na área do sexo e casamento, importantes em pensar sobre o relacionamento legalmente apropriado na igreja, e na sua pureza. No entanto, nunca devemos perder de vista o coração desses relacionamentos: reconhecendo o indivíduo como ser humano.

Ou então podemos enxergar isso de outra forma. O homem, tendo colocado a si mesmo em vez de Deus no centro do universo, tende a olhar sempre para dentro em vez de para fora. Ele se fez o último ponto de integração do universo. Essa é a essência de sua rebelião contra Deus. Ora, com Deus isso não constitui problema, porque quando Deus se volta a si mesmo, ele é a Trindade, e os membros da Trindade já estavam tendo amor e comunicação entre si antes da criação do mundo. Portanto, quando Deus se volta a si mesmo como centro do universo, ainda há comunicação e amor. Mas quando eu me volto para dentro, não há ninguém com quem eu possa me comunicar. E assim cada homem em si é exatamente como o Minotauro – cabeça de touro – fechado em sua solidão pessoal, no seu labirinto em Creta. Eis a tragédia do homem. Ele não é adequado, e ninguém está lá para atendê-lo.

É isso que, além de conduzir a problemas psicológicos, destrói meu relacionamento com os outros. Por outro lado, quando começo a realmente pensar e agir como criatura de Deus, então consigo me voltar para fora, como igual, relacionando-me com outros semelhantes. De repente, não estou mais falando sozinho. Uma vez que aceito a mim mesmo como igual a todos, posso falar com outras pessoas como igual. Não tenho mais que falar comigo mesmo central e finalmente. Se reconheço que realmente não sou Deus, e que desde a

queda somos todos pecadores, então posso ter relacionamentos humanos verdadeiros sem castigar a mim mesmo por eles não serem suficientes em si, ou por eles não serem perfeitos. A dificuldade com os relacionamentos humanos é que o homem sem Deus não percebe que todos os seres humanos são pecadores, e então ele depende demais de seus relacionamentos pessoais, e estes maceram e se partem. O amor entre um homem e uma mulher jamais foi tão grande a ponto de se poder despejar tudo nele. Assim há de ruir sob seus pés. E, à medida que as pontes começam a quebrar, o relacionamento se destrói. Mas quando sou criatura na presença de Deus, e vejo que o relacionamento máximo é com o Deus infinito, e que esses relacionamentos humanos se verificam entre iguais, eu posso levar de um relacionamento humano aquilo que Deus quis que ele fornecesse, sem colocar a estrutura inteira sob um peso intolerável. E ainda, quando reconheço que nenhum de nós é perfeito nesta vida, posso gozar daquilo que é belo em um relacionamento, sem esperar que ele seja perfeito.

Além disso, no entanto, preciso reconhecer que nenhum relacionamento humano existe que seja afinal suficiente por fim. Esse relacionamento precisa ser com o próprio Deus. Como cristãos nós temos esse relacionamento, e então nossos relacionamentos humanos podem ser válidos mesmo sem ser algo finalmente suficiente. Como pecadores, reconhecendo que não somos perfeitos nesta vida, nós não precisamos rejeitar todos os relacionamentos humanos, o que inclui o relacionamento do casamento, ou os relacionamentos dos cristãos dentro da igreja, só porque provam que não são perfeitos. Com base na obra consumada de Cristo é possível começar a entender, uma vez que vejo isso, que meus relacionamentos podem ser curados substancialmente nesta vida presente. Quando dois cristãos percebem que seu relacionamento encontrou um obstáculo, podem dar a mão e trazer suas falhas para debaixo do sangue de Cristo, e levantarem-se outra vez e prosseguir. Pense no que isso significa na prática nas áreas das relações humanas, no casamento, na igreja, nos relacionamentos entre pais e filhos, nas relações de empregador e empregado.

Ou então há ainda outra maneira de colocar isso. O cristão deve ser uma demonstração da existência de Deus. Mas se nós, como cristãos individuais e como igreja, agirmos em outra base que não seja o relacionamento pessoal com outras pessoas, onde está a demonstração de que Deus o Criador é pessoal? Se em nossa atitude para com as pessoas não há demonstração de que levamos a sério o relacionamento de pessoa para pessoa, é melhor então ficarmos quietos. Precisa haver uma demonstração; para isso somos convocados, vocacionados: para mostrar que existe uma realidade no relacionamento pessoal, e não apenas

palavras a esse respeito. Se o cristão individual, e se a igreja de Cristo, não está permitindo que o Senhor Jesus Cristo produza seu fruto no mundo, como demonstração na área dos relacionamentos pessoais, não podemos esperar que o mundo creia. A falta de amor é um mar sem praias e sem portos, porque é o que Deus não é. E eventualmente vai se afogar, não só a outra pessoa, mas eu também vou me afogar; e pior de tudo, a demonstração de Deus também se afoga quando nada se vê senão um mar de falta de amor e tratamento impessoal. Como cristãos, não nos é permitido estar em comunhão com doutrina falsa. Mas mesmo no meio da batalha contra o falso ensino, não podemos nos esquecer dos relacionamentos pessoais apropriados.

Toda vez que vejo algo de certo em outra pessoa, isso tende a me minimizar, e torna mais fácil eu ter um relacionamento apropriado de criatura para criatura. Mas cada vez que vejo algo de errado nos outros, é um perigo, porque isso pode exaltar o eu; quando isso acontece, minha comunhão aberta com Deus vai por terra. Então quando estou certo, posso estar errado. No meio de estar certo, se o eu é exaltado, minha comunhão com Deus poderá ser destruída. Não é errado estar certo, mas é errado ter a atitude errada ao estar certo, e esquecer que meu relacionamento com meus semelhantes precisa ser sempre pessoal. Se realmente amo uma pessoa assim como eu me amo, vou desejar muito vê-la ser aquilo que ela poderá ser com base na obra de Cristo, pois isto é o que eu quero, ou o que eu deveria querer para mim mesmo, com base na obra de Cristo. E se acontecer o contrário, não só minha comunicação com o homem estará interrompida, como também minha comunicação com Deus. Porque isso é pecado, é quebrar o segundo mandamento, de amar o meu próximo como a mim mesmo.

Isso continua sendo verdade mesmo se a pessoa estiver flagrantemente errada e eu certo. Quando 1Coríntios 13 diz: “O amor não se alegra com a injustiça”, está afirmando o fato. Quando descobrimos que outra pessoa está errada, não devemos nos alegrar com sua iniquidade. E quanto cuidado preciso ter, toda vez que vejo uma situação em que eu estou certo e o outro errado, para não usar isso como desculpa para subir por cima dele e aproveitar para me colocar em uma posição de vantagem sobre aquele indivíduo, em lugar de lembrar-me de meu relacionamento apropriado, de sermos iguais como criaturas diante de Deus.

Então, a próxima pergunta prática deverá ser: se devo me ver como igual a todos os outros indivíduos, pois vivo em um mundo decaído no qual tem de haver uma ordem imposta, e de onde virá essa ordem? Os homens vêm lutando com esta questão por séculos. Mas quero sugerir que do ponto de vista bíblico essa não é

realmente uma questão difícil, conquanto seja bastante prática. A Bíblia faz distinção entre o homem como criatura e os relacionamentos que Deus colocou como ministérios entre os homens. O centro é a ordem nos Dez Mandamentos: “Honra teu pai e tua mãe”. É o cerne da questão toda. Há um relacionamento legal apropriado entre o pai e o filho. Mas isso não quer dizer que quando esse relacionamento legal está em ordem, que tudo seja perfeito. Longe disso. Embora meu filho esteja me honrando, o relacionamento pai-filho pode não ter chegado a ser desfrutado. Os filhos devem amar os pais, e os pais devem amar os filhos em termos pessoais, dentro da estrutura legal, e uma vez considerado isso, entendemos tudo que se segue. É um relacionamento de função, mas entre semelhantes humanos. Se conseguíssemos aprender isso, deixaríamos de ver a tragédia de relacionamentos pai-filho insatisfatórios. Meu filho, enquanto ainda é menor de idade, é meu semelhante como criatura, criada no meu próprio nível; não sou intrinsecamente superior a ele. Por certo número de anos deve existir esse outro relacionamento de função, mas nunca devo me esquecer, quando olho para meu filho, ainda quando o seguro nos meus braços, que aquela criança é uma criatura, criada no meu próprio nível. E mais do que isso, se ele se tornar um cristão enquanto ainda é meu filho menor de idade, não posso esquecer que nesse caso ele não só será meu semelhante por ser criatura, mas também meu irmão ou irmã em Cristo.

E o filho não deverá ter apenas a atitude legal apropriada para com os pais; ele deverá se esforçar para ter um relacionamento pessoal com eles, em amor. Qualquer coisa que não chegue a ser o relacionamento pessoal entre pai e filho será não só errada, como tremendamente triste.

Eis aí o ensino do Novo Testamento sobre os relacionamentos humanos:

[...] não vos embriagueis com vinho, no qual há dissolução, mas enchei-vos do Espírito, falando entre vós com salmos, entoando e louvando de coração ao Senhor com hinos e cânticos espirituais, dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo. As mulheres sejam submissas ao seu próprio marido, como ao Senhor [...]. Maridos, amai vossa mulher, como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela [...]. Assim também os maridos devem amar a sua mulher como ao próprio corpo. Quem ama a esposa a si mesmo se ama. Porque ninguém jamais odiou a própria carne; antes, a alimenta e dela

cuida, como também Cristo o faz com a igreja [...]. Eis por que deixará o homem a seu pai e a sua mãe e se unirá à sua mulher, e se tornarão os dois uma só carne [...]. Não obstante, vós, cada um de per si também ame a própria esposa como a si mesmo, e a esposa respeite ao marido. Filhos, obedecei a vossos pais no Senhor, pois isto é justo. Honra a teu pai e a tua mãe (que é o primeiro mandamento com promessa), para que te vá bem, e sejas de longa vida sobre a terra. E vós, pais, não provoqueis vossos filhos à ira, mas criai-os na disciplina e na admoestação do Senhor. Quanto a vós outros, servos, obedecei a vosso senhor segundo a carne com temor e tremor, na sinceridade do vosso coração, como a Cristo, não servindo à vista, como para agradar a homens, mas como servos de Cristo, fazendo, de coração, a vontade de Deus; servindo de boa vontade, como ao Senhor e não como a homens, certos de que cada um, se fizer alguma coisa boa, receberá isso outra vez do Senhor, quer seja servo, quer livre. E vós, senhores, de igual modo procedei para com eles, deixando as ameaças, sabendo que o Senhor, tanto deles como vosso, está nos céus e que para com ele não há acepção de pessoas. (Ef 5.18-22,25,28-29,31,33; 6.1-9)

Em cada caso mencionado aqui há duas partes: a estrutura legal, e um relacionamento pessoal forte dentro daquela estrutura legal. É tão verdade para o relacionamento conjugal quanto para o relacionamento pai e filho, empregador e empregado. Interessante é notar que a Bíblia também nos dá um relacionamento legal com respeito àqueles que nos governam no Estado. Mas mesmo nisso há um relacionamento pessoal envolvido em nós estarmos orando por essas pessoas.

A igreja não deve ser um lugar de caos, e sim um lugar de ordem. Nós lemos em 1Pedro 5.1-3:

Rogo [...] aos presbíteros que há entre vós, eu, presbítero como eles, e testemunha dos sofrimentos de Cristo, e ainda coparticipante da glória que há de ser revelada: pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós, não por constrangimento, mas espontaneamente, como Deus quer; nem por sórdida ganância, mas de boa vontade; nem como dominadores dos que vos foram confiados, antes, tornando-vos modelos do rebanho.

Aqui vemos nos relacionamentos da igreja do Senhor Jesus Cristo que há um relacionamento de autoridade, mas em meio a isso Pedro roga aos oficiais da igreja para manterem vivo e verdadeiro o relacionamento pessoal. Assim deverá existir uma ordem na igreja, assim como deverá haver uma ordem na família e uma ordem no Estado. Precisa haver uma ordem da autoridade do cargo, mas em cada posição que é apresentada nas Escrituras há a ênfase pessoal dentro do conceito legal. Na igreja o presbítero é que tem o cargo oficial. Mas tanto o presbítero docente (que ensina) como os presbíteros regentes (que administram) são ministros; e a palavra ministrar indica um relacionamento pessoal, e não está falando em domínio. Deverá haver uma ordem na igreja, mas o presbítero docente ou o presbítero regente será ministro, com um relacionamento pessoal amoroso para com aqueles que estão diante dele, mesmo quando eles estão errados e necessitam de admoestação.

Na área daquele cargo, quer na igreja, no lar, ou no Estado, o relacionamento certamente precisa ser pessoal. O homem é um rebelde e precisa haver ordem nesse pobre mundo, mas quando faço uso de qualquer posição de autoridade que Deus me concede, seja no Estado, na igreja, no lar, ou como empregador, deve ser para a glória de Deus e para o bem da outra pessoa. Se preciso fazer juízos legais na minha posição, tendo um cargo em um dos relacionamentos da vida, devo mostrar conscientemente que tudo o que posso fazer é deixar a Bíblia falar. Não tenho autoridade intrínseca em mim mesmo; sou criatura igual à outra pessoa, e eu também sou pecador. Sempre que chego a um lugar de alta posição, devo fazê-lo com temor e tremor, porque devo entender pela Palavra de Deus que, eventualmente, terei de dar conta de minha mordomia, não só com respeito a meus relacionamentos legalmente constituídos, mas com base em meus relacionamentos pessoais.

Uma das dificuldades com os humanistas é que eles têm a tendência de amar a humanidade como um todo – o Homem com letra maiúscula, o Homem como ideia – mas se esquecem do homem como indivíduo, como pessoa. O cristianismo deve ser exatamente o contrário. O cristianismo não é amar no abstrato, e sim amar o indivíduo que está à minha frente em um relacionamento de pessoa para pessoa. Ele não deverá ser um ninguém para mim, porque assim eu estaria negando tudo o que digo que creio. Esse conceito sempre terá seu custo: não é coisa barata, porque vivemos em um mundo caído, e nós mesmos somos criaturas caídas.

Agora devo perguntar: o que acontece quando alguém foi prejudicado ou magoado pelo meu pecado? A Bíblia ensina que logo que confessamos esse pecado a Deus, o sangue derramado do Senhor Jesus Cristo basta para lavar a culpa moral. Como cristãos, insistimos em que todo pecado é, em última análise, contra Deus. Quando eu firo alguém, eu peco contra Deus. Mas nunca podemos nos esquecer de que isso não muda um fato: é que, como o homem foi feito à imagem de Deus, a pessoa que eu feri tem valor real. E isso precisa ser importante para mim, não só como conceito, mas também na minha prática e demonstração. Meu semelhante não é sem importância: ele leva a imagem de Deus. Isso tanto é verdade com respeito ao homem não cristão como ao cristão. Ele é perdido, mas ainda é homem. Ele está perdido, mas ainda é um homem. Portanto quando Deus diz: “Meu filho, este pecado é diferente; com este pecado você machucou outra pessoa”, eu respondo: “O que farei, Senhor?” E a resposta é clara, pela Palavra de Deus: “Acerte com a pessoa que você feriu. A pessoa que você prejudicou não é um zero à esquerda”.

Mas qual é a reação costumeira quando Deus me diz: “Vá, e acerte isso?” É responder: “Mas isso seria humilhante”. Contudo, se eu já me dispus a dizer a Deus que estou arrependido de ter pecado, preciso estar disposto a dizer isso para esta pessoa que eu feri. Como é que posso dizer a Deus: “Sinto muito”, e não me dispor a dizer: “sinto muito” à pessoa prejudicada, quando ela é meu semelhante, igual a mim, criatura como eu, da minha espécie? Arrependimento assim é hipócrita e nada significa. É por isso que tantos de nós têm morte em suas vidas. Não podemos ficar pisando em relacionamentos humanos e esperar que nosso relacionamento com Deus seja agradável, belo, aberto. Não é só questão de estar legalmente correto, e sim de ter um relacionamento verdadeiro de pessoa para pessoa com base em quem eu sou e quem a outra pessoa é.

Em Tiago 5.16 recebemos a ordem: “Confessai, pois, os vossos pecados uns aos outros”. A ordem não é para confessar os pecados a um sacerdote, nem ao grupo, a não ser que o grupo tenha sido prejudicado; é para confessar à pessoa a quem prejudicamos. É uma ordem tão simples, mas, por causa de nosso estado atual imperfeito, muito difícil de obedecer. Sair e dizer “sinto muito” é entrar pela porta baixa: primeiro para confessar a Deus, e então à pessoa ferida. Deixe-me dar a devida ênfase: esta é uma pessoa que está diante de mim, um ser humano, criado à imagem de Deus. Então, apesar de tudo, não é uma porta tão baixa assim, porque só compreende estar disposto a admitir nossa igualdade com aquela pessoa a quem prejudicamos. Sendo igual a ela, é perfeitamente correto que eu queira lhe dizer “sinto muito”. Só o desejo de ser superior é que me faz

ter medo de confessar e de pedir desculpas.

Se estou vivendo em um relacionamento real com a Trindade, meus relacionamentos humanos se tornam mais importantes, de certo modo, porque vejo o valor real do homem, mas menos importante por outro aspecto porque não preciso mais ser Deus nesses relacionamentos. Então agora posso me dirigir a uma pessoa e dizer: “Quero pedir desculpas por tal e tal mal específico que eu lhe causei”, sem desfazer o ponto de integração de meu universo, porque meu ponto de integração não é mais eu mesmo, e sim Deus. E não precisamos esperar as explosões grandes, especialmente entre os irmãos e irmãs em Cristo. Não precisamos esperar que outra pessoa tome a iniciativa. Isso é sermos o que devemos ser, e isso deve acontecer de-momento-em-momento.

É comunicação. Os homens do mundo atual estão perguntando se a personalidade é real, se a comunicação é real, se ela tem sentido. Nós cristãos podemos falar até perder a fala, mas será tudo sem sentido a não ser que possamos demonstrar comunicação. Quando eu me coloco como cristão diante de uma pessoa e digo “sinto muito”, isso não só é legalmente correto e agradável a Deus, como é a verdadeira comunicação em um alto nível pessoal. Nesse contexto, a raça humana é humana.

Naturalmente, a confissão a Deus sempre precisa vir primeiro. É confessar a Deus e colocar o pecado sob o sangue derramado de Cristo que nos purifica – e não a confissão ao homem. Isso nós precisamos enfatizar repetidamente, porque as pessoas se confundem. Mas isso não muda o fato de que depois que já houve confissão a Deus, então deverá haver comunicação real em um relacionamento pessoal, de indivíduo para indivíduo, com a pessoa a quem magoei.

Precisamos ter cuidado com três coisas nessa conexão. Primeiro, devemos cuidar de não fazer isso só para ser visto pelos homens ou pela igreja, porque se for assim, a coisa toda termina pior do que começou; será uma mera exibição.

Segundo, deve-se notar que às vezes será preciso voltar anos atrás. Se perdemos o relacionamento humano, na igreja, na família, ou em geral, quase sempre significa que anos atrás descarrilamos em algum relacionamento pessoal. Ao falar da liberdade de nossa consciência em referência ao pecado perante Deus, já dissemos que temos de voltar ao tempo em que pecamos, quando saímos do trilho, mesmo que tenha sido há vinte anos. O mesmo é verdade nos relacionamentos humanos. Se eu sei que na minha vida, em algum lugar no

passado, eu tratei com algum cristão ou algum não cristão em base menos do que humana, preciso voltar, se for possível, apanhar os pedaços, e dizer “sinto muito”. Há muitos que atestam o fato de que quando voltaram e bateram à porta de uma pessoa e pediram perdão – mesmo depois de muitos anos – tiveram a experiência de fontes de água viva e orvalho de refrigério.

Não acho que existam muitas pessoas de sensibilidade que não se lembrem de algumas portas em que precisaram bater, e alguns pedidos de desculpa que precisem ser feitos.

Terceiro, devemos nos lembrar de que a crucificação de Cristo foi real e ocorreu no mundo exterior. Em Filipenses, a mensagem que temos é a seguinte: “Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus” (2.5). A crucificação de Cristo foi em um monte, perto de uma estrada, onde todo mundo que passava pôde ver não só sua dor como também sua vergonha. O fato não se passou em uma sombra, em algum lugar escondido. E quando você e eu temos algum conceito de realmente estar vivendo sob o sangue do Senhor Jesus Cristo, nossa confissão a Deus e ao homem deve ser tão aberta quanto foi a crucificação de Cristo naquele monte, perante os olhos da humanidade. Temos de estar dispostos à vergonha, bem como à dor, em público. Não basta somente concordar com o princípio quando tratamos desses relacionamentos pessoais; precisamos pôr esse princípio em prática. Só assim poderemos demonstrar ao mundo que nos observa, de uma forma que lhe é inteligível, que nós vivemos em um universo pessoal e que os relacionamentos pessoais são válidos e importantes. Só assim podemos mostrar que somos comprados pelo Senhor Jesus Cristo, não apenas na teoria, mas na prática, e que pode existir cura substancial da separação entre os homens na vida presente, e não só quando chegarmos do outro lado da morte. E se a outra pessoa não é um cristão, isso não faz diferença alguma. A demonstração e a realidade deverão existir da nossa parte, não da dele.

Em duas áreas, sobretudo, a demonstração cristã do amor e comunicação está clara: na área do casal cristão e seus filhos e nos relacionamentos de cristãos na igreja. Se não houver demonstração nesses dois lugares, no nível pessoal, o mundo poderá bem concluir que a doutrina ortodoxa cristã nada é senão palavras frias e mortas. Em uma era orientada para a psicologia, as pessoas poderão tentar desfazer em explicações os resultados individuais de uma vida cristã, mas o amor e a comunicação entre cristãos acrescentam uma dimensão humana que, especialmente em uma época como a nossa, não é fácil de ser explicada.

Quando o homem pecou, certas restrições legais foram colocadas por Deus sobre o homem e a mulher no casamento. A fim de dar uma estrutura para que houvesse ordem em meio a um mundo decaído, a mulher e o homem estão face a face um com o outro como criaturas, contudo o homem tem uma posição, um cargo de responsabilidade, no lar. Mas o relacionamento homem-mulher não poderá ser enunciado apenas no negativo – nem com respeito à ordem errada no lar nem quanto a se cometer adultério, por importante que sejam essas negativas – mas também deverá conter a ordem explícita e a razão para amar. O casamento é um retrato de Cristo e sua igreja (Ef 5.23). Como é pobre o nosso conceito da obra de Cristo se o temos apenas como uma transação legal. Que pobreza é não compreender que deveremos ter comunhão com Cristo e que deverá haver um amor mútuo entre ele, o noivo, e nós, a noiva. Se o casamento humano é para ser um retrato daquela tremenda união de Cristo com sua igreja e do presente relacionamento de Cristo, como noivo, para com sua igreja, como noiva, certamente deverá haver então uma manifestação de alegria e um cântico na comunicação e no amor entre o homem e a mulher.

Nós somos finitos, e portanto não esperamos encontrar suficiência definitiva em nenhum relacionamento humano, inclusive no casamento. A suficiência final só se encontra em um relacionamento com Deus. Mas com base na obra consumada de Cristo, por meio da ação do Espírito Santo e da fé como instrumento, poderá haver uma cura substancial de relacionamentos, e portanto, uma alegria verdadeira.

Como cristão entendemos algo mais. Não só somos finitos, conforme fomos criados, mas desde a queda somos todos pecadores, por isso sabemos que os relacionamentos não serão perfeitos. Mas com base na obra consumada de Cristo, os relacionamentos humanos poderão ser substancialmente curados, e poderão ser cheios de alegria. O cristianismo é a única resposta ao problema do homem. O divórcio múltiplo de hoje tem sua raiz no fato de que muitos estão buscando nos relacionamentos humanos o que os relacionamentos humanos não poderão fornecer nunca. Por que apresentam divórcios múltiplos em vez de meros casos de promiscuidade? Porque estão procurando mais do que só o relacionamento sexual. Mas nunca o conseguem encontrar, porque o que estão buscando não existe em um relacionamento puramente finito. É como tentar satisfazer a sede engolindo areia.

Se o homem tenta encontrar tudo em um relacionamento entre homem e mulher ou na amizade entre duas pessoas, ele destrói a própria coisa que ele deseja e

destrói as pessoas a quem ele ama. Ele os esgota, ele os devora, e tanto as pessoas como o relacionamento ficam destruídos. Mas nós como cristãos não precisamos fazer isso. A suficiência do relacionamento está naquilo que Deus o criou para ser, no Deus infinito-pessoal, com base na obra de Cristo em comunicação e amor.

A mesma coisa acontece quanto a pais cristãos e seus filhos. Se tentamos encontrar tudo nos relacionamentos humanos ou se nos esquecemos de que nem nós nem eles são perfeitos, nós os destruímos. O fato simples é que a ponte não é suficientemente forte. Tentar passar pela ponte dos relacionamentos humanos, pesos que ela não suporta, é destruir tanto o relacionamento quanto nós mesmos. Esses relacionamentos, para o cristão, que não precisa ter tudo em relacionamentos humanos, podem ser muito belos.

O amor é a interação da personalidade total. O relacionamento é pessoal, e toda a personalidade da pessoa constitui a unidade de alma e corpo. A Bíblia ensina que existe algo que é como a continuidade do espírito, depois que o corpo morre. Mas tenhamos aqui o cuidado de não ser platônicos. A ênfase da Escritura está na unidade do homem, na unidade de alma e corpo. E para a comunicação – substancial, ainda que não perfeita – o corpo é o instrumento. Realmente não há outra maneira de se ter comunicação, exceto por meio do corpo. Mas no casamento isso se torna uma coisa muito especial de se compreender. O amor sexual e o amor romântico estão fora de seu lugar quando são extraconjugais, e quando estão, portanto, fora do círculo legal apropriado. Ambos são errados, igualmente errados. E se qualquer dos dois é o todo, mesmo no relacionamento legal apropriado, então os dois vão definhar e terminar em agonia ou em uma busca de variedade; mas se o casal se firma como personalidades – uma personalidade de frente para a outra personalidade – dentro do círculo legal apropriado, então tanto o romântico como o sexual têm sua realização no círculo completo daquilo que somos, no pensar, no agir, no sentir.

Em tal cenário, o livro de Cântico dos Cânticos de Salomão é parte do cântico de triunfo: “O Senhor triunfou gloriosamente”. O inimigo, o diabo, foi lançado nas profundezas do mar. O casamento humano entre cristãos é para ser isso. Há uma ressonância de vida dentro do círculo legal do casamento. Haverá alegria e beleza na interação das personalidades totais.

O pecado é que trouxe uma divisão entre o homem e a mulher, e seus corpos, por isso, tendem a ser separados de suas personalidades. Até onde vivemos assim,

somos menos do que o homem foi projetado para ser. Se nós, como cristãos, vivemos com essa separação, estamos dizendo que o homem do século 21 está certo quando diz: “Somos apenas animais ou máquinas”. No mundo animal, o relacionamento sexual no seu momento apropriado basta, mas nunca é assim com o homem. O que é pessoal é necessário. A coisa precisa ser vista como um todo, como unidade, dentro do círculo legal, mas com a realidade de comunicação e amor.

Se amor e comunicação não se fazem presentes no casamento, como poderá haver o passo seguinte, o relacionamento de pessoa para pessoa entre o pai e o filho? Isso deve crescer a partir do relacionamento substancialmente restaurado do esposo e esposa. Este relacionamento de pai e filho tem também seus aspectos legais; mas, também este, não é primordialmente legal, é pessoal. Com esposo e esposa, e depois com pai e filho, o que é pessoal é planejado como central. As amarras legais vêm primeiro em cada caso, porque nós temos um Deus que tem caráter e que é santo. Mas dentro das amarras legais, a comunicação deve estar presente, e o amor deve estar presente. Adicionando-se um filho no lar, o amor e a comunicação não são mais apenas recíprocos, mas se investem de uma diversidade profunda.

Onde a esposa e o esposo são cristãos, são também irmãos em Cristo, bem como amantes: “minha irmã, noiva minha!” (Ct 4.9, 12). E depois os filhos são acrescentados, também como irmãos e irmãs em Cristo, à medida que crescem um pouco mais e aceitam a morte de Cristo para si mesmos. Em tal cenário qual cristão irá desejar se casar com um não cristão?

Nem todos os cristãos são chamados para ser casados, mas há uma chamada geral: todos os cristãos são convocados para demonstrar ao mundo observador a realidade da interação da personalidade. Existe um relacionamento de um homem para com outro, de uma mulher para com outra, de um amigo para com outro como cristãos e dentro da igreja de Cristo, que também poderá demonstrar como é o relacionamento humano substancialmente restaurado. Houve uma comunhão única na igreja primitiva que, embora não fosse perfeita, era uma realidade presente. E quando lemos sobre a unidade deles na Escritura, e ouvimos as palavras que foram ditas a seu respeito, “Vede como eles se amam”, compreendemos que essa unidade era prática, e não apenas teórica.

Que bonito é o cristianismo! Primeiro, pela vivacidade de suas respostas intelectuais, mas em segundo lugar, pela bela qualidade de suas respostas

humanas e pessoais. E essas precisam ser ricas e belas. Um cristianismo azedo é menos do que um cristianismo ortodoxo. Mas mesmo depois que somos cristãos, essas respostas humanas e pessoais não vêm mecanicamente. Só vêm no nível pessoal, naquele que Deus nos criou para ocupar desde o início. Não há outra maneira de se chegar a essas belas respostas. Não são alcançadas mecanicamente, nem pela pessoa se encontrar no círculo legal apropriado, por mais importante que seja isso. Desenvolvem-se à luz daquilo que dizemos que nós cremos, como cristãos ortodoxos: que somos criaturas, e que, conquanto não perfeitos nesta vida, mesmo depois de nos tornarmos cristãos, contudo pela fé de-momento-em-momento na obra completa de Cristo na cruz, relacionamentos humanos belos podem acontecer e realmente acontecem. Verdade é que precisa existir a doutrina ortodoxa. Mas também precisa existir a prática dessas doutrinas, incluindo a ortodoxia nos relacionamentos humanos.

Hesito em dizer, mas digo o seguinte: que isto é divertido. Deus quer que o cristianismo seja divertido. Deve haver uma realidade de amor e comunicação no relacionamento entre um cristão e outro, individualmente e coletivamente que é completa e verdadeiramente pessoal.

13

cura substancial na igreja

Examinemos agora a verdadeira espiritualidade em relação à nossa separação de nossos semelhantes, particularmente na igreja do Senhor Jesus Cristo.

Na teologia de hoje, há forte tendência de se falar da ressurreição de Jesus Cristo em termos que a equipara com o início da igreja, chamando-se esta de seu Corpo. É uma tendência perniciosa, que causa confusão. A Bíblia insiste em não ser este o caso, e que Jesus ressuscitou dos mortos fisicamente. Entretanto, jamais nos esqueçamos de que, segundo o ensino da Palavra de Deus, fala-se da igreja como sendo o corpo de Cristo. Não se deve esquecer esse ponto ao rejeitar o outro. “[...] assim como em um só corpo temos muitos membros, mas nem todos os membros têm a mesma função, assim também nós, conquanto muitos, somos um só corpo em Cristo e membros uns dos outros” (Rm 12.4-5). Somos um corpo, em Cristo.

[...] assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, constituem um só corpo, assim também com respeito a Cristo. Pois, em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um só Espírito. Porque também o corpo não é um só membro, mas muitos. (1Co 12.12-14)

Portanto, Jesus Cristo ressurgiu dos mortos fisicamente; também, a igreja nasceu no Pentecostes na forma específica em que a conhecemos hoje. Ela é, de maneiras muito específicas, seu corpo. E como corpo seu, a igreja deve mostrá-lo ao mundo, até que ele volte. Assim como nossos corpos são nosso meio de comunicação ao mundo externo, assim a igreja, como corpo de Cristo, deve ser o

meio de comunicação de Cristo ao mundo externo. Nós pensamos os nossos pensamentos e então os transmitimos ao mundo exterior por meio de nossos corpos; nosso corpo físico é o ponto de comunicação com o mundo exterior e é assim que afetamos o mundo. Da mesma forma a igreja, como corpo de Jesus Cristo, é chamada a ser a maneira pela qual ele pode ser mostrado e por meio da qual ele atua no mundo externo até sua segunda vinda. Desde a queda do homem tem havido duas humanidades e não uma só. Há aqueles que ainda estão em revolta contra Deus, e há aqueles que, pela graça de Deus, têm retornado a ele com base na obra de Cristo. A igreja deverá ser a realidade e a demonstração dessa distinção, em cada geração. Nunca deverá haver um momento em que alguma geração possa dizer: "Nós não vemos nada que seja demonstração de um relacionamento substancialmente restaurado entre os homens aqui na vida presente". Cada geração, por sua vez, deve poder olhar para a igreja daquela geração e ver uma demonstração de um relacionamento sobrenaturalmente restaurado, não só entre o indivíduo e Deus, embora isso deva acontecer primeiro; não só entre o indivíduo e ele mesmo, embora isso seja crucial; mas entre um homem e outro, na igreja.

Igreja em grego (Ekklesia) significa simplesmente aquilo que é chamado para fora, chamado para sair de uma humanidade perdida. Essa é a chamada da igreja de Jesus Cristo. Em nossa geração nas artes, na música, na filosofia, no drama, em todo lado que se olha, o homem está percebendo que está sendo menos do que ele sabe que deve ser. Nossa geração vê isso, mas o problema não é novo em nosso tempo. Desde a queda o homem tem sido assim. E a igreja é convocada para sair dessa humanidade, a fim de ser uma humanidade anterior à humanidade perdida.

O básico não é a unidade da organização, embora ela tenha seu lugar. O corpo humano é dirigido pela cabeça. As mãos não estão em relação direta uma com a outra. A razão pela qual cooperam é que cada uma das mãos, cada uma das juntas, cada um dos dedos, está sob o controle de um só ponto de controle, que é a cabeça. Faça o bloqueio do corpo para a cabeça, e o corpo tem convulsão; os dedos, por exemplo, nunca achariam um ao outro, e a uniformidade de ação acabaria.

Acontece exatamente o mesmo com a igreja de Jesus Cristo. A unidade verdadeira não é basicamente uma unidade organizacional; a unidade real não é a de uma parte com as outras partes, mas é a unidade na qual cada parte está sob o controle da Cabeça, funcionando junto, portanto. A unidade da igreja é

basicamente a unidade da Cabeça controlando cada uma das partes. Se eu como indivíduo, ou se grupos de cristãos, não estão sob a liderança da igreja, a igreja de Jesus Cristo funcionará como mãos que não conseguem achar uma à outra; a coisa toda estará quebrada e uma situação de espasmos existirá, na qual a igreja funcionará de uma maneira muito desconjuntada. Isso não só é verdade na igreja inteira do Senhor Jesus Cristo, como é verdade também em qualquer grupo específico de cristãos. Uma igreja local específica, um local de ensino supostamente cristão, uma missão específica, ou algum outro grupo sobre o qual se esteja falando – na proporção em que cada um dos cristãos daquele grupo deixa de estar sob a liderança do Espírito Santo, sob a direção do cabeça, Cristo, esse grupo, proporcionalmente, estará em convulsão.

Lembre-se das “duas cadeiras”. Até onde estou vivendo individualmente no sobrenatural, de-momento-em-momento haverá resultados individuais, e uma demonstração individual. Mas igualmente, na medida em que estivermos vivendo como corpo no grupo coletivo à luz do sobrenatural, haverá resultados coletivos, e uma demonstração. Não é só que o indivíduo deva pensar e viver assim, mas o grupo inteiro como grupo deverá estar sintonizado a viver conscientemente, de-momento-em-momento, na realidade do sobrenatural. Então haverá a demonstração; haverá o resultado que deve existir.

Há uma chamada muito especial, uma unidade especial em cristãos estarem trabalhando juntos – uma unidade não meramente organizacional ou abstrata. Ela não será perfeita na vida aqui, porque a Bíblia não diz que seremos perfeitos nesta vida, mas com base na obra completa de Cristo deverá haver um relacionamento substancialmente restaurado entre os cristãos aqui nesta vida. Pensando em tais coisas, chegamos a algumas considerações práticas. Primeiramente, à medida que a igreja demonstra quem e o que Deus é para cada geração, precisa haver uma ênfase legal correta. Deus tem um caráter. Nós não estamos apresentando um Deus que é o Deus desconhecido no sentido ensinado por [Paul] Tillich. Deus tem um caráter. E por ele ter um caráter, haverá uma demonstração desse caráter, e isso significa funcionar no círculo legal certo. Os aspectos legais apropriados da igreja tratarão primeiro da doutrina, porque se não for assim o corpo estará contando mentiras sobre sua Cabeça.

O próximo passo é que, dentro do círculo legal apropriado, um tratamento será dado tanto à vida do indivíduo como à do grupo. Os aspectos legais não são arbitrários. Suas raízes estão na existência de Deus e no seu caráter, sobre os quais ele já nos falou na Bíblia. A igreja não é um corpo que inventa ideias; a

igreja é uma declaração daquilo que Deus revelou a respeito de si próprio na Escritura. Portanto os aspectos legais são fixados pelo próprio Deus. A igreja deverá representar na realidade a raça humana sobrenaturalmente restaurada, e, sendo assim, é óbvio que precisa haver o círculo legal próprio daqueles que estão na igreja em distinção aos que não estão nela.

Muitos dão ênfase que um cristão não deve se casar com um não cristão, mas estão prontos a estar em uma igreja onde muitas pessoas, incluindo oficiais de destaque, rejeitam abertamente o Deus da Bíblia. Tentar ter amor e comunicação certa, que agrade a Deus, em tais condições é como tentar ter uma vida sexual que agrade a Deus com a esposa de outro homem ou com o esposo de outra mulher. O círculo legal certo precisa vir em primeiro lugar, ou a igreja nominal não será a igreja na realidade. Os homens nem sempre serão levados a aplicar a mesma sanção no mesmo momento, quanto à ordem bíblica, com respeito à prática do princípio da pureza da igreja visível, mas se o princípio em si é abandonado, o círculo legal correto cai por terra tão certamente como se afastássemos a ordem de Cristo e da Bíblia sobre o aspecto legal correto do casamento.* Assim a igreja tem seus relacionamentos legais tanto sobre a doutrina como sobre a vida.

Mas embora seja importante o princípio legal, e tenha seu lugar apropriado, ele não é tudo. Dentro do relacionamento legal correto da igreja, a pessoa de Deus e seu caráter completo deverão ser apresentados pelas palavras e de demonstração. Só Deus é infinito e o homem finito não pode demonstrar isso. Mas como somos criados à sua imagem, tanto individualmente como juntos, nós somos chamados para demonstrar o fato de que ele é pessoal. Isso podemos fazer; é nossa vocação. Por causa da queda não será uma demonstração perfeita – nisso é preciso insistir. Mas como cristãos, a demonstração pode e deve ser uma demonstração verdadeira, e de todos os relacionamentos, é a que melhor define a vocação da igreja como corpo de Cristo.

A questão do círculo legal certo, a batalha contra a falsa doutrina e o pecado, nunca terá fim nesta vida. Mas o devido relacionamento legal, enquanto certo em si, deverá ser apenas a antessala para a realidade de um relacionamento vivo e pessoal, primeiro do grupo com Deus e depois entre aqueles que estão na igreja. Nunca será mecânico e nunca poderá ser apenas legal realmente glorificar a Deus, alegrar-se nele, e demonstrá-lo; será sempre pessoal. Quando a igreja de Cristo funcionar em um nível que for inferior ao pessoal, estará demonstrando menos do que o que Deus é, e portanto, menos do que a igreja deverá ser. É

preciso haver uma demonstração dos relacionamentos pessoais humanos redimidos.

A igreja sempre deu ênfase a essas coisas em seu vocabulário. Falamos na comunhão dos crentes, e já mencionamos o fato de que entramos para um novo relacionamento com outros cristãos quando aceitamos Cristo como Salvador. No novo nascimento, entro em um novo relacionamento com cada uma das três pessoas da Trindade, e eu me torno irmão de todos os outros cristãos, de todos os outros que estão em Cristo, a família de Deus. A igreja foi feita para ser uma verdadeira irmandade, e, assim, uma demonstração visível de fraternidade. Como cristãos ortodoxos, rejeitamos a ênfase atual que destrói a distinção entre homens salvos e homens perdidos. O teólogo liberal deliberadamente derruba a diferença entre salvos e perdidos. Mas ai de qualquer igreja de Cristo que se esforça para manter essa distinção clara, mas que depois não mostra nenhum sinal de união de irmãos. No Credo Apostólico nós afirmamos: “Creio na comunhão dos santos”. Declaramos isso com tanta firmeza quanto os outros itens do Credo. Isso não é para ser simplesmente uma frase teológica, contudo vemos tão pouca comunhão – tão pouca realidade. Não é só para ser compreendida que ela existe, e que se estende, pelo espaço e pelo tempo, com todos os crentes. Há uma união mística dos santos, é verdade, mas a comunhão dos santos deverá ser demonstrada também.

Conscientemente, o que a igreja deve ser, então? A igreja conscientemente (com minha ênfase forte na palavra conscientemente) deverá ser aquilo que incentiva seus membros na vida realmente cristã, na verdadeira espiritualidade – naquilo que expusemos neste livro. Deverá estimular os crentes a serem livres das amarras do pecado, e livres dos resultados das amarras do pecado na vida presente. Deverá incentivar a cura substancial de sua separação de si mesmos e a cura substancial de sua separação dos seus semelhantes, especialmente dos seus irmãos em Cristo.

Por mais legalmente correta que uma igreja seja, se ela não fornecer o ambiente que conduz a essas coisas, ela não é aquilo que deve ser. Primeiramente a igreja deverá ensinar a verdade, e em segundo lugar, a igreja deverá ensinar a prática da existência de Deus, e a prática da realidade e demonstração do caráter de santidade e amor de Deus. A igreja não pode só ensinar essas coisas em palavras; precisamos ver a prática dessas coisas na igreja como um todo, o corpo. A fé pode ser ensinada? As pessoas costumam me fazer essa pergunta, e eu tenho sempre uma resposta: “Sim, a fé pode ser ensinada, mas só por demonstração”.

Não se pode ensinar fé apenas no abstrato. Precisa haver uma demonstração de fé, se a fé vai ser aprendida. Cada grupo deve operar com base na vocação individual de Deus para seus membros – financeiramente e em outros assuntos – mas existe uma regra absoluta: se nosso exemplo não ensina fé, ele é destrutivo. Poderá haver muitas vocações, mas não uma vocação para destruir o ensino da fé. A igreja ou outro grupo cristão que não funcionar como unidade em fé, nunca poderá ser uma escola de fé. Só há um modo de ser uma escola de fé, que é conscientemente funcionar pela fé.

A igreja ou outro grupo cristão também precisa ensinar em palavras o sentido atual da obra de Cristo. Então, conscientemente, deve viver a vida coletiva sobre essa base. Não pode considerar que só porque esta igreja ou grupo está legalmente certo, sua vida cristã coletiva decorrerá automaticamente. Nunca aparecerá automaticamente; Deus não trata conosco automaticamente. Qualquer grupo cristão deverá funcionar de momento em momento por opção consciente com base na obra de Cristo, por meio do poder do Espírito Santo, pela fé. Não é porque o grupo chama seus indivíduos para viver assim, mas porque leva o grupo como grupo a viver assim. É mortal pensar que as coisas vão acontecer automaticamente só por causa de decisões legais passadas, mesmo que tenham sido corretas. Precisa haver a escolha presente, a escolha de-momento-em-momento, uma escolha consciente de atuação com base na obra de Cristo.

Todo grupo cristão deve também ensinar em palavras a obrigação de demonstrar que Deus existe e que ele é pessoal, e depois deve praticar coletivamente essa verdade. Nisso há um preço a pagar, pois os métodos da igreja precisam ser escolhidos com muita oração, cuidado, e critérios simples, e os resultados sozinhos não deverão ser exclusivos. O grupo deve pôr em prática a escolha dos meios para seu trabalho que demonstrem que Deus existe.

Tanto em palavras como na prática, a igreja precisa também, como corpo comum, mostrar que leva a sério a santidade e o amor, e o amor e a comunicação. E como poderá fazer isso a não ser que pratique conscientemente a santidade e amor, o amor e comunicação, tanto para com as pessoas do grupo da igreja, como para os cristãos fora desse grupo?

Resumindo, se a igreja ou outro grupo cristão, como corpo comum, não buscar conscientemente ser liberto das amarras do pecado e dos resultados dessas amarras, com base na obra consumada de Cristo no poder do Espírito pela fé, como vai poder ensinar essas coisas com integridade pela palavra, e como vai

poder ensinar essas coisas de alguma forma pela demonstração? E se a igreja, o grupo, a missão, ou o que quer que seja, não se importa o suficiente para funcionar dessa maneira como corpo comum em seus relacionamentos internos, como irmãos e irmãs em Cristo; e depois em seus relacionamentos humanos externos com aqueles que não estão no grupo, como podemos esperar que os cristãos individualmente levem a sério essas coisas em sua vida pessoal – nos relacionamentos de marido e mulher, de pai e filho, empregador e empregado e outros relacionamentos?

Portanto, os métodos da igreja ou grupo cristão são tão importantes quanto sua mensagem. A igreja deve tratar conscientemente da realidade do sobrenatural. Qualquer coisa que demonstre falta de fé será erro, ou talvez até pecado coletivo. Os teólogos liberais descartam o sobrenatural no seu ensino, mas mesmo a falta de fé do evangélico poderá, na prática, acabar com o sobrenatural. Será que posso explicar isso do seguinte modo? Se eu acordasse amanhã de manhã e descobrisse que tudo o que a Bíblia ensina sobre a oração e o Espírito Santo tivesse sido removido (não como um liberal o removeria, pela interpretação errônea, mas realmente removido) que diferença faria na prática conforme estamos funcionando hoje? O simples fato trágico é que em grande parte da igreja do Senhor Jesus Cristo – a igreja evangélica – não haveria diferença nenhuma. Funcionamos como se o sobrenatural não estivesse aí.

Se a igreja não demonstra o sobrenatural na nossa geração, o que é que vai demonstrá-lo? A obra do Senhor, feita à maneira do Senhor, não se refere somente à mensagem; relaciona-se também ao método. Deve haver algo que o mundo não desfaça por explicações segundo os métodos do mundo, ou pela psicologia aplicada. E não estou falando aqui das manifestações externas, especiais, do Espírito Santo, e sim da promessa normal e universal à igreja quanto à operação do Espírito.

São três coisas sobre o Espírito Santo que são promessas universais à igreja. Primeiro: “[...] recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e então sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra” (At 1.8). A palavra então não está lá no grego, mas certamente a ideia central dela está. A igreja não deverá ser uma testemunha na sua própria força, mas a promessa universal à igreja é que com a vinda do Espírito Santo haverá poder.

Segundo: há uma promessa universal do fruto do Espírito: “[...] o fruto do

Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Contra estas coisas não há lei. E os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e concupiscências. Se vivemos no Espírito, andemos também no Espírito" (Gl 5.22-25). Se aceitamos Cristo como Salvador, vivemos no Espírito, portanto andemos no Espírito também. E esses frutos do Espírito não são alguma coisa especial; são uma promessa universal, dada à igreja.

E a terceira coisa que é prometida universalmente com respeito ao Espírito Santo é que o Cristo ressuscitado e glorificado estará com a igreja pelo agenciamento do Espírito Santo: "[...] eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco, o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê, nem o conhece; vós o conheceis, porque ele habita convosco e estará em vós. Não vos deixarei órfãos: voltarei para vós" (Jo 14.16-18).

Note bem as palavras: "Não vos deixarei órfãos, voltarei para vós". A promessa de Cristo – crucificado, ressuscitado, assunto ao céu, glorificado – é que ele estará com sua igreja, entre a ascensão e a segunda vinda, por intermédio da ação do Espírito Santo habitando interiormente. São promessas universais, feitas à igreja enquanto durar nossa era.

Essas são as coisas que o mundo deverá ver quando olhar para a igreja – algo que não há meio de desfazer com explicações. A igreja deverá ser comprometida com a realidade prática dessas coisas, não meramente concordando com elas. Existe uma distinção entre pessoas, mesmo pessoas convertidas, a edificarem a igreja de Cristo, e Cristo a edificar sua igreja por meio de pessoas convertidas e consagradas.

Não se deveria permitir que questões organizacionais e financeiras atrapalhassem a liderança do Espírito Santo sobre as pessoas e do grupo. Não adianta falar dessas coisas no abstrato, sem trazê-las ao verdadeiro local onde as batalhas são travadas. Arranjos organizacionais e financeiros da igreja não devem excluir a fé nem contradizer o sobrenatural. Não devem excluir a demonstração da realidade da existência de Deus. Em toda a história da igreja, percebe-se que o perigo sempre surge em ocasião de emergência. Surge uma emergência que nos faz suprimir a demonstração da fé, e descontar a possibilidade de Deus guiar por meio de assuntos financeiros. Sempre parece haver uma razão legítima de se estender a mão para segurar a arca. Quando Uzá

estendeu a mão para segurar a arca, ele pensou que tinha uma boa razão para desobedecer a Palavra de Deus (2Sm 6.6-7). A essa altura, ele não confiou mais em Deus para manter firme a arca. Será que não poderia cair? Não poderia sofrer abalo algo da obra e da glória de Deus? Esse perigo acontece muito em emergências organizacionais e financeiras, quando parece por um momento que a glória de Deus está comprometida.

Deverá haver uma realidade sobrenatural de-momento-em-momento para o grupo, bem como para o indivíduo. É o que realmente importa. Comparado a isso, tudo o mais é secundário. Nossa inclinação é pensar em Cristo construindo sua igreja invisível e nós a igreja visível. A tendência é raciocinar nesse tipo de dicotomia. Portanto, nossa construção da igreja visível torna-se parecida com a função de qualquer negócio natural, usando meios naturais e motivos naturais. Quantas vezes verificamos que para fazer os negócios do Senhor Jesus Cristo, há uma rápida oração de abertura, uma rápida oração de encerramento depois que metade das pessoas já saiu, mas entre gerenciar os negócios do Senhor e os negócios de alguma empresa comercial bem organizada não há diferença alguma?

Em lugar disso deveríamos sempre olhar para ele, sempre aguardando e orando pela sua direção, de-momento-em-momento. É um mundo diferente. Não o faremos muito bem – estaremos sempre pobres neste mundo decaído, até Jesus voltar. Mas a igreja do Senhor Jesus Cristo deve funcionar de-momento-em-momento em um nível sobrenatural. Isso é a igreja vivendo pela fé, não pela falta de fé. Isso é a igreja vivendo na prática sob a liderança de Cristo, em vez de pensar em Cristo lá longe construindo a igreja invisível, enquanto nós construímos a que está perto com a nossa própria sabedoria e poder. Isso coloca a igreja na batalha sobrenatural, que se estende até as regiões celestiais, e não só na batalha natural. Isso eleva essa batalha, para não ser a mesma simples batalha de outras organizações, de outros homens, ao nível da batalha verdadeira da igreja na guerra total, incluindo a guerra invisível da parte invisível da realidade. Isso faz com que a igreja seja a Igreja, e sem isso, a igreja é menos do que a Igreja. Com o padrão objetivo da Palavra de Deus, e a habitação interior do Espírito Santo, nessas áreas devemos ser inteiramente entregues a Cristo.

A oração agora será bem mais do que um mero ato religioso abstrato e devocional. É a ação em que a igreja é a Igreja, e em que Cristo está no seu meio de forma especial, definida e real. Ter organização não é errado; digamos isso fortemente. A organização é ordenada claramente na Palavra de Deus, e é

necessária em um mundo caído. Mas se torna errada se interfere, se atrapalha o relacionamento da igreja com Cristo. A simplicidade na organização é, portanto, preferível, embora ao mesmo tempo seja fácil demais fixar os olhos na simplicidade organizacional e esquecer o motivo da simplicidade, que é: Cristo deve realmente ser o Cabeça da igreja.

Em um mundo decaído existe a necessidade de organização, e existe também a necessidade de liderança cristã. Mas os líderes, como detentores de cargos, posicionam-se em relação à igreja de Jesus Cristo, ao povo de Deus, como irmãos e irmãs em Cristo, assim como líderes. A igreja como um todo, e os oficiais, deverá funcionar conscientemente com base na igualdade entre indivíduos criados à imagem de Deus, e igualmente no sentido de todos serem pecadores remidos pelo sangue do Cordeiro. Dessa forma, crendo no sacerdócio de todos os verdadeiros crentes, crendo no relacionamento sobrenaturalmente restaurado entre os que são irmãos em Cristo, crendo na habitação interior do Espírito Santo em cada cristão – a organização e liderança cristã não se colocam em antítese para a verdadeira espiritualidade.

Com esse tipo de mentalidade na igreja, também, podemos dizer alguma coisa sobre a atitude de lealdade. A lealdade na igreja de Cristo deve ser encontrada em escala ascendente. Inverter essa escala é destruir a igreja. A primeira lealdade deve ser dada a Deus como Deus, em um nível pessoal. É lealdade pessoal para com a pessoa do Deus vivo, e é essencial e primordial, acima de todas as outras lealdades. Sinto isso tão fortemente que eu poria a segunda lealdade em escala decrescente; a lealdade para com os princípios do cristianismo revelado. Não que eu desejaria separar esses princípios do cristianismo revelado do Deus pessoal, e sim que é porque eles vêm dele que eles têm qualquer autoridade.

A terceira, em importância, é a lealdade para com as organizações, não porque foram chamadas de igrejas, de organizações eclesiásticas, e porque vêm com continuidade durante certo número de anos, séculos, milênios, mas só até onde são biblicamente fiéis. E logo abaixo, em quarto lugar, deverá estar a lealdade à liderança humana. Precisa ser conservada na ordem apropriada. Inverter a ordem é ser totalmente destrutivo. Se a lealdade à liderança humana se torna central, nossa tendência é nem mesmo mostrar lealdade para com nossa própria organização (que em si já seria terrivelmente limitada) e sim a nosso partido dentro da organização. Mas se, por outro lado, nós conservamos os olhos na lealdade ao Deus pessoal como nosso primeiro amor, estamos propensos a amar, em um nível prático, todos aqueles que são de Cristo.

Mais uma vez vamos frisar que o fim a ser alcançado em trabalhar pela pureza da igreja visível é o relacionamento amoroso, primeiro para com Deus e depois para com os nossos irmãos. Não nos esqueçamos de que o fim principal se define não pelo que estamos contra, e sim pelo que estamos a favor.

Vamos trazer tudo isso a nosso próprio nível. Amar a igreja toda não é só amar a igreja em geral, impessoalmente, como o homem humanista que ama o Homem, mas pouco se preocupa com o indivíduo. Como seres finitos, não podemos conhecer toda a igreja que está na terra no momento, para não falar em toda a igreja por todo o espaço e o tempo. Então o que significa "amar a igreja de Jesus Cristo" na prática? Está explicitamente delineado no Novo Testamento que os cristãos devem se reunir em congregações e grupos. Nessas igrejas e grupos, a igreja universal está recortada, por assim dizer, no nosso próprio tamanho. Podemos conhecer uns aos outros em um nível pessoal e ter amor e comunicação de pessoa para pessoa.

Deus ordena que nós nos congreguemos, até Jesus voltar (Hb 10.25). A ordem é não só para nos reunirmos, como para nos ajudarmos mutuamente (v. 24). O cristianismo é coisa individual, mas não é somente coisa individual. Deverá haver verdadeira comunidade, oferecendo uns aos outros ajuda verdadeira tanto espiritual como material. Na igreja do Novo Testamento, este amor e comunidade eram estendidos à sua responsabilidade, sob a liderança do Espírito Santo, por todas as necessidades para a vida, incluindo as materiais. Na igreja local, os cristãos daquela congregação em particular são chamados a um contato pessoal mais próximo. É isso que suporta estar sob uma verificação completa – não só por parte dos homens, mas por parte de Deus e dos anjos e dos demônios do mundo invisível. Muitos filhos de cristãos se perderam porque nada viram de amor e comunicação verdadeira nesse corpo em que isso pode ser visto, na igreja reduzida para o nosso tamanho.

Isso é importante para o homem moderno, que perdeu sua humanidade. O problema do homem moderno não é o chegar às estrelas; é a perda de sua humanidade. Então eis aqui alguma coisa para o homem moderno ver: a interação de seres humanos verdadeiros em um grupo suficientemente pequeno para ela ser possível na prática. É claro que há um elemento de perigo em tirar nossa própria família de seu círculo social esterilizado. Há o perigo de que nossas pequenas certezas estratificadas das formas de pensar e dos círculos sejam desafiadas. Mas se não é isso, que sentido deve ter a comunidade dos santos? Não é só um grupo de estranhos assentados sob um teto nem é um modo

de pensar provinciano pré-estabelecido; mas qualquer que tenha sido o valor real, sendo reajustados, eventualmente os valores reais se tornam os valores do grupo e daqueles que lhe pertencem. É assim que o aspecto de classe média da igreja em todos os nossos países, aspecto que preocupa as pessoas da igreja em toda parte, pode ser realmente mudado: com as portas abertas aos intelectuais, aos operários, e aos novos pagãos. Há perigo para o nosso modo de viver estabelecido, mas dentro da estrutura da Bíblia e sob a liderança do Espírito Santo também há a possibilidade de grande glória.

A igreja local, ou o grupo cristão, deve ser certa, mas também deve ser harmoniosa. O grupo local deveria ser o exemplo do relacionamento sobrenatural e substancialmente curado entre os homens, na vida atual.

As igrejas primitivas evidenciaram isso no âmbito local. Por exemplo, em Atos 2.42-46 temos algo que indica o ritmo.

[...] perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações. Em cada alma havia temor; e muitos prodígios e sinais eram feitos por intermédio dos apóstolos. Todos os que creram estavam juntos e tinham tudo em comum. Vendiam as suas propriedades e bens, distribuindo o produto entre todos, à medida que alguém tinha necessidade. Diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam o pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração.

A nomeação de diáconos na igreja primitiva demonstrava isso, também. Esses homens estavam servindo as mesas, em uma situação local, não apenas como ideia ou princípio, mas servindo pessoas individuais em um ponto do espaço e do tempo (At 6.1-5). Houve um problema com as viúvas cristãs que falavam grego, que estavam sendo negligenciadas na área de ajuda material por causa do problema da linguagem; foi uma situação real. Não foi só uma ideia, mas homens de verdade servindo mesas de verdade. Quantas igrejas ortodoxas locais estão mortas nesse ponto, com tão pouco sinal de amor e comunicação: com teologia ortodoxa bíblica, mas mortas e antipáticas! Se nenhuma realidade existe no âmbito local, negamos o que dizemos crer ao máximo, porque o que realmente estamos negando é que Deus seja um Deus pessoal. Deve haver a

mentalidade, na situação local, de interesse nas pessoas como pessoas, e não só como membros de igreja, frequentadores ou contribuintes. São pessoas, e isso se relaciona com a nossa afirmação de que cremos em um universo pessoal porque tudo começa com um Deus pessoal.

Na igreja local a possibilidade da diversidade de amor e comunicação, em lugar de uma situação apenas recíproca (como no relacionamento de esposo-esposa), se expande maravilhosamente. No Antigo Testamento o todo da vida e de cultura se baseava no relacionamento do povo de Deus primeiro para com Deus e depois de um para com o outro. Não era só uma vida religiosa; era toda a cultura. Era uma relação cultural total, e embora o Novo Testamento não veja mais o povo de Deus como Estado, ainda há uma ênfase no fato de que a cultura e todo o modo de vida estejam envolvidos nessa diversidade vital de amor e comunicação. Não há nenhuma dicotomia platônica entre o espiritual e as outras coisas da vida. Assim, lemos em Atos 4.31-32:

Tendo eles orado, tremeu o lugar onde estavam reunidos; todos ficaram cheios do Espírito Santo e, com intrepidez, anunciavam a palavra de Deus. Da multidão dos que creram era um o coração e a alma. Ninguém considerava exclusivamente sua nem uma das coisas que possuía; tudo, porém, lhes era comum.

A Bíblia deixa bem claro aqui que isso não é um comunismo por lei ou pressão externa. De fato, Pedro, falando com Ananias sobre sua propriedade, enfatizou: “Conservando-o, porventura, não seria teu? E, vendido, não estaria em teu poder?” (At 5.4). Esse compartilhamento não é lei, mas amor verdadeiro e comunicação verdadeira do homem total ao homem total, por todo o espectro do que a humanidade é. A mesma coisa aconteceu mais longe. Os gentios cristãos deram dinheiro para Paulo levar aos judeus cristãos. Por quê? Para que houvesse compartilhamento de posses materiais. Isso é dez mil vezes diferente da contribuição morta, fria, da maioria dos cristãos. Não é um ato frio e impessoal de desencargo de obrigação e nada mais, e sim um compartilhamento do homem total com o homem total. O verdadeiro ofertar cristão se faz em amor e comunicação por toda a estrutura da interação entre homens íntegros.

Lembre-se de que já vimos que a espiritualidade verdadeira tem sentido em todos os relacionamentos práticos da vida: de esposo-esposa, pai-filho, empregador-empregado. Essas coisas devem ser ensinadas na igreja como aspecto do lado consciente da santificação, para serem entendidas e depois servirem de base para a ação por escolha. O ambiente da igreja local ou outro grupo cristão deve favorecer o desenvolvimento dessas coisas. Tal crescimento nunca será de uma vez por todas, mas, como tudo o mais em nossa vida, será um processo de-momento-em-momento. Deve haver um ensino de-momento-em-momento, um exemplo de-momento-em-momento, do significado presente da obra de Cristo, e uma escolha consciente do indivíduo e do grupo para se apoderar dessas coisas. Deve haver fé, de-momento-em-momento, nas promessas de Deus, para que nos apoderemos dessas coisas – primeiro na instrução e depois no exemplo.

A igreja precisa funcionar conscientemente com base na obra consumada de Cristo e não na base altiva de qualquer valor inerente que ela tenha por ser igreja, ou de qualquer superioridade inerente suposta ou assumida. Deve estar conscientemente atuando com base no relacionamento sobrenaturalmente restaurado e na demonstração desse relacionamento restaurado, e não com base em meros dons e talentos naturais. E quando essas coisas são esquecidas ou diminuídas por causa de relacionamentos passados, presentes ou legais, o grupo todo poderá entristecer o Espírito Santo tão certamente como pode o cristão individualmente. O Espírito Santo é aquele por quem o corpo de Cristo está unido e se o corpo não se importa com estar bem ajustado e consolidado, é o Espírito que fica entristecido.

Como no casamento, tudo isso é possível porque o próprio Deus é o ponto de referência máximo, e assim os membros da igreja local não precisam depender de mais uns dos outros. A igreja deve ser o que ela puder ser, pois ela não precisa ser o que não pode ser. O pastor não tem de pôr toda a responsabilidade no povo, e o povo não precisa pôr toda a responsabilidade no pastor. Tudo deve depender de apenas um – aquele que é infinito e pessoal, e que pode conduzir tudo perfeitamente. Não é só questão de pendurar tudo em doutrinas sobre o infinito e o Deus pessoal, mas nele como pessoa – porque ele está ali, e ele conhece o grupo local por nome, e os indivíduos do grupo por nome.

As alternativas não estão entre o perfeito ou não ser nada. Assim como as pessoas destroem casamentos porque estão procurando o que é romântico e sexualmente perfeito e não o encontram neste pobre mundo, assim os seres

humanos muitas vezes destroem o que teria sido possível em uma igreja verdadeira ou em um grupo cristão verdadeiro. Não é somente o eles envolvidos que não são perfeitos ainda, mas também o eu não sou perfeito ainda. Na ausência da perfeição no tempo presente, os cristãos devem se ajudar mutuamente, para alcançar uma cura substancial com base na obra concluída de Cristo.

Essa é a nossa vocação. É parte da nossa riqueza em Cristo: a realidade da verdadeira espiritualidade, a vida cristã, em relação à minha separação de meus semelhantes – incluindo aqueles que são meus irmãos e irmãs em Cristo – na igreja como um todo e na igreja local ou em outro grupo cristão. Não é para ser praticada de maneira tediosa e antipática; será uma coisa bela, observada pelos de dentro e os de fora. Essa é uma parte importante da pregação do evangelho para a humanidade ainda revoltada contra Deus, além disso, é a única coisa certa quando se tem por base a existência do Deus pessoal e o que Cristo fez por nós na História, sobre a cruz.

E tendo chegado até aqui, a verdadeira espiritualidade – a vida cristã – continua fluindo para a cultura total.

Nota

* Ver The Church Before the Watching World. Inter-Varsity Press, 1971. [Publicado no Brasil pela Cultura Cristã, como parte do título A igreja no século 21, 2010. (N. do R.).]